

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

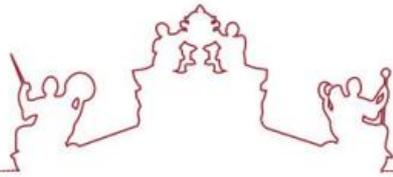
Estereótipos de género nas relações de parentalidade: Um estudo exploratório

Vanessa Alexandra Roxo Rosa

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2022





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

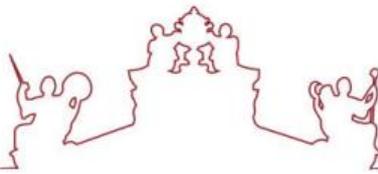
Dissertação

Estereótipos de género nas relações de parentalidade: Um estudo exploratório

Vanessa Alexandra Roxo Rosa

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2022



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Constança Biscaia (Universidade de Évora)

Vogais | Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)
Madalena Melo (Universidade de Évora) (Arguente)

Évora 2022



Agradecimentos

Com o meu percurso académico a chegar ao fim, sinto-me muito orgulhosa com o que consegui alcançar e pelas experiências que tive, que fizeram-me crescer muito e levo grandes aprendizagens para a vida. Foram anos muito trabalhosos, algumas vezes difíceis, mas sem dúvida que recompensador e valeu tudo a pena.

Agora deixo Évora feliz com saudade e mais perto de tornar-me psicóloga e tenho de agradecer a todos que fizeram parte deste percurso e contribuíram para que fosse possível e me apoiaram incondicionalmente.

Particularmente, quero agradecer...

À Professora Doutora Heldemerina Pires, minha orientadora pelo seu contributo fundamental na concretização da dissertação com muita dedicação para levar as coisas a melhor caminho, em que sempre se mostrou compreensiva e através das suas palavras de apoio me motivou.

À minha família pela confiança e oportunidade de ter vivenciado esta jornada e serem o meu refúgio e maior força, pela ajuda dada para ultrapassar os momentos difíceis e por estarem a me acompanhar e me lembrarem do propósito final.

Aos meus amigos que sempre se mostraram disponíveis para ajudar e me incentivaram, que estiveram presentes e um agradecimento especial para a Joana Salvador, uma grande amiga e companheira desta viagem por todos os sorrisos e lágrimas que partilhamos, pela amizade, entajuda e trocas de ideias que tivemos. É uma pessoa que admiro e tenho orgulho de ter na minha vida.

Aos participantes do meu estudo pela disponibilidade e pelas partilhas.

A todos um Muito Obrigada!

Estereótipos de género nas relações de parentalidade: Um estudo exploratório

Resumo

O presente estudo tem como objetivo investigar a que níveis os estereótipos de género se perpetuam no contexto familiar. Participaram neste estudo 20 sujeitos, os quais incluem 8 jovens de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e 23 anos, com um irmão ou irmã que seja do outro sexo, e os seus respetivos pai e/ou mãe (N=12). Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas e analisados com recurso à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que os estereótipos de género se encontram, sobretudo, nas expectativas que os progenitores têm para o comportamento de rapazes e raparigas, refletindo-se pelo modo como avaliam ou reagem às suas atitudes. Os pais e mães mostram ser mais exigentes e restritivos com as filhas, e por sua vez, assumem uma postura mais severa com os filhos perante escolhas que não aceitem. Também ao nível da comunicação, nota-se uma grande proximidade e confiança entre as raparigas e suas mães.

Palavras chave: estereótipos de género; dinâmica familiar; parentalidade; socialização; expectativas

Gender stereotypes in parenting: An exploratory study

Abstract

The present study aims to investigate the levels at which gender stereotypes are perpetuated in the family context. Participated in this study 20 subjects, which include 8 young people of both sexes, aged between 15 and 23 years old, with a brother or sister who is of the other and their respective father and/or mother. Data was collected through semi-structured interviews assessed through content analysis. The results revealed that gender stereotypes are mainly found in the expectations that parents have for the behavior of boys and girls, reflected in the way they evaluate or react to their attitudes. Fathers and mothers show that they are more demanding and restrictive with their daughters, and in turn, take a more severe stance with their children in the face of choices they do not accept. Also, in terms of communication, there is a great closeness and trust between the girls and their mothers.

Key-words: gender stereotypes; family dynamics; parenting; socialization; expectations

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	ii
1. Introdução e Enquadramento Teórico	1
1.1. Introdução	1
1.2. Estereótipos de Género	2
1.2.1. Conceito de género	2
1.2.2. Conceito de estereótipo	4
1.3. Aprendizagem Social	5
1.4. Práticas de Socialização e Interação entre pais/mães e filhos/as	6
1.5. Práticas educativas/Estilos Parentais	11
2. Método	15
2.1. Enquadramento Metodológico	15
2.2. Objetivos	16
2.3. Participantes	16
2.4. Instrumento	20
2.5. Procedimentos de recolha e tratamento dos dados	22
3. Apresentação dos Resultados	24
4. Discussão	58
Referências Bibliográficas	72
Anexos	82
Anexo A – Guião de Entrevista aos Pais e Mães	82
Anexo B – Guião de Entrevista aos Filhos e Filhas	85
Anexo C – Consentimento Informado	88
Anexo D – Perspetiva Global das Entrevistas	89

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica dos Pais/Encarregados de Educação Entrevistados

Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos/as Jovens Entrevistados/as

Tabela 3. Categoria 1: Responsabilidade da mãe

Tabela 4. Categoria 2: Divisão de tarefas por todos

Tabela 5. Categoria 3: Disponibilidade

Tabela 6. Categoria 4: Atividades separadas

Tabela 7. Categoria 5: Atividades conjuntas

Tabela 8. Categoria 6: Presença e incentivo

Tabela 9. Categoria 7: Diferente

Tabela 10. Categoria 8: Relacionamento igual

Tabela 11. Categoria 1: Divisão de tarefas entre mãe e filha

Tabela 12. Categoria 2: Responsabilidade da mãe

Tabela 13. Categoria 3: Divisão de tarefas por todos

Tabela 14. Categoria 4: Disponibilidade

Tabela 15. Categoria 5: Atividades com um dos progenitores

Tabela 16. Categoria 6: Atividades com ambos os progenitores

Tabela 17. Categoria 7: Assuntos Gerais (e escola)

Tabela 18. Categoria 8: Assuntos íntimos e pessoais

Tabela 19. Categoria 9: Maneira como são vistos/tratados

Tabela 20. Categoria 10: Grau e tipo de conversa

Tabela 21. Categoria 11: Inalterável

Tabela 22. Categoria 12: Demonstração de agrado

Tabela 23. Categoria 13: Demonstração de desagrado

- Tabela 24.** Categoria 14: Igual
- Tabela 25.** Categoria 15: Existem diferenças
- Tabela 26.** Categoria 16: Diferenças na interação
- Tabela 27.** Categoria 17: Sem diferenças na interação
- Tabela 28.** Categoria 1: Organização
- Tabela 29.** Categoria 2: Espontaneidade
- Tabela 30.** Categoria 3: Valores e princípios
- Tabela 31.** Categoria 4: Independência
- Tabela 32.** Categoria 5: Inteligência e criatividade
- Tabela 33.** Categoria 6: Carinhoso
- Tabela 34.** Categoria 7: Indiferente
- Tabela 35.** Categoria 8: Diferenciado
- Tabela 36.** Categoria 9: Comuns/Indiferenciados
- Tabela 37.** Categoria 10: Tipificados pelo gênero
- Tabela 38.** Categoria 11: Reação negativa
- Tabela 39.** Categoria 12: Reação positiva
- Tabela 40.** Categoria 13: Mesmas responsabilidades
- Tabela 41.** Categoria 1: Não Identificada/Nenhuma
- Tabela 42.** Categoria 2: Apoio
- Tabela 43.** Categoria 3: Falta de apoio
- Tabela 44.** Categoria 4: Afeto
- Tabela 45.** Categoria 5: Sem benefícios
- Tabela 46.** Categoria 6: Expressividade
- Tabela 47.** Categoria 7: Figura de apoio

Tabela 48. Categoria 1: Aconselhamento

Tabela 49. Categoria 2: Diálogo

Tabela 50. Categoria 3: Castigo

Tabela 51. Categoria 4: Educação e formação da pessoa

Tabela 52. Categoria 5: Mudanças relacionadas com puberdade e sexualidade

Tabela 53. Categoria 6: Mudanças relacionadas com as interações

Tabela 54. Categoria 1: Interesse

Tabela 55. Categoria 2: Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes

Tabela 56. Categoria 3: Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas

Tabela 57. Categoria 4: Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes

Tabela 58. Categoria 5: Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas

1. Introdução e Enquadramento Teórico

1.1. Introdução

Na atualidade é possível verificar que dadas mudanças relacionadas com o conceito de infância e a transmissão de valores para as crianças, a sociedade tem estado a exercer pressão para o desempenho de uma parentalidade ideal, que acarreta consequências na forma dos progenitores interagirem com os seus filhos e filhas (Botton et al., 2015).

No seio familiar, as crianças experienciam desde cedo o processo de socialização, pelo qual apreendem o significado e posteriormente as representações do género masculino e feminino, tendo os progenitores como modelos de identificação (Gomes, 2000). Como tal, os progenitores transmitem aos rapazes e raparigas as diferenças face aos papéis de género, direcionando o seu comportamento para o que é expectável segundo os estereótipos (Castañeda, 2006). Isto acontece ao nível do tipo de atividades que são incentivadas, ao teor das conversas que os progenitores estabelecem para rapazes e raparigas e a escolha de brinquedos, roupa e tarefas dos progenitores para as crianças (Pomerleau et al., 1990; Lytton & Romney, 1991; Endendijik et al., 2014). Leaper e Friedman em 2008 reforçaram esta ideia, ao afirmar que os progenitores tendem a relacionar-se de forma distinta com os filhos e filhas. Nesta interação vão criando certas expectativas e reforços condicionados pelo tipo de características de personalidade e comportamentos adequados para cada um dos géneros (Leaper & Friedman, 2008). Portanto, depreende-se que o sexo influencia a dinâmica que se estabelece entre as figuras parentais e as crianças (Yoo, 2017).

Tendo em conta o mencionado anteriormente, um aspeto em que está presente e se transmite essa diferença é através da educação dos filhos e filhas, sendo a educação das raparigas associada a um papel visto pela sociedade como tradicionalmente feminino, enquanto que no caso dos rapazes a educação será consonante com a visão tradicional da sociedade sobre o género masculino (Rebllon et al., 2016). Neste sentido, autores como Winsler e colaboradores, 2005, referem que os próprios estilos parentais utilizados pelos progenitores mostram diferenças para os filhos e filhas, ideia concordante com a perspetiva de que as estratégias educativas dos pais/mães se baseiam nas crenças face aos papéis de género, dependendo dos seus estereótipos (Bem, 1981). De acordo com Fagan e seus colaboradores, 2011, a principal diferença no comportamento parental quanto aos

filhos e filhas, é que tanto os pais como as mães apresentam maiores preocupações com as raparigas, sujeitando-as a um controlo maior e impondo limites ao seu comportamento. Os progenitores utilizam com maior frequência estratégias de apoio à autonomia com os rapazes (Domenech Rodríguez et al, 2009). Contudo, há dados que aprovam para uma tendência das mães a serem mais rigorosas com os rapazes comparativamente às raparigas (Weber et al., 2004). Para além disto, é notório uma grande proximidade da mãe com ambos os filhos, sendo a mesma a demonstrar ser mais afetuosa e muito calorosa com as filhas, contrariamente ao pai, que perante os filhos reage de forma severa e expressa-se com alguma agressividade (Maccoby, 2003, cit. por Soares, 2012; Mckee et al., 2007). Estes dados sugerem que, a parentalidade reflete o tipo de relação que se estabelece entre cada um dos progenitores com os filhos e filhas e também, em que medida isso é um fator da permanência de diferenças nos comportamentos e características de homens e mulheres (Campbell & Gilmore, 2007).

Assim, o objetivo do presente estudo é investigar a que níveis os estereótipos de género se perpetuam no contexto familiar.

De seguida, iremos apresentar informação sobre os conceitos fundamentais de suporte ao nosso estudo. Na segunda parte relativa ao método utilizado para a concretização do estudo, são apresentados os instrumentos, descritos os procedimentos utilizados bem como a caracterização dos participantes. A última parte inclui a análise e discussão dos resultados e também as conclusões do estudo com considerações sobre as suas limitações e sugestões de futuras investigações.

1.2. Estereótipos de Género

1.2.1. Conceito de género

A referência às palavras género e sexo ao longo do texto está adequada á sua utilização no senso comum.

O género compreende características como normas, papéis e relacionamentos que estão definidos para homens e mulheres (Blaine, 2007). Estes aspetos têm valor cultural e englobam qualquer padrão e comportamento atribuído pela sociedade como adequado para cada um dos sexos, estando a sua influência presente desde o contexto familiar até ao local de trabalho (Suarez, 2018). De acordo com Bennett e colaboradores, 2000, o género apresenta-se como uma característica primária na perceção da pessoa, sendo também associado aos sentimentos, comportamentos e atitudes correspondentes ao sexo

biológico dos indivíduos (Melo, 2018). O mesmo é aprendido utilizando-se a comunicação, em que são as interações a moldar a compreensão do significado de ser masculino ou feminino, e simultaneamente, vão determinando o que é aceitável e a identidade vai evidenciando ou contrariando essas crenças (Wood & Eagly, 2010). Neste sentido, podemos falar em papel de género, constituindo o padrão de aparência, personalidade e comportamento que culturalmente se associa ao facto de ser homem ou mulher, o qual nem sempre corresponde ao expectável pelo nascimento (Melo, 2018). Além disto, engloba os papéis sociais atribuídos para homem e mulher que são reflexo dos estereótipos existentes. Tais papéis são relativos a certas atividades que implicam a limitação de comportamentos para o homem e a mulher. Portanto, o homem é visto como corajoso, destemido, assertivo, competitivo e dominante, procurando-se que no género masculino se destaquem características como a liderança, a agressividade e a independência (Wood & Eagly, 2010; Rudman et al., 2012). Pelo contrário, a mulher caracteriza-se pela sua amabilidade e compassividade, mostrando preocupação com os outros e mais expressiva emocionalmente (Wood e Eagly, 2010). Segundo Rudman e seus colegas, 2012, o género feminino é encorajado a ser bom ouvinte, sensível, afetuoso e cuidador. Neste sentido, numa perspetiva tradicional a mulher assume dentro da família as funções de esposa e mãe, em que é a responsável pelo trabalho doméstico e a educação dos filhos/filhas e compete-lhe atender como satisfazer as necessidades relacionais e emocionais dos outros. Por esta razão é esperado que seja dependente face ao homem, ao qual se atribui o poder de decisão sobre os assuntos da casa, tendo a função de sustentar e garantir a segurança da família, privilegiando a suas ambições de carreira (Aulette, 1994, cit. por Staricek, 2011). No domínio profissional também se assiste a uma divisão da sociedade quanto ao comportamento de cada um dos géneros, em que predomina uma representatividade maior de mulheres em áreas como a educação, saúde e serviço social, enquanto que para os homens ocupam maioritariamente funções relacionadas por exemplo com a gestão e engenharia (U.S Department of Labor, 2012, cit. por Endendijk et al., 2016).

Um conceito subjacente ao do género e importante é a identidade de género, como um elemento essencial no desenvolvimento do self e inclui o conjunto de crenças, atitudes e estereótipos relacionados com o masculino e feminino, que são internalizados pela criança e vão influenciar o tipo de interesses e comportamentos manifestados ao longo da vida (Costa & Antoniazzi, 1999; Blaine, 2007).

Partindo do que foi exposto, a forma como as crianças são educadas tem bastante impacto nas questões do gênero, no sentido em que a comunicação dos progenitores para os rapazes e raparigas reforça determinados aspetos de quais são os comportamentos apropriados de homens e mulheres como através dos estímulos é que são expostos. As crianças utilizam essa experiência para avaliar a realidade, acentuando diferenças entre os géneros e desse modo criam estereótipos (Ellemers, 2017).

1.2.2. Conceito de estereótipos

Os estereótipos representam imagens mentais formadas pelos indivíduos como meio de organizar e estruturar a realidade, que têm por base os valores individuais e inserem determinados grupos sociais em categorias específicas (Lippmann, 1961). Na sua construção o indivíduo tem um papel ativo, pois a informação disponível é seletiva e parcial. Assim sendo, o processo de estereotipização implica determinadas funções cognitivas e sociais que são nomeadamente a economia de esforço, as necessidades de definição, distinção, consistência e estabilidade e finalmente a defesa dos próprios interesses (Lippmann, 1961). É através dos mesmos, que o nosso cérebro permite que consigamos identificar, interpretar e relembrar aspetos que observamos e aprendemos sobre os outros (Amodio, 2014).

Assim, considerando o que foi anteriormente exposto, os estereótipos de género consistem nas características, traços e qualidades atribuídos as pessoas segundo o sexo, que geralmente estão relacionadas com os papéis e identidade social designados para homem e mulher. Estes, indicam as funções correspondentes ao facto de ser masculino ou feminino (Amurrio et al., 2012). Para além disto, refletem as expectativas que temos sobre o padrão de comportamento de homens e mulheres e suas necessidades, ao utilizarmos determinadas palavras para transmitir realizações específicas do género feminino e masculino e também pelo modo como avaliamos ou valorizamos o trabalho de ambos os sexos (Ellemers, 2017). De acordo com Prentice e Carranza, 2002, esta categorização que fazemos das pessoas pelo género oferece uma visão da realidade muito reduzida, contribuindo para o acentuar das diferenças percebidas entre homens e mulheres e conseqüentemente uma grande desigualdade social.

Nelson (1966) referiu que os estereótipos de género ao serem aprendidos influenciam a nossa perceção e julgamentos face aos outros e reforçam a ideia de oposição entre ambos os sexos, o que pode explicar algumas diferenças encontradas na atitude dos progenitores para com os rapazes e raparigas (Moon, 2008). De acordo com Suarez

(2018), tais crenças são construídas através de processos de aprendizagem social, que ocorrem sobretudo no meio familiar e escolar.

1.3. Aprendizagem Social

Toda a informação que conseguimos obter é possível ser aprendida com base na observação do comportamento dos outros e das suas consequências, resultando na chamada aprendizagem social ou vicariante. Neste processo as pessoas podem adquirir rapidamente respostas sobre atividades físicas, papéis sociais e estereótipos (Bandura, 1986). A teoria da aprendizagem social refere que o comportamento humano resulta da interação recíproca e contínua de determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais (Bandura, 1977). Nas palavras de Bandura (1989), é assim que as crianças adquirem os comportamentos, valores e atitudes vistos na cultura como próprios do género pelo reforço seletivo e observação de modelos reais ou simbólicos (Miranda, 2008). Então surge o processo de modelagem, que consiste na observação, imitação e integração de comportamentos de um modelo (qualquer pessoa significativa para a criança), que implica a ação dos seguintes elementos: atenção, retenção, comportamento e motivação (Bandura, 1989).

A atenção refere-se à capacidade da pessoa em seletivamente determinar o conteúdo que deve observar e os aspetos mais significativos a extrair (Bussey & Bandura, 1984). Tal capacidade é o que permite às pessoas serem capazes de imitar um comportamento e depois guardá-lo na memória. Costuma ser influenciada pela visualização direta/indireta do observador, a repetição, o prestígio do modelo, a relação com o modelo e características do observador (Bandura, 1989). Através dos modelos, as crianças têm exemplos de atividades típicas de cada um dos géneros, sendo a observar tanto o desempenho de homem como de mulheres que vão aprender sobre os estereótipos (Bussey & Bandura, 1984). De seguida temos a retenção, processo que envolve a transformação e reestruturação da informação em símbolos e códigos para armazenar na memória regras e conceitos de estilos de comportamento (Carroll & Bandura, 1990). Relativamente ao comportamento, Bandura (1989) afirma que corresponde à transformação das nossas representações simbólicas em ações, fazendo com que a informação já memorizada sirva para guiar e avaliar quais os comportamentos adequados e forma de os executar. O comportamento está sujeito a melhorias através do feedback de outras pessoas (Bandura, 1989). Por fim, a motivação compreende que a reprodução do comportamento depende da avaliação que a criança tem dos resultados do

comportamento, as consequências que foram observadas nos outros e os resultados da autoavaliação do próprio comportamento (Bandura, 1989). De acordo com Bandura e Barab (1971), os seres humanos tendem a adotar estilos de comportamento que produziram resultados favoráveis aos seus semelhantes e procuram não repetir aqueles que observaram ter efeitos aversivos.

Segundo Robinson (1966), a tendência das pessoas em se aproximar ou distanciar-se de certas situações sociais acontece devido a um processo de categorização, que envolve a diferenciação/integração dos indivíduos em grupos. Isto ajuda a explicar o facto de as crianças estabelecerem relações de maior proximidade com sujeitos do mesmo sexo, com os quais identificam características em comum. Bussey e Bandura (1999) defendem que este processo de identificação compreende a apropriação e consequente interpretação da criança das características e qualidades percebidas no progenitor do mesmo sexo, com o qual a criança torna-se tipificada pelo sexo. Acrescentam ainda que à medida que as crianças têm consciência do seu género dá-se uma associação entre a conduta que devem apresentar e os seus pensamentos.

1.4. Práticas de Socialização e Interação entre pais/mães e filhos/as

Atualmente, a família apresenta novos desafios inerentes aos papéis assumidos pelos indivíduos, que vieram das transformações sofridas ao longo do tempo nos seus modelos e formas (Silva & Chaveiro, 2009). Pode-se observar na sociedade diferentes padrões de comportamento, mostrando o contraste entre os valores de gerações mais antigas com os de ideias modernas. Segundo Silva e Chaveiro (2009), a família é um espaço no qual são perpetuados preconceitos, criam-se formas de agir, falar e de relacionar-se com os outros. Desse modo, é no seio familiar que as crianças estabelecem e adquirem as normas e regras sociais que lhes permitem ser parte integrante da sociedade, sendo o primeiro contexto para ocorrer a aprendizagem dos papéis e estereótipos ao nível da identidade sexual (Torres et al., 2008).

Tendo isso em conta, de seguida, iremos abordar o processo de socialização, pelo qual as crianças através das suas interações aprendem as regras, valores, crenças, tipos de comportamentos, habilidades, motivações, padrões e hábitos aceites na sociedade (França, 2006). Neste sentido, reflete a internalização dos valores da cultura pela ação de agentes socializadores como a escola, amigos, comunicação social e principalmente as aprendizagens no contexto familiar (Louro, 2008). Os indivíduos durante o processo de socialização, consideram a interpretação dos outros da realidade social para criarem a sua

própria representação do mundo e dessa forma constroem a sua identidade como reflexo dos papéis e atitudes que observam nos adultos significativos. (González, 1999). Logo, a socialização ocorre mediante a reprodução e identificação de comportamentos que são assimilados pelas crianças (Espinar, 2009).

Relativamente a esta temática, importa salientar o conceito de metas de socialização, definindo como as crenças parentais quanto ao pretendido para o futuro dos filhos e filhas. Estas crenças representam os objetivos limitados pelos pais face às crianças que irão determinar o comportamento dos mesmos e conseqüentemente o desenvolvimento dos indivíduos (Keller & Kartner, 2013). Desse modo, os progenitores são o principal agente de socialização servindo de modelos para os filhos e filhas enquanto homem/mulher, nomeadamente ao nível das suas interações e transmitindo as normas impostas a cada género (Leaper & Friedman, 2008). Têm a responsabilidade de moldar a personalidade dos indivíduos, bem como de orientar o seu comportamento social e transmitir as tais crenças, estereótipos, valores, convicções e padrões culturais, sendo que para os filhos e filhas os progenitores possuem conhecimento absoluto de tudo e tomam sempre as decisões mais acertadas (Campos, 2015). Na perspetiva de Espinar (2009), inclui-se aqui aspetos como a divisão das tarefas domésticas, a tomada de decisões ou a figura dominante em casa. Também segundo Txabarri (2015), tradicionalmente ao género feminino compete tarefas como cuidar da casa e servir os outros, e por outro lado, ao género masculino são atribuídas atividades de maiores níveis de competência, que permitam o controlo sobre o ambiente externo. Como tal, vê-se muito precocemente as crianças a serem socializadas face ao género quando aprendem quais as características inerentes a rapazes e raparigas e na escolha dos seus interesses. Assim, o resultado é uma certa delimitação do espaço diferenciado para as normas de comportamento entre os dois géneros, uma vez que se prepara as raparigas para desenvolverem sentimentos de fragilidade e fraqueza, enquanto os rapazes são ensinados para desenvolver sentimentos de força e capacidade para explorar o mundo (Botero & Pavas, 2015).

Os estudos de Kohlberg (1966) e Bandura (1971), mostram que o fator da socialização é predominante para se acentuarem diferença psicossociais entre os dois sexos, uma vez que os indivíduos são influenciados a apresentar crença sobre a conduta adequada para homens e mulheres. Kohlberg (1966), sugere que a aprendizagem das crianças quanto ao papel sexual e posterior desenvolvimento da identidade de género depende da sua perceção do mundo (Duveen, 1990, cit. por Miranda, 2008). Por outro

lado, a teoria dos esquemas de género, aborda a importância dos fatores culturais na criação de traços assimilados pelas crianças como masculinos ou femininos (Bem, 1981). Portanto, esta teoria pressupõe que as crianças formam um conceito de género que irá afetar os seus comportamentos e atitudes. Os esquemas de género são utilizados para os indivíduos aprenderem a dar significado às experiências e processarem novas informações, e assim adquirem padrões comportamentais que correspondam às suas estruturas cognitivas (e.g. ideias pré-concebidas face ao feminino/masculino) e orientam as suas ações (Bem, 1981). Este processo acontece, pelo conhecimento que as crianças recebem ao observar os outros. Neste processo de observação, aprendem sobre os padrões correspondentes a masculinidade e feminilidade, incluindo diferenças físicas entre os dois sexos, os seus papéis sociais, as suas características e a forma como são tratados pela sociedade, assim como ajudam a filtrar as suas perceções (Bem, 1983, cit. por Kollmayer, 2016)

Nota-se que a partir dos 3 anos as crianças já começam a interiorizar quais os estereótipos de género devido aos discursos dos progenitores, mostrando terem a capacidade de saber distinguir roupa, brinquedos e jogos específicos de rapazes e raparigas (Castañeda, 2006). Buss-Simão (2013) argumenta que esse reconhecimento e definição de género ocorre também por meio de objetos, acessórios, visual e gestos. Endendijk e colaboradores (2014) afirmaram que as figuras parentais normalmente realçam os aspetos positivos de certas atividades e comportamentos para os seus filhos e filhas consoante o género. Assim, assiste-se a uma dinâmica familiar constantemente, influenciada por diferenças de género, que passa em aspetos como rotinas, jogos e brincadeiras, projetos de futuro, perpetuando diferenças quanto aos papéis sociais (Abrantes, 2011). Tudo o que a criança vê e ouve dentro do ambiente familiar, a mesma internaliza e reproduz (Leaper & Friedman, 2008).

Autores, entre os quais Costa e colaboradores, 2000, Roskam e Meunier, 2009, e Yoo, 2017, concordam que a relação estabelecida entre os progenitores e filhos/as é afetada pelo sexo da criança e dessa forma há uma tendência dos progenitores para interagir diferentemente com os rapazes e raparigas. Assim, foi sugerido que o género tem influência sobre as práticas parentais, como também condiciona o desenvolvimento de certos papeis, atitudes e interações sociais por parte das crianças. Nascimento e Trindade, 2010, apontaram ainda para o facto do tipo de afeto e expectativas dos progenitores face aos filhos/as estar relacionado com o sexo dos mesmos/as. Os autores

referem que tal acontece durante a fase da gestação, quando as figuras parentais têm conhecimento do sexo do bebé e começam a preparar o quarto, baseando-se no ideal de ser homem ou mulher.

Como foi referido anteriormente, rapazes e raparigas são socializados distintamente pelos seus progenitores. Desse modo, existem quatro formas de se evidenciar tal comportamento, que incluem o acompanhamento dos progenitores em atividades específicas (e.g. o pai ensinar o filho a jogar futebol e a mãe ensinar a filha a cuidar de um bebé); as expectativas que os progenitores estabelecem para os filhos, considerando por exemplo que as meninas têm maior dificuldade à matemática, enquanto que os meninos não são de mostrar os sentimentos); o tipo de oportunidades que são encorajadas e o facto de os progenitores imporem mais restrições às filhas relativamente aos filhos (Leaper, 2002). Especificamente, ocorrem nuances ao nível do tipo de atividades incentivadas pelos progenitores, das conversas que mantêm com os filhos/as e por último quanto à escolha de brinquedos e roupa (Pomerleau et al., 1990; Lytton & Romney, 1991; Endendijk et al., 2014). Outros aspetos em que podemos observar o fenómeno passam pela imposição do trabalho doméstico às raparigas, melhores expectativas face ao percurso académico das raparigas e altos níveis de agressividade e postura mais severa do pai com os rapazes (Pettit et al., 2001; McKeeA et al., 2007; Tamis-Lemonda et al., 2009). Para além disto, demonstrou-se que as mães apresentam uma maior proximidade e atitude afetuosa para com os filhos e filhas e conhecem melhor os gostos das raparigas, bem como os pais face aos gostos dos rapazes (Maccoby, 2003, cit. por Soares, 2012). Deste modo, os comportamentos de rapazes e raparigas serão muito díspares tal como as atividades em que se envolverão, acabando por condicionar os seus resultados e sucesso em vários domínios da vida (Mandara et al., 2010).

É evidente que as dinâmicas estabelecidas entre mães/pais e filhos/filhas assumem múltiplas formas que divergem em aspetos como as características da relação e os resultados subjacentes (Lytton & Romney, 1991). Também importa mencionar que o facto de os progenitores terem diferentes perspetivas quanto ao seu papel afeta o seu comportamento perante as crianças, tal como a reação das mesmas face aos progenitores varia. Collins e Russel (1991) cit. por Russel e Saebel (1997) referem que é bastante comum os filhos e filhas desenvolverem uma maior afinidade com o cuidador do mesmo sexo.

Relativamente à relação das mães com as filhas, foi observado que é marcada pela presença de uma grande intimidade e partilha experiências, sendo caracterizada para as raparigas como um modelo e a oportunidade de conhecerem de forma ampla o seu papel (Belenky et al., 1986, cit. por Russel & Saebel, 1997). Quanto à relação mães e filhos, esta por sua vez são pautadas pela sua intensidade e excitação, pois os rapazes com as mães vivem mais momentos de “confronto” porque a progenitora representa uma perspetiva feminina e eles percecionam as coisas de uma perspetiva masculina (Rowland & Thomas, 1996, cit. por Russel & Saebel, 1997). No caso de falarmos da dinâmica existente entre o pai com os seus filhos e filhas, observa-se que ao relacionarem-se com o pai as raparigas complementam a sua noção de comportamento feminino. Perante a interação com o comportamento masculino do progenitor, realçam-se diferenças entre os géneros e o papel de cada um na relação (Johnson, 1975, cit. por Russel & Saebel, 1997). Além disto, segundo Tessman (1988) cit. por Russel e Saebel (1997), é o pai que contribui para o desenvolvimento da forma de amar e sentido de trabalho nas raparigas. Em contrapartida, para os rapazes a relação com esta figura parental tem um papel muito importante na sua vida, sendo o pai que mais influencia a compreensão do filho sobre o mundo (Vogt & Sirridge, 1991, cit. por Russell & Saegel, 1997).

Partindo do exposto acima, até ao nível da comunicação se encontram diferenças entre os dois progenitores face às crianças. Numa análise realizada por Fitzpatrick e Vangelisti (1995), conclui-se que os homens são mais predispostos a encontrar respostas instrumentais para solucionar os problemas dos filhos/as sem dar-lhes a oportunidade de se explicarem e tentar compreender o seu lado, enquanto as mulheres tendem a querer dialogar com os filhos/as e mantêm o foco nas suas atividades. Indo ao encontro de tal ideia, considera-se que as mães demonstram maior capacidade em reconhecer e aceitar as opiniões dos filhos/as (Stewart et al., 1996).

Sintetizando, o relacionamento das raparigas com os progenitores é caracterizado por ser mais caloroso, baseado na confiança, relutância em dar punições e incentivar bastante a reflexão sobre a vida. Ainda, em relação aos padrões comunicacionais, os progenitores valorizam fortemente nas raparigas a proximidade interpessoal, sendo muito carinhosos e fazendo elogios e com os rapazes encorajam a sua autonomia, podendo envolver na comunicação algum criticismo (McNaughton & Niedzwiecki, 2000).

1.5. Práticas educativas/Estilos parentais

No que se refere ao aspeto da educação dos filhos/as, para as raparigas os progenitores procuram que esta se aproxime ao papel entendido pela sociedade como tradicionalmente feminino. No caso dos rapazes, procuram que a educação seja consonante com a visão tradicional da sociedade sobre a representação do masculino (Heimer, 1996; Rebellon et al., 2016). Dentro das estratégias utilizadas pelos progenitores para educar os seus filhos e filhas surgem as práticas educativas. O conceito engloba todas as situações do quotidiano típicas da interação entre pais/mães-filhos/filhas, que se destinam à sua socialização ou controlo do comportamento (Hoffman, 1975). Por essa razão, implicam estratégias com o objetivo de inibir comportamentos desajustados socialmente e reforçar a repetição dos mais aceitáveis. Na visão de Darling e Steinberg (1993) relacionam-se com o desenvolvimento de comportamentos e características específicas na criança. Ainda, as práticas educativas têm por base crenças associadas aos papéis de género, o que permite aos progenitores criar certas expectativas sobre o comportamento e personalidade dos filhos/as, tendo influência nas próprias ações e atitudes dos mesmos/as face às figuras parentais (Maccoby & Martin, 1983).

Neste sentido, está presente o conceito mais amplo de estilos educativos parentais, que designam um padrão de características da interação entre pais/mães e filhos/as num conjunto de situações que se refletem no tipo de clima emocional que orienta as relações. Ainda, consiste nas atitudes que são comunicadas às crianças e os comportamentos posteriormente expressos pelos progenitores (Darling & Steinberg, 1993).

Deste modo, foi proposto a existência de três tipos de estilos parentais, que são o permissivo, o autoritário e o democrático, os quais têm como base de análise os conceitos de responsividade e exigência (Baumrind, 1966). A dimensão da exigência é relativa a qualquer comportamento parental em que seja notório o controlo do comportamento das crianças/jovens e conseqüentemente a imposição de regras e limites. Por outro lado, a dimensão da responsividade remete para a sincronia existente entre o comportamento dos progenitores e filhos/as, estando associada a capacidade dos mesmos de responder às suas necessidades e também o apoio e compreensão das figuras parentais para com os filhos e filhas (Maccoby & Martin, 1983). Temos então o estilo democrático, que pressupõe elevados níveis de responsividade e exigência; o estilo autoritário caracterizado pela presença de níveis altos de exigência, acontecendo o contrário na responsividade e o estilo permissivo apresentando um baixo teor de exigência e muita responsividade (Maccoby &

Martin, 1983). Outro estilo indicado pelos mesmos autores diz respeito ao negligente, que tem simultaneamente pouca exigência e responsividade.

Assim sendo, o estilo educativo autoritário caracteriza-se pelo controlo e tentativa dos progenitores em moldar e avaliar o comportamento dos filhos/as consoante as suas exigências e um conjunto de regras/limites predefinidos, remetendo para a utilização da força e punições (Baumrind, 1966; Baumrind, 1991). Implica o respeito à autoridade, ao trabalho, valorização da obediência e preservação da ordem, em que não existe espaço para as trocas comunicacionais entre as figuras parentais e as crianças/jovens, sendo muito raro a presença de demonstrações de carinho ou prazer nas conquistas dos filhos e filhas (Baumrind, 1966; Baumrind, 1991). O estilo democrático, por sua vez, assenta no equilíbrio entre o controlo parental e a afetividade, em que existem regras e limites definidos, mas os progenitores consideram as necessidades das crianças e reagem perante as mesmas dependendo das suas especificidades. Neste estilo, predomina uma comunicação aberta na relação pais/mães e filhos/filhas, na qual os primeiros reconhecem e apoiam os interesses das crianças e ainda procuram orientar as suas atividades com o objetivo de fortalecer um conjunto de comportamentos para o futuro. Aqui as figuras parentais têm uma postura firme e os filhos/a compreendem a sua autoridade como algo não prejudicial (Baumrind, 1996; Maccoby & Martin, 1983). No estilo permissivo, encontra-se uma total ausência de regras e limites, em que os progenitores evitam punir os filhos/as e a obediência é desvalorizada, mas por outro lado tem grande ênfase na afetividade e predomina uma interação positiva com as crianças. Os progenitores que são permissivos funcionam como um recurso para os desejos das crianças, permitindo que as mesmas se autorregulem nas atividades e realizem as suas próprias escolhas (Baumrind, 1966; Baumrind, 1991). Finalmente, temos o estilo negligente no qual está presente uma indiferença relativamente aos filhos/as e grande permissividade, existindo poucas demonstrações de carinho e falta de empenho e compromisso para com o desenvolvimento da criança (Maccoby & Martin, 1983).

Em 2008, num dos seus estudos Leaper e Friedman concluíram que as práticas educativas utilizadas pelos progenitores são diferentes entre as crianças tendo em conta o seu sexo. De acordo com os papéis de género definidos socialmente, é notória a distinção que tanto os pais como as mães fazem na utilização de estratégias de controlo e de apoio à autonomia para os seus filhos e filhas. Espera-se que a atitude dos progenitores face às raparigas seja focada na gentileza, respeito pelas opiniões dos outros, empatia e

proximidade interpessoal (estratégias de apoio à autonomia), contrariamente à atitude face aos rapazes, que tem como características o poder, assertividade, agressividade e domínio (estratégias de controlo) (Endendijk et al., 2016). Apoiado na teoria dos esquemas de género de Bem (1983), isto explica-se pelos estereótipos de género dos progenitores, ou seja, se estes tiverem atitudes tradicionais relativamente aos papéis de género serão mais prováveis de apresentar uma parentalidade diferenciada que reforce os comportamentos adequados para o género feminino e masculino (e.g. mais severos com os rapazes e mais delicados com as raparigas), em contrapartida, quanto menos as suas ideias forem estereotipadas maior é a probabilidade de apresentar uma parentalidade que seja inconsistente com os comportamentos adequados para cada um dos géneros (e.g. mais delicados com os rapazes e mais severos com as raparigas) (Kollmayer, 2016). Tamis-Lemonda e seus colaboradores, 2009, tal como, Mandara e colaboradores, 2012, referem que os progenitores utilizam estratégias de apoio à autonomia frequentemente com as raparigas e estratégias de controlo com uma vertente de dureza mais predominantes nos rapazes. Verifica-se então, que as estratégias de controlo são mais utilizadas com rapazes, enquanto as estratégias de apoio à autonomia são mais utilizadas com as raparigas (Kochanska et al., 2009). Contudo, existem alguns estudos em que não se verifica diferenças no controlo parental face ao género (Chen et al., 2001; Eddy et al., 2001). Aliás, outros dados mostram que as figuras parentais preferem utilizar estratégias de apoio à autonomia com os rapazes e estratégias de controlo com as raparigas (Linver et al., 2002; Domenech Rodríguez et al., 2009).

Um fator adicional que pode explicar estas diferenças de género no exercício da parentalidade traduz-se na idade das crianças, sendo considerado que os progenitores à medida que os filhos/as crescem sentem uma maior pressão para os prepararem para terem um comportamento adequado ao seu papel de género (Block, 1979, cit. por Endendijk et al., 2016). A teoria biossocial partilha da mesma opinião, afirmando que a pressão para se conformar com os papéis de género aumenta com a idade e é especialmente elevada no período da adolescência (Wood & Eagly, 2012). Leaper e colaboradores (1998) cit. por Endendijk e colaboradores (2016), descobriram que o discurso das mães para com as crianças era mais revelador de diferenças quanto ao género se elas fossem mais velhas. Ainda assim, existem opiniões contrárias a ditar que na verdade essas diferenças de género costumam desvanecer com a idade respetivamente em áreas como o rigor disciplinar e as atividades tipificadas pelo género (Lytton & Romney, 1991).

Em 1998, Russel e colaboradores constataram que com as crianças do pré-escolar, as mães apresentam uma postura mais concordante com o estilo democrático, enquanto os pais utilizam com maior frequência o estilo autoritário e permissivo. Ainda, Russel e colaboradores, 1998, puderam concluir que normalmente os rapazes são alvo de uma parentalidade mais autoritária comparativamente às raparigas. Conrade e Ho (2001) e Winsler e colaboradores, 2005, afirmam que o pai é percebido como sendo mais autoritário e impondo mais a disciplina que a mãe. Por outro lado, as mães são percebidas como mais estimulantes e assumindo uma postura democrática e até costumam ser permissivas (Mckiney & Renk, 2008). Os mesmos autores, também sugerem que os rapazes face às raparigas sentem que os progenitores são mais permissivos para consigo.

O facto de existirem tais diferenças quanto aos estilos parentais que os progenitores utilizam com os filhos e filhas, acontece devido à maior predisposição que os rapazes têm para mostrar comportamentos desafiantes e desobedientes, bem como à forma de ambas as figuras parentais avaliarem os rapazes como mais fortes e mais capazes de ludibriar as regras relativamente às raparigas (Lytton & Romney, 1991; Beal, cit. por Vyas & Bano, 2016).

Contundo, talvez o sexo dos filhos não é assim tão determinante sobre o comportamento dos progenitores e um aspeto que se acredita ter bastante influência é a ordem de nascimento (Keller & Zach, 2002). Nos seus estudos, Keller e Zach (2002) observaram que tanto pais como mães avaliaram-se a si mesmos e aos companheiros como autoritários com os rapazes e raparigas, quando estes tinham idades compreendidas entre os 11 e 14 anos. Também foi notório que para crianças com 6 a 10 anos o padrão mantém-se, mas exclusivamente na perspetiva das mães. No caso de falarmos de adolescentes na faixa etária dos 15 aos 18 anos, verifica-se que entre rapazes e raparigas poucas nuances se registam relativamente aos estilos parentais. Keller & Zach (2002), afirmaram que nestas idades ambos os progenitores consideram que assumem uma postura menos autoritária do que aquela frente aos filhos mais novos.

Em 1999, Walker reforçou essa ideia ao afirmar que cada progenitor tem uma forma própria de se relacionar com a criança ou jovem, o que faz consequentemente com que apresentem diferenças no seu papel quanto à educação. Este fenómeno encontra justificação em algumas características que normalmente são atribuídas para cada género, por exemplo os homens são apresentados como mais independentes e competitivos e as

mulheres são referidas como sendo altruístas e empáticas (Vieira, 2007). Na base de tal distinção, temos os estereótipos mais tradicionais quanto ao género a argumentar que a mãe é a grande responsável por cuidar e educar os filhos, além de ser mais afetuoso e por outro lado, ao pai compete ser o suporte financeiro da família e desempenhar o papel de figura de autoridade e disciplina (Monteiro et al., 2006). Também se partilha a opinião de serem os pais a contribuírem mais para a autonomia da criança, enquanto as mães promovem o desenvolvimento de competências académicas e socioemocionais (Cabrera et al., 2000; Howard et al., 2006)

Tendo isto em conta, o panorama que tem vindo a se estabelecer para a parentalidade refere que os principais desafios em educar rapazes situam-se em aspetos como a disciplina e segurança física e para as filhas a complicação maior recai sobre as questões da autoestima (Raley & Bianchi, 2006). A este respeito, as raparigas têm necessidade de receber dos pais/mães um grande apoio emocional, e por sua vez, os rapazes têm necessidade de alcançar a sua independência (Leaper, 2002).

Concluindo, alguns dos fatores que podem explicar as assimetrias de género nas práticas parentais são relativos à relação que os rapazes e raparigas estabelecem com os pais e mães, o grau de identificação face ao progenitor do mesmo sexo e as expectativas das figuras parentais quanto ao género dos filhos/as e a posterior comunicação que ocorre (Sampaio, 2007).

Parte II – Método

A segunda parte da dissertação faz menção ao estudo empírico. Nesta parte, está descrita a metodologia, os objetivos da investigação, a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos adotados.

2.1. Enquadramento Metodológico

Tendo em conta as características da investigação, optou-se por utilizar uma metodologia qualitativa. A escolha desta abordagem reside no facto de a mesma estudar a história, as relações, as representações, as crenças, as perceções e opiniões que derivam das interpretações dos indivíduos acerca da sua realidade (Minayo, 2010). O método qualitativo também compreende uma forma de questionar as outras pessoas para ter acesso ao sentido que dão às suas experiências, com o intuito de descobrir significados, valores ou explicações subjacentes a determinado fenómeno (Sparkes & Smith, 2014).

2.2. Objetivos

Considerando o objetivo geral, investigar a que níveis os estereótipos de género se perpetuam no contexto familiar formularam-se os seguintes objetivos específicos: identificar a relação dos progenitores com os filhos segundo o sexo dos mesmos; identificar as expectativas dos progenitores quanto ao comportamento de rapazes e raparigas e identificar o tipo de estratégias utilizadas no exercício da parentalidade para rapazes e raparigas.

2.3. Participantes

Neste estudo, o grupo de participantes é constituído por 20 sujeitos, os quais incluem 8 jovens de ambos os sexos com um irmão ou irmã do outro sexo e o seu respetivo pai e/ou mãe (N=12). O número de adultos envolvidos não corresponde na totalidade ao dos jovens, porque temos casos em que apenas o filho/a e um dos progenitores se disponibilizou para participar no estudo.

Relativamente aos jovens participantes no estudo, (N=5) são do sexo masculino e (N=3) são do sexo feminino, existindo deste modo uma predominância de rapazes. As suas idades variam entre os 15 e os 23 anos, sendo que (N=4) dos participantes têm 18 e 21 anos (Tabela 2). Quanto aos participantes pai/mãe, (N=8) são do sexo feminino e (N=4) do sexo masculino. Têm idades compreendidas entre os 46 e os 62 anos, com a maioria dos indivíduos (N=7) a situarem-se na faixa etária dos 40 e (N=4) têm 46 e 48 anos (Tabela 1).

Relativamente à situação laboral, a maioria dos jovens (N=5) é estudante, enquanto os outros já trabalham efetivamente. Dos que frequentam estabelecimentos de ensino, (N=2) participantes do sexo feminino estão na universidade, (N=2) participantes do sexo masculino encontram-se no ensino secundário, mais precisamente 10º e 12º ano e temos (N=1) participante do sexo masculino a frequentar o 9º ano de escolaridade (Tabela 2). No caso dos pais e mães, um dos participantes está desempregado. Quanto aos restantes (N=11) participantes, temos (N=1) indivíduo do sexo masculino a integrar profissões das forças armadas, (N=1) indivíduo do sexo feminino a desempenhar funções no grupo de especialistas de atividades intelectuais e científicas, (N=1) indivíduo do sexo feminino como representante do poder de legislativo de órgãos executivos, dirigentes, diretores e gestores executivos, (N=1) indivíduo do sexo feminino como pessoal administrativo, (N=4) indivíduos que integram trabalhadores dos serviços pessoais, de

proteção, segurança e vendedores, e por fim, (N=3) indivíduos a desempenhar funções como operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (Tabela 1). Sobre as suas habilitações literárias, é de notar que (N=4) indivíduos têm o ensino secundário, seguindo-se com a licenciatura (N=3) participantes e a mesma situação ocorre para o ensino básico, (N=1) participante com o 1º ciclo e (N=1) participante com o bacharelato (Tabela 1).

Quanto ao local de residência, cinco indivíduos são de Almeirim e os restantes distribuem-se por Lisboa, Caldas da Rainha e Santarém (Tabela 2). Naturalmente, dentro do grupo formado pelos pais também o maior número de participantes (N=9) é de Almeirim e temos dois sujeitos que vivem em Lisboa e outro nas Caldas da Rainha. (Tabela 1).

Todos os jovens têm pelo menos um irmão ou uma irmã, verificando-se o mesmo número de participantes para a condição de filho/a mais velho/a e mais novo/a. As participantes do sexo feminino (N=3) apresentam-se como a filha mais nova, enquanto maioritariamente os participantes do sexo masculino (N=4) são o filho mais velho (Tabela 2). Os jovens têm como diferença de idade entre o seu irmão ou irmã, valores desde os 2 a 14 anos, correspondendo a uma idade mínima de 7 anos até a uma idade máxima de 28 anos (Tabela 2). Ao nível do número de filhos, os adultos referem ter de 2 (N=10) a 3 (N=2) filhos (Tabela 1).

A maioria dos participantes (N=6) vive com os progenitores e respetivos irmãos/irmãs e (N=2) vive na sua própria casa (Tabela 2). Considerando o estado civil, dos participantes adultos (N=10) são casados e (N=2) vivem em união de facto (Tabela 1).

Nas tabelas 1 e 2 apresenta-se a respetiva caracterização sociodemográfica de forma detalhada dos/as participantes do estudo.

Tabela 1.*Caracterização Sociodemográfica dos Pais e Mães/Encarregados de Educação Entrevistados/as*

Sujeito	Sexo	Idade	Local de Residência	Estado civil	Com quem vive	Nº de Filhos	Sexo dos Filhos	Idade dos Filhos	Profissão	Habilitações Literárias
bM1	F	46	Caldas da Rainha	Casada	Esposo e filhos	2	masculino e feminino	20 e 22 anos	Vendedora	Ensino Secundário
eM2	F	45	Almeirim	Casada	Esposo e filhos	3	masculino e feminino	15, 8 e 8 anos	Funcionária Pública	Licenciatura
cM3	F	54	Almeirim	Casada	Esposo e filhos	2	feminino e masculino	23 e 26 anos	Operadora de Loja	Ensino Secundário
cP1	M	53	Almeirim	Casado	Esposa e filhos	2	feminino e masculino	23 e 26 anos	Comandante Marinha	Ensino Secundário
dP2	M	62	Lisboa	Casado	Esposa e filha	2	feminino e masculino	21 e 28 anos	Comerciante	1ºCiclo
dM4	F	58	Lisboa	Casada	Esposo e filha	2	feminino e masculino	21 e 28 anos	Gerente comercial	Bacharelato ou curso médio

iM5	F	56	Almeirim	Casada	Esposo e 2 filhos	3	masculino feminino	e 21, 24 e 28 anos	Guarda de passagem de nível	Ensino Secundário
fM6	F	48	Almeirim	União de facto	Companhe iro e filha	2	masculino feminino	e 21 e 7 anos	Operadora de mercado	9º ano
fP3	M	47	Almeirim	União de facto	Companhe ira e filha	2	masculino feminino	e 21 e 7 anos	Manobrador de empilhadore s	Licenciatura
gP4	F	44	Almeirim	Casado	Esposa, filhos e sogra	2	masculino feminino	e 16 e 12 anos	Camionista	9º ano
gM7	F	48	Almeirim	Casada	Esposo, filhos e mãe	2	masculino feminino	e 16 e 12 anos	Desemprega da	Ensino Secundário
hM8	F	46	Almeirim	Casada	Esposo e filhos	2	masculino feminino	e 18 e 13 anos	Professora	Licenciatura

Nota. M(mãe); P(pai)

Tabela 2.*Caracterização Sociodemográfica dos/as Jovens Entrevistados/as*

Sujeito	Sexo	Idade	Local de Residência	Com quem vive	Nº de Irmãos	Sexo dos Irmãos	Idade dos Irmãos	Profissão
aFa1	F	18	Santarém	Pais e irmão	1	masculino	24 anos	Estudante universitária
bFo2	M	20	Caldas da Rainha	Pais e irmã	1	feminino	22 anos	Eletricista
cFa3	F	23	Almeirim	Pais e irmão	1	masculino	26 anos	Rececionista de hotel
dFa4	F	21	Lisboa	Pais	1	masculino	28 anos	Estudante universitária
eFo5	M	15	Almeirim	Pais e irmãs	2	feminino	8 anos	Estudante do 9º ano de escolaridade
fFo6	M	21	Almeirim	Namorada	1	feminino	7 anos	Condutor de máquinas de transporte de cargas
gFo7	M	16	Almeirim	Pais, irmã e avó	1	feminino	12 anos	Estudante do 10º ano de escolaridade
hFo8	M	18	Almeirim	Pais e irmã	1	feminino	13 anos	Estudante do 12º ano de escolaridade

Nota. Fa (filha); Fo (filho)

2.4. Instrumento

Para a recolha de dados desta investigação, decidiu-se utilizar a entrevista semiestruturada, que foi criteriosamente pensada com o intuito de permitir explorar com

profundidade a vivência dos participantes. Assim, a entrevista é útil porque através da mesma recolhemos informação sobre o modo como os indivíduos olham para determinado fenómeno e quais os sentimentos e pensamentos acerca dele (Hastie & Hay, 2012). Portanto, a entrevista inclui a subjetividade do outro e mostra-se vantajosa pelo facto de o entrevistador conseguir esclarecer o significado das questões e ter maior facilidade em adaptar-se à outra pessoa e às circunstâncias de todo o processo bem como apreender as expressões verbais e não verbais do entrevistado/a (Duarte, 2004; Gil, 2008). Uma entrevista semiestruturada apresenta uma estrutura dos conteúdos a serem abordados, mas oferece espaço aos entrevistados/as para refletir e desenvolver ao longo da conversa (Flick, 2005).

Uma vez que participaram no estudo pais/mães e filhos/as construiu-se um guião de entrevista com duas versões, uma para os progenitores (Anexo A) e outra para os filhos e filhas (Anexo B). As questões que os constituem estão formuladas de forma diferente tendo em conta a realidade dos jovens e adultos, mas equivalentes em conteúdo.

Quanto à estrutura, o instrumento divide-se em 6 temas. O primeiro referente à *Legitimação da Entrevista*, que visa apresentar o tema e objetivos do estudo, bem como os responsáveis, a metodologia e os seus resultados aos entrevistados/as. Para além disso, pretende solicitar a colaboração dos mesmos, salvaguardando a confidencialidade a anonimato e pedir a autorização dos/as participantes para gravar a entrevista e disponibilizar-lhes a transcrição. De seguida, tem a *Caracterização Sociodemográfica*, e com esta pretende-se identificar os/as participantes segundo variáveis como o sexo, idade, área de residência, estado civil, profissão e habilitações literárias, o número de filhos/irmãos. Seguidamente apresenta-se o Tema C, *Influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas*, com o objetivo de identificar as características da interação dos progenitores com rapazes e raparigas. O Tema D, *Expetativas dos progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas*, e tem o objetivo de identificar a perspetiva dos progenitores face a forma de ser e estar ideal de filhos e filhas. O Tema E, as *Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas* tem como objetivo identificar de que forma o comportamento dos progenitores varia de acordo com o sexo dos filhos. O Tema F, é relativo ao agradecimento pela disponibilidade dos/as entrevistados/as em colaborar na investigação.

2.5. Procedimentos de recolha e tratamento dos dados

Na fase inicial de preparação do estudo, ficou decidido que o grupo de participantes seria constituído por (N=15). Segundo Hill e colaboradores (2005), é recomendado em estudos qualitativos, que o número de participantes se encontre entre os oito e os quinze participantes. E foram propostos os seguintes critérios de inclusão no estudo: participação de pai e mãe ou de um dos dois, jovens de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e os 23 anos e ter um irmão ou irmã do outro sexo.

A escolha de incluir na amostra pais/mães e filhos/filhas, permite comparar as diferentes perspetivas das duas gerações quanto às áreas/níveis em que os estereótipos de género na relação familiar são mais evidentes e perceber como cada um sente ou interpreta certos comportamentos. Em contrapartida, considerou-se a faixa etária entre os 15 e 23 anos a mais adequada pelo facto de já ter ocorrido ou estar a ocorrer a experiência da adolescência e haver uma memória presente da mesma. Além disso, nesta idade, os jovens têm capacidade para refletirem sobre a forma como foram e estão sendo educados e os progenitores continuarem a assumir um papel ativo nas suas vidas.

O processo de elaboração das questões, envolveu a leitura de artigos e análise de estudos, conjuntamente com algum conhecimento prévio do assunto. Nesta fase, teve-se especial em atenção a aspetos como a linguagem, o sentido, que fossem questões mais abertas e tivessem organizadas do particular para o geral. Os três grandes temas, nos quais surgem as questões foram estabelecidos à priori a partir de uma adaptação dos objetivos específicos norteadores da investigação, e posteriormente a formulação das questões adequadas aos objetivos correspondentes.

Depois de construído o questionário, foi realizada uma testagem das entrevistas junto de 4 indivíduos que preenchiam os requisitos do estudo, no sentido de avaliar a coerência das questões, bem como a sua compreensão para os participantes. Findo este procedimento, surgiu a necessidade de alterar e rever o guião, ao nível da semântica e divisão das questões a fim de facilitar a concentração dos entrevistados/as, não se tornando exaustivo.

O número de participantes conseguidos para o estudo foi obtido através do processo “bola de neve”. No primeiro momento, solicitação à participação no estudo foi feita através de um comunicado partilhado com vários grupos no Facebook e também pelo contato direto da investigadora com a sua rede mais próxima de conhecidos e amigos,

que por sua vez convidavam outros. Posteriormente, á medida que mostraram interesse e disponibilidade para participar, foi-lhes transmitida mais informação relativa ao estudo e explicando os procedimentos. Nesta altura, também foi enviado o consentimento informado (Anexo C) e marcaram-se as entrevistas.

A realização de algumas entrevistas foi individual e devido à situação pandémica ocorreu via Messenger por videochamada e gravação áudio por telemóvel. Outras entrevistas foram realizadas através da plataforma de videoconferência Zoom. A durabilidade das entrevistas variou entre os 15 e 40 minutos. As diferenças na duração das entrevistas foram influenciadas pela capacidade de comunicação, riqueza e complexidade do discurso ou grau de extroversão dos/as participantes. Alguns participantes revelaram não se sentir confortáveis com as entrevistas e de forma a não serem excluídos do estudo, foi elaborado um formulário enviado online para responderem às questões. No total, obtiveram-se dados de 13 indivíduos através das entrevistas e outros 7 pelo formulário.

Para garantir o anonimato dos/as participantes as entrevistas foram codificadas. Os códigos incluem o papel do participante na família, isto é, filho/a (Fo/Fa), mãe (M) ou pai (P), seguido de um número compreendido entre 1 e 8 que representa a ordem dos participantes. Ainda se acrescentou antes letras entre “a” e “h” para identificar o casal e o respetivo jovem que são parte da mesma família (e.g. cM3-cP1-cFa3). A transcrição na pesquisa qualitativa refere-se ao registo de forma integral do conteúdo em áudio, incluído as hesitações, risos, silêncios e também os estímulos do entrevistador (Guerra, 2006). Neste sentido, ao transcrever o discurso deve ter-se especial cuidado com a pontuação, para posteriormente facilitar a compreensão e interpretação das ideias, evidenciado o que for mais significativo no discurso (Dicicco-Bloom & Crabtree, 2006).

Para o tratamento da informação foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, que teve como objetivo destacar/salientar as ideias principais expostas pelos participantes. A análise de conteúdo, implica técnicas de análise de qualquer tipo de comunicação que pretende segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, adquirir indicadores capazes de inferir conhecimentos sobre as condições de produção e receção dessas mensagens (Bardin, 1977). Tem como foco a compreensão dos significados e sentidos ocultos nos dados (Cardoso et al., 2021). Organiza-se nas diferentes fases: i) pré-análise, que visa escolher os documentos a serem

analisados, a formulação de hipóteses e objetivos e a preparação de indicadores que sustentem as interpretações finais; ii) análise da informação, relacionada com a codificação dos dados, definição de unidades de registro e de contexto, estabelecimento de regras de enumeração e categorização dos dados e em último a fase de tratamento dos dados; e iii) tratamento dos dados-interpretação e inferência, que pressupõe encontrar um sentido e relacionar o conhecimento produzido com a teoria.

Assim, as transcrições foram submetidas a uma análise de conteúdo, da qual através da leitura da informação e sua relação com os objetivos, procurando dar resposta a cada tema surgiu a definição de categorias e subcategorias. A etapa da categorização corresponde a transformar os dados no texto no sentido de alcançar uma representação do conteúdo. A criação de categorias pressupõe numa primeira fase encontrar relações de semelhança entre os conceitos, depois compreende a leitura das entrevistas para fazer a codificação, numa terceira fase ocorre uma nova leitura das entrevistas voltando a categorizar seguido de uma interpretação dos dados e por último tem-se a validação das categorias com recurso à revisão por pares (Hastie & Glotova, 2012).

As categorias encontradas, posteriormente, foram alvo de debate e revisão em conjunto com a orientadora, de modo a perceber a sua pertinência e sentido o em alguns casos levou a um processo de recategorização. Com uma nova leitura da informação constatou-se que para diferentes questões surgiram categorias semelhantes, tendo sido necessário excluir da análise duas questões.

Neste processo foram definidas e identificadas Unidades de Registo (UR) e Unidades de Contagem (UC). As UR são compostas por determinadas palavras, temas, conceitos, ou símbolos que serão posteriormente interpretados (Reis, 2017). Cada UR deve ser uma unidade com significado específico e autónomo, constituída com base num critério semântico, o qual organiza os dados em torno de categorias temáticas (Bardin, 1977; Lima, 2013). Por seu turno, as UC dizem respeito ao número de descrições realizadas pelos sujeitos.

3. Apresentação dos Resultados

De forma a responder às questões da investigação, recorreu-se ao método de análise de conteúdo, pelo qual os dados recolhidos foram submetidos tendo sido os resultados organizados em categorias e subcategorias.

Os resultados da análise de conteúdo serão apresentados agrupados por temas referentes às dimensões centrais da investigação - Tema C: Influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas; Tema D: Expetativas dos progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas e Tema E: Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas. No Anexo D- Perspetiva Global das Entrevistas, encontram-se duas tabelas-síntese onde é apresentada uma perspetiva global das entrevistas realizadas.

Tema C: Influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas

O Tema C: influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas pretende identificar quais as características da interação dos progenitores com os rapazes e com as raparigas. Assim, inclui questões relacionadas com as atividades do dia-a-dia em casa, como são divididas as tarefas domésticas, como organizam e se caracterizam os momentos de lazer e convívio, a manifestação de afeto e as diferenças na relação entre os filhos. No caso dos filhos e filhas tem questões relativas aos temas de conversa com o pai e a mãe, as mudanças sentidas se fosse do outro sexo e a reação dos progenitores ao seu comportamento e ao comportamento do irmão/irmã.

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos Pais/Mães

Relativamente a este tema, da análise das verbalizações dos participantes surgiram 8 categorias: responsabilidade da mãe; divisão de tarefas por todos; disponibilidade; atividades separadas; atividades conjuntas; presença e incentivo; diferente e relacionamento igual.

Tabela 3.

Categoria 1: Responsabilidade da mãe

Categoria	UR	UC
Responsabilidade da mãe	1	1

A categoria 1 “Responsabilidade da mãe”, consiste no facto de a mãe ser a única responsável pela realização das tarefas domésticas. A categoria “Responsabilidade da mãe” não apresenta subcategorias e foi verbalizada exclusivamente por 1 participante.

Exemplo: “Faço quase tudo.” (M1)

Tabela 4.

Categoria 2: Divisão de tarefas por todos

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Divisão de tarefas por todos	Responsabilidade dos pais	11	12
	Ajuda dos filhos	6	6

A categoria 2 “Divisão de tarefas por todos”, implica que tanto os progenitores como os filhos e filhas contribuem para a realização das tarefas domésticas. A subcategoria “Responsabilidade dos pais” foi verbalizada pela maioria dos participantes.

Exemplo: “...os miúdos ajudam a levantar e a pôr a mesa, colocam a loiça na máquina de lavar... A limpeza da casa é mais a mãe e eu quando estou costumo cozinhar e tratar da roupa.” (P1)

Tabela 5.

Categoria 3: Disponibilidade

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Disponibilidade	Acordo entre todos	5	6
	Espontaneidade	3	3
	Preferência dos filhos	4	4

A categoria 3 “Disponibilidade”, pressupõe a existência de tempo livre para ocorrer momentos de lazer/convívio em família. A subcategoria “Acordo entre todos”, consiste em toda a família participar e decidir sobre a escolha dos momentos de lazer. Tal subcategoria consta na verbalização de 5 participantes. A subcategoria “Espontaneidade”, refere-se ao facto de os momentos de lazer/convívio em família surgirem sem qualquer organização prévia, que foi verbalizada por 3 participantes. A subcategoria “Preferência dos filhos”, compreende que os momentos de lazer/convívio em família estão sujeitos ao gosto dos filhos. Esta subcategoria regista a verbalização de três participantes.

Exemplos: “No geral o que tentamos fazer é que haja concordância entre todas as partes quando queremos momentos para toda a família.” (P1)

“...os poucos momentos que temos são em casa.” (M5)

“...tentamos que em cada semana se faça alguma atividade à escolha de cada um deles.” (M2)

Tabela 6.

Categoria 4: Atividades separadas

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Atividades separadas	Atividades só com a filha	8	9
	Atividades só com o filho	7	8

A categoria 4 “Atividades separadas”, é relativa ao facto de os progenitores ou apenas o pai/mãe partilharem momentos e realizarem diferentes atividades com o filho e a filha ou apenas com um dos filhos. A subcategoria “Atividades só com a filha” destaca a verbalização de 8 participantes e a subcategoria “Atividades só com o filho” consta na verbalização de 7 participantes.

Exemplo: “Com a minha filha tenho as idas à pesca e eu e o meu filho vemos futebol.” (P2)

Tabela 7.

Categoria 5: Atividades conjuntas

Categoria	UR	UC
Atividades conjuntas	5	7

A categoria 5 “Atividades conjuntas”, compreende a realização por parte dos progenitores de atividades em simultâneo com o filho e a filha. A categoria “Atividades conjuntas” não apresenta subcategorias e foi verbalizada por 5 participantes.

Exemplo: “Com os dois é ir andar de bicicleta.” (P4)

Tabela 8.*Categoria 6: Presença e incentivo*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Presença e incentivo	Verbal	7	9
	Não verbal	10	12
	Material	1	1
	Brincadeira	1	1

A categoria 6 “Presença e incentivo”, implica que os progenitores demonstram afeto para com os filhos/filhas estando presentes quando precisam e incentivando-os/as. A subcategoria “Verbal”, refere-se ao facto de os pais e mães transmitirem afeto aos filhos e filhas sob a forma de palavras de carinho e apoio, tendo sido verbalizada por 7 participantes. A subcategoria “Não verbal”, consiste na transmissão de afeto dos pais e mães para com os filhos e filhas ocorrer através de gestos de carinhos e com uma postura reconfortante. Tal subcategoria regista a verbalização de 10 participantes. A subcategoria “Material”, refere-se ao facto de os pais e mães afeto aos filhos e filhas oferecendo uma recompensa. Esta subcategoria destaca a verbalização de 1 participante.

Exemplos: “É muito com palavras de conforto...e o elogiar.” (P1)

“Principalmente pelo colo um beijinho abracinho.” (M5)

“...oferecer alguma prenda quando fazem algo bem.” (M4)

“Passo muito tempo a brincar com a menina.” (P3)

Tabela 9.*Categoria 7: Diferente*

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
	Personalidade		3	7
	Tratamento diferenciado em	Género Masculino maior	1	1

	função do	condescendência		
Diferente	género	e maior		
		liberdade		
	Género	Feminino maior	1	1
		proteção	3	4
	Idade		1	1
	Conversas			

A categoria 7 “Diferente”, é relativa aos progenitores alterarem o seu comportamento perante o filho e a filha. A subcategoria “Personalidade”, considera que a forma como os pais/mães lidam com os filhos e filhas depende das características de personalidade de cada um. Tal subcategoria consta na verbalização de 3 participantes. A subcategoria “Tratamento diferenciado em função do género”, considera que a forma como os pais/mães lidam com os filhos e filhas varia consoante o seu género. Tal subcategoria subdivide-se nas subcategorias “Género Masculino maior condescendência e maior liberdade” e “Género Feminino maior proteção”, que foram verbalizadas por 1 participante. A subcategoria “Idade”, considera que a forma como os pais/mães lidam com os filhos e filhas depende da idade de cada um. Esta subcategoria destaca a verbalização de 3 participantes. A subcategoria “Conversas”, considera que a forma como os pais/mães lidam com os filhos e filhas varia pelo tipo e tema dos assuntos que conversam entre si. Esta subcategoria foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplos: “... o facto de ela se interessar mais pelas coisas (...) ele já é mais desligado.” (M1)

“Fui muito mais condescendente com o meu filho do que sou com as minhas filhas, com elas sou mais protetora e com ele havia maior liberdade para fazer as coisas.” (M2)

“... por ele ser mais velho existe conversas mais sérias e outras preocupações...” (P2)

“Na minha opinião a grande diferença que eu vejo talvez seja nos assuntos que conversamos.” (M4)

Tabela 10.

Categoria 8: Relacionamento igual

Categoria	UR	UC
Relacionamento igual	5	6

A categoria 8 “Relacionamento Igual”, implica que os progenitores adotam a mesma postura com o filho e a filha. A categoria “Relacionamento igual” não apresenta subcategorias e registra a verbalização de 5 participantes.

Exemplo: “Com ambos a relação é idêntica.” (M8)

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos Filhos/Filhas

Relativamente a este tema, na análise das verbalizações dos participantes surgiram 17 categorias: divisão de tarefas entre mãe e filha; responsabilidade da mãe; divisão de tarefas entre todos; disponibilidade; atividades com um dos progenitores; atividades com ambos os progenitores; assuntos gerais (e escola); assuntos íntimos e pessoais; maneira como são vistos/tratados; grau e tipo de conversa; inalterável; demonstração de agrado; demonstração de desagrado; igual; existem diferenças; diferenças na interação e sem diferenças na interação.

Tabela 11.

Categoria 1: Divisão de tarefas entre mãe e filha

Categoria	UR	UC
Divisão de tarefas entre mãe e filha	1	1

A categoria 1 “Divisão de tarefas entre mãe e filha”, pressupõe que a realização das tarefas domésticas compete ao sexo feminino. Tal categoria não apresenta subcategoria e foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “A grande maioria das tarefas divide-se principalmente entre mim e a minha mãe.” (Fa1)

Tabela 12.

Categoria 2: Responsabilidade da mãe

Categoria	UR	UC
Responsabilidade da mãe	1	1

A categoria 2 “Responsabilidade da mãe”, consiste no facto de apenas a progenitora realizar as tarefas domésticas. Tal categoria não apresenta subcategorias e foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “Acaba por ser a minha mãe que faz praticamente tudo...” (Fo2)

Tabela 13.

Categoria 3: Divisão de tarefas entre todos

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais	6	6
	Ajuda dos filhos	6	8

A categoria 3 “Divisão de tarefas entre todos”, compreende a entreaajuda de toda a família na realização das tarefas domésticas. Tem as subcategorias “Responsabilidade dos pais” e “Ajuda dos filhos” que registam a verbalização de 6 participantes.

Exemplo: “Quanto a tarefas tanto eu como as minhas irmãs...ajudamos os nossos pais...” (Fo5)

Tabela 14.

Categoria 4: Disponibilidade

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Disponibilidade	Acordo entre todos	2	2
	Espontaneidade	2	2

A categoria 4 “Disponibilidade”, refere-se à existência de tempo livre para que ocorram momentos de lazer ou convívio em família. A subcategoria “Acordo entre todos”, considera que toda a família participa na decisão sobre a escolha dos momentos

de lazer. Esta subcategoria destaca a verbalização de 2 participantes. A subcategoria “Espontaneidade”, é relativa ao facto de os momentos de lazer/convívio em família surgiram sem qualquer organização prévia. Esta subcategoria consta na verbalização de 2 participantes.

Exemplos: “... ver a disponibilidade de cada um e escolher o melhor programa.” (Fo2)

“... é tudo assim muito na hora...” (Fa4)

Tabela 15.

Categoria 5: Atividades com um dos progenitores

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Atividades com um dos progenitores	Atividades só com a mãe	2	3
	Atividades só com o pai	1	1

A categoria 5 “Atividades com um dos progenitores”, implica que os filhos/filhas apenas partilham momentos de lazer/convívio com o pai ou com a mãe. A subcategoria “Atividades só com a mãe” consta na verbalização de 2 participantes e a subcategoria “Atividades só com o pai” consta na verbalização de apenas 1 participante”

Exemplos: “Tenho certas coisas que faço mais com a minha mãe ..., é a pessoa com que saio para tomar um café ou fazer umas caminhadas.” (Fa1)

“Faço mais com o meu pai, nós temos o hábito de ver jogos de futebol.” (Fa2)

Tabela 16.

Categoria 6: Atividades com ambos os progenitores

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Atividades com ambos os progenitores	Atividades com a mãe	5	5
	Atividades com o pai	5	5

A categoria 6 “Atividades com ambos os progenitores”, refere-se ao facto de os filhos/filhas terem atividades distintas que realizam tanto com o pai como com a mãe. As subcategorias “Atividades com a mãe” e “Atividades com o pai” foram verbalizadas por 5 participantes.

Exemplo: “Em termos de atividades com o meu pai nós vamos ou à pesca ou à maré e com a minha mãe (...) o que acontece é ir com ela às compras.” (Fa4)

Tabela 17.

Categoria 7: Assuntos Gerais (e escola)

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Assuntos Gerais (e escola)	Ambos os progenitores	5	5
	Exclusivamente com a mãe	2	2

A categoria 7 “Assuntos Gerais (e escola)”, refere-se ao facto de os filhos/filhas sentirem-se confortáveis a conversar com os pais/mães sobre a escola como de qualquer outro tema do dia-a-dia. A subcategoria “Ambos os progenitores” destaca a verbalização de 5 participantes e a subcategoria “Exclusivamente com a mãe” foi verbalizada por 2 participantes.

Exemplos: “Com ambos falo de assuntos sobre a escola...” (Fa1)

“Com a minha mãe por falar de tudo um pouco...” (Fa3)

Tabela 18.

Categoria 8: Assuntos íntimos e pessoais

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Assuntos íntimos e pessoais	Exclusivamente com a mãe	1	2

A categoria 8 “Assuntos íntimos e pessoais”, considera o facto de os filhos/filhas sentirem-se confortáveis a falar com os pais/mães sobre aspetos da sua vida privada. A

subcategoria “Exclusivamente com a mãe” registra a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “... com a minha mãe tenho maior confiança para expor os meus sentimentos e desabafar sobre os meus problemas.” (Fa1)

Tabela 19.

Categoria 9: Maneira como são vistos/tratados

Categoria	UR	UC
Maneira como são vistos/tratados	2	3

A categoria 9 “Maneira como são vistos/tratados”, implica que caso os filhos/filhas fossem do outro sexo os pais/mães mudariam a imagem sobre os mesmos e também a sua postura quanto ao comportamento deles. Tal categoria não apresenta subcategorias e destaca a verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “... a liberdade que não tenho ou neste caso não tinha e a facilidade com que eles permitiam fazer coisas.” (Fa3)

Tabela 20.

Categoria 10: Grau e tipo de conversa

Categoria	UR	UC
Grau e tipo de conversa	1	2

A categoria 10 “Grau e tipo de conversa”, é relativa aos filhos/filhas considerarem que se fossem do outro sexo, teriam mais assuntos para partilhar com os pais/mães e aumentaria as conversas entre eles. Tal categoria não apresenta subcategorias e consta na verbalização de apenas de 1 participante.

Exemplo: “... se fosse rapaz e se houvesse um interesse em comum falaríamos muito mais!” (Fa4)

Tabela 21.

Categoria 11: Inalterável

Categoria	UR	UC
Inalterável	4	4

A categoria 11 “Inalterável”, é relativa aos filhos/filhas considerarem que se fossem do outro sexo não existiram diferenças na forma como comunicam com os progenitores e estes se dirigem a si. Esta categoria não apresenta subcategorias e foi verbalizada por 4 participantes.

Exemplo: “Não mudaria nada.” (Fo8)

Tabela 22.

Categoria 12: Demonstração de agrado

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Demonstração de agrado	Alegria	3	4
	Incentivo	1	3
	Elogio	2	2

A categoria 12 “Demonstração de agrado”, compreende a reação dos pais/mães quando estão felizes com o comportamento dos filhos/filhas. A subcategoria “Alegria” destaca a verbalização de 3 participantes. A subcategoria “Incentivo” foi verbalizada apenas por 1 participante. A subcategoria “Elogio” regista a verbalização de 2 participantes.

Exemplos: “Quando eles estão contentes mostram orgulho em mim...” (Fo6)

“Quando faço algo de bom eles esforçam-se para me felicitar valorizar e incentivar.” (Fa4)

“Se o meu comportamento for do agrado deles elogiam-me.” (Fo5)

Tabela 23.

Categoria 13: Demonstração de desagrado

Categoria	Subcategoria	UR	UC
------------------	---------------------	-----------	-----------

Demonstração de desagrado	Aborrecimento e conflito	2	2
	Compreensão e/ou aconselhamento	5	8
	Repreensão e castigo	1	2

A categoria 13 “Demonstração de desagrado”, compreende a reação dos pais/mães quando estão insatisfeitos com o comportamento dos filhos/filhas. A subcategoria “Aborrecimento e conflito” consta na verbalização de 2 participantes. A subcategoria “Compreensão e/ou aconselhamento” destaca a verbalização de 5 participantes. A subcategoria “Repreensão e castigo” foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplos: “... se estiverem chateados começam a querer discutir.” (Fa1)

“... se não concordarem tentam compreender as minhas razões e explicam-me como poderia ter feito as coisas de maneira diferente.” (Fo2)

“... dão-me um ralhete e fico de castigo.” (Fo7)

Tabela 24.

Categoria 14: Igual

Categoria	UR	UC
Igual	4	5

A categoria 14 “Igual”, compreende que a reação dos pais/mães estando insatisfeitos ou contentes com o comportamento do filho e filha é a mesma com ambos. Esta categoria não apresenta subcategorias, tendo sido verbalizada por 4 participantes.

Exemplo: “Fazem o mesmo que comigo...” (Fo6)

Tabela 25.

Categoria 15: Existem diferenças

Categoria	Subcategoria	UR	UC
------------------	---------------------	-----------	-----------

	Aconselhamento	1	1
	Exigência	1	1
Existem diferenças	Maior cuidado	1	1
	Repreensão e castigo	1	2

A categoria 15 “Existem diferenças”, refere-se ao facto de existir diferenças na reação dos pais/mães estando insatisfeitos ou contentes com o comportamento do filho e da filha. A subcategoria “Aconselhamento”, implica que os progenitores perante comportamentos dos filhos/filhas com os quais não concordem, procuram ajudá-los a melhorar. Tal subcategoria regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “... chateados dizem o porquê de não concordarem e que podia ter feito de outra forma.” (Fa1)

A subcategoria “Exigência”, implica os progenitores mostrarem maior preocupação com o comportamento do rapaz face à rapariga, assumindo uma postura rigorosa, tendo sido verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “Eles sempre foram um pouco mais exigentes com ele em relação as decisões que ele toma (...) o meu irmão a nível de personalidade é muito impulsivo.” (Fa3)

A subcategoria “Maior cuidado”, é relativa ao facto de os progenitores terem uma abordagem mais delicada na forma como reagem aos comportamentos da filha que não gostem. Tal subcategoria destaca a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Acho que se tiverem chateados têm outro cuidado especial por serem mais novas.” (Fo5)

A subcategoria “Repreensão e castigo”, é relativa ao facto de quando os progenitores não concordam com o comportamento dos filhos/filhas ficarem irritados e assumiram uma postura mais severa. Esta subcategoria consta na verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Ralham, conversam muito e aplicam castigos.” (Fo8)

Tabela 26.

Categoria 16: Diferenças na interação

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Diferenças na interação	Controlo Parental	2	3
	Exigência	1	3
	Conteúdo das conversas	1	1
	Personalidade	1	1
	Idade	4	5

A categoria 16 “Diferenças na interação”, refere-se ao facto de a relação que os progenitores estabelecem com o rapaz e com a rapariga ser diferente. A subcategoria “Controlo Parental”, considera que a interação dos pais/mães para com o filho e filha se distingue principalmente pelo maior ou menor grau de imposição de regras/limites estabelecidos ao seu comportamento. Esta subcategoria foi verbalizada por 2 participantes.

Exemplo: “A liberdade que eles sempre me deram mais a mim, (...) não precisar de dar tantas justificações.” (Fo2)

A subcategoria “Exigência”, considera que a principal diferença na forma como os pais/mães interagem com o filho e filha está relacionado com o maior ou menor grau de rigor sobre o seu comportamento e as expetativas que têm. Esta subcategoria regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “O meu pai com o meu irmão (...) é mais compreensível e por vezes condescendente, comigo o meu pai é mais crítico.” (Fa1)

A subcategoria “Conteúdo das conversas”, é relativa ao facto de a principal diferença na forma como os pais/mães interagem com o filho e filha ser os temas de conversa. Tal subcategoria destaca a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “A relação da minha mãe com o meu irmão é mais madura, eles conversam de assuntos mais sérios.” (Fa1)

A subcategoria “Características de personalidade”, é relativa ao facto de a relação estabelecida entre os pais/mães e os filhos/filhas variar consoante a personalidade dos mesmos, tendo sido verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “... a nível de personalidade claro que há diferenças na forma como tratam cada um...” (Fa3)

A subcategoria “Idade”, compreende que a forma dos pais/mães interagirem com os filhos/filhas difere de acordo com a idade de cada um. Tal subcategoria consta na verbalização de 4 participantes.

Exemplo: “Penso que a diferença seja por ser mais velho as coisas entre nós ganharam outra seriedade.” (Fo5)

Tabela 27.

Categoria 17: Sem diferenças na interação

Categoria	UR	UC
Sem diferenças na interação	2	2

A categoria 17 “Sem diferenças na interação”, implica que os progenitores se relacionam da mesma forma com ambos os filhos. Tal categoria não apresenta subcategorias e consta na verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “Acho que é igual.” (Fo7)

Tema D: Expetativas dos progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas

O Tema D: expetativas dos progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas, pretende identificar a perspetiva dos progenitores sobre a forma de ser e estar ideal dos filhos e filhas. Assim, inclui questões relacionadas com as características mais apreciadas nos filhos e filhas, a escolha de brinquedos diferenciados para rapazes e raparigas, quais os brinquedos dados aos filhos/filhas, a reação perante comportamentos socialmente desadequados com o género e responsabilidades/exigências para rapazes e raparigas. No que se refere aos filhos e filhas, tem questões como experiências de apoio

e falta de apoio por parte dos progenitores nas suas escolhas devido ao género e as vantagens de serem rapaz/rapariga na família.

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos/as Pais e Mães

Relativamente a este tema, na análise das verbalizações dos participantes surgiram 13 categorias: organização; espontaneidade; valores e princípios; independência; inteligência e criatividade; carinhoso; indiferente; diferenciado; comuns/indiferenciados; tipificados pelo género; reação positiva; reação negativa e mesmas responsabilidades.

Tabela 28.

Categoria 1: Organização

Categoria	UR	UC
Organização	1	1

A categoria 1 “Organização”, consiste em os pais/mães apreciarem o facto dos filhos/filhas serem organizados. Esta categoria não apresenta subcategorias e regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Na minha filha destaco a forma como ela é organizada...” (M1)

Tabela 29.

Categoria 2: Espontaneidade

Categoria	UR	UC
Espontaneidade	1	1

A categoria 2 “Espontaneidade”, refere-se ao facto de os pais/mães apreciarem que os filhos/filhas sejam espontâneos. Esta categoria “Espontaneidade” não apresenta subcategorias e consta na verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “... no meu filho gosto da sua espontaneidade.” (M1)

Tabela 30.

Categoria 3: Valores e princípios

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Valores e Princípios	Cortesia	1	1
	Responsabilidade	5	5
	Coragem	2	2
	Bondade	7	7
	Integridade	6	6
	Persistência	1	1
	Humildade	1	1
	Respeito pelo próximo e tolerância	1	1
	Obediência	1	1

A categoria 3 “Valores e princípios”, refere-se ao facto de os pais/mães apreciarem que o comportamento dos filhos/filhas seja orientado por valores e princípios morais na forma de se relacionarem com os outros e na sua postura de estar na vida. A subcategoria “Cortesia” foi verbalizada apenas por 1 participante. A subcategoria “Responsabilidade” foi verbalizada por 5 participantes. A subcategoria “Coragem” foi verbalizada por 2 participantes. A subcategoria “Bondade” foi verbalizada por 7 participantes. A subcategoria “Integridade” foi verbalizada por 6 participantes. A subcategoria “Persistência” foi verbalizada apenas por 1 participante. A subcategoria “Humildade” foi verbalizada apenas por 1 participante. A subcategoria “Respeito pelo próximo e tolerância” foi verbalizada apenas por 1 participante. A subcategoria “Obediência” foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplos: “Ser bem-educado.” (M2)

“... como ela é responsável, da sua coragem e que seja sensata naquilo que faz.” (P1)

“... muito bondoso.” (P4)

“São muito sinceros (...) ajudar em tudo. Amigos dos seus amigos e não fazem distinção de género e raças.” (M8)

“... menina respeitadora das regras...” (M6)

Tabela 31.

Categoria 4: Independência

Categoria	UR	UC
Independência	3	3

A categoria 4 “Independência”, consiste em os pais/mães apreciarem o facto dos filhos/filhas serem independentes. Tal categoria não apresenta subcategorias e destaca a verbalização de 3 participantes.

Exemplo: “Gosto que ela seja independente...” (M3)

Tabela 32.

Categoria 5: Inteligência e criatividade

Categoria	UR	UC
Inteligência e criatividade	2	2

A categoria 5 “Inteligência e criatividade”, implica os pais/mães apreciarem que os filhos/filhas sejam inteligentes e criativos. Tal categoria não apresenta subcategorias e regista a verbalização de 2 participantes.

Exemplos: “Ser uma rapariga inteligente...” (P2)

“... ela o facto de ser criativa. (P3)

Tabela 33.

Categoria 6: Carinhoso

Categoria	UR	UC
Carinhoso	1	1

A categoria 6 “Carinhoso”, implica os pais/mães apreciarem que os filhos/filhas sejam carinhosos. Esta categoria não apresenta subcategorias, tendo sido verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “... o meu filho mais novo é mais meigo.” (M5)

Tabela 34.*Categoria 7: Indiferente*

Categoria	UR	UC
Indiferente	9	10

A categoria 7 “Indiferente”, consiste no facto de os progenitores não consideram um problema/sentirem-se incomodados que rapazes e raparigas brinquem com qualquer tipo de brinquedo independentemente do género. Tal categoria não apresenta subcategorias e destaca a verbalização de 9 participantes.

Exemplo: “... devem brincar com aquilo que quiserem e mais gostarem.” (M1)

Tabela 35.*Categoria 8: Diferenciado*

Categoria	UR	UC
Diferenciado	4	5

A categoria 8 “Diferenciado”, implica que os progenitores apoiam o facto da escolha de brinquedos para rapazes e raparigas ter em conta o género. Tal categoria não apresenta subcategorias, tendo sido verbalizada por 4 participantes.

Exemplo: “Penso que se devem comprar e oferecer os indicados para o género...” (M2)

Tabela 36.*Categoria 9: Comuns/Indiferenciados*

Categoria	UR	UC
Comuns/Indiferenciados	9	10

A categoria 9 “Comuns/Indiferenciados”, refere-se ao facto de os progenitores comprarem o mesmo tipo de brinquedos para o filho e filha, sem estarem associados com o género. Esta categoria não apresenta subcategorias e consta na verbalização de 9 participantes.

Exemplo: “Tanto a ele como a ela optei por dar brinquedos didáticos.” (M7)

Tabela 37.

Categoria 10: Tipificados pelo género

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Tipificados pelo género	Brinquedos de rapaz	2	4
	Brinquedos de rapariga	4	4

A categoria 10 “Tipificados pelo género”, refere-se ao facto de o tipo de brinquedos comprados pelos progenitores para o filho e filha serem diferentes e em concordância com o género. A subcategoria “Brinquedos de rapaz” foi verbalizada por 2 participantes e a subcategoria “Brinquedos de rapariga” foi verbalizada por 4 participantes.

Exemplos: “(...) O irmão era muito Playmobil coisas para construir... (M3)

“... a minha filha tinha bonecas...” (M4)

Tabela 38.

Categoria 11: Reação negativa

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Reação negativa	Repreensão	1	1
	Surpresa	1	1
	Procurar justificação	2	2

A categoria 11 “Reação negativa”, refere-se ao facto de que os progenitores reagiriam mal perante comportamentos do filho/filha socialmente desadequados com o género. A subcategoria “Repreensão”, implica os pais/mães terem uma atitude mais severa com os filhos/filhas se apresentassem um comportamento desadequado ao género. Esta subcategoria regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Com repreensão.” (M1)

A subcategoria “Surpresa”, implica que a reação dos pais/mães a um comportamento dos filhos/filhas desadequado com o género seria ficarem surpreendidos e chocados. Tal subcategoria foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “Teria de haver um choque...” (M5)

A subcategoria “Procurar justificação”, implica que a reação dos pais/mães a um comportamento dos filhos/filhas que fosse desadequado com o género seria procurar explica-lo. Tal subcategoria regista a verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “Tentava perceber o porquê.” (P4)

Tabela 39.

Categoria 12: Reação positiva

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Reação positiva	Aceitação	6	6
	Apoio	2	3
	incondicional		
	Respeito	1	1

A categoria 12 “Reação positiva”, refere-se ao facto de os progenitores conseguirem reagir bem perante comportamentos do filho/filha socialmente desadequados com o género. A subcategoria “Aceitação”, consiste no facto de que os progenitores aceitariam um comportamento do filho/filha que fosse desadequado com o género. Esta subcategoria destaca a verbalização de 6 participantes.

Exemplo: “Eu penso que a única coisa a fazer seria aceitar...” (M2)

A subcategoria “Apoio incondicional”, consiste no facto dos pais/mães irem dar todo o apoio e acompanhamento aos filhos/filhas se tivessem um comportamento desadequado ao género. Esta subcategoria foi verbalizada por 2 participantes.

Exemplo: “... não vejo razão para isso ser um problema, para mim desde que fosse algo que a deixasse realizada eu estaria lá para acompanhá-la.” (P1)

A subcategoria “Respeito”, consiste no facto de que os pais/mães iriam respeitar um comportamento dos filhos/filhas que fosse desadequado com o género. Esta subcategoria consta na verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Mesmo que não apoiasse tinha de respeitar...” (P2)

Tabela 40.

Categoria 13: Mesmas Responsabilidades

Categoria	UR	UC
Mesmas Responsabilidades	12	14

A categoria 13 “Mesmas Responsabilidades”, compreende a atribuição das mesmas obrigações para os rapazes e raparigas. Tal categoria não apresenta subcategorias e destaca a verbalização da totalidade dos participantes.

Exemplo: “Serem responsáveis pelos seus atos, respeitarem o outro e cumprirem com as suas obrigações do dia-a-dia.” (M8)

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos/as Filhos e Filhas

Relativamente a este tema, na análise das verbalizações dos participantes mais jovens (filhos e filhas) surgiram 7 categorias: não identificada/nenhuma; apoio; falta de apoio; afeto; sem benefícios; expressividade e figura de apoio.

Tabela 41.

Categoria 1: Não Identificada/Nenhuma

Categoria	UR	UC
Não Identificada/Nenhuma	8	9

A categoria 1 “Não identificada/Nenhuma”, consiste na ausência de situações em que os filhos/filhas sentissem a influência do género tanto no apoio como na falta de apoio dos progenitores sobre as suas escolhas. Esta categoria não apresenta subcategorias e regista a verbalização de 8 participantes.

Exemplo: “... o meu comportamento sempre foi mais associado ao pressuposto de ser rapaz.” (Fo5)

Tabela 42.

Categoria 2: Apoio

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Apoio	Percurso	1	1
	académico		
	Prática desportiva	1	1

A categoria 2 “Apoio”, é relativa a experiências nas quais os filhos/filhas sentiram-se apoiados pelos progenitores nas suas escolhas tendo em conta o género. A subcategoria “Percurso académico”, consiste no facto de a experiência em que os filhos/filhas sentiram apoio dos pais/mães devido ao género estar relacionado com escolhas do percurso académico. Esta subcategoria destaca a verbalização de apenas 1 participante. A subcategoria “Prática desportiva”, consiste no facto dos filhos/filhas sentirem que o apoio dos pais/mães é devido ao género na escolha do desporto praticado. Esta subcategoria consta na verbalização de apenas 1 participante.

Exemplos: “... quando decidi mudar de curso acho que eles aceitaram bastante bem.” (Fo2)

“O desporto que pratico btt é mais um desporto de rapazes.” (Fo7)

Tabela 43.

Categoria 3: Falta de apoio

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Falta de apoio	Aparência	1	1
	Saídas	1	1
	Escolhas	1	2
	académicas e de lazer		

A categoria 3: “Falta de apoio”, é relativa a experiências nas quais os filhos/filhas não se sentiram apoiados pelos progenitores nas suas escolhas tendo em conta o género. A subcategoria “Aparência”, implica que os filhos/filhas devido ao seu género não sentem apoio dos progenitores numa escolha relacionado com a mudança de visual. Tal subcategoria regista a verbalização de apenas 1 participante. A subcategoria “Saídas”, implica que os filhos/filhas devido ao género sentem não terem a permissão dos progenitores e maior controlo na questão de sair à noite. Tal subcategoria destaca a verbalização de apenas 1 participante. A subcategoria “Escolhas académicas e de lazer”, implica que os filhos/filhas tiveram menos apoio dos progenitores relativamente ao seu irmão ou irmã no que toca às escolhas sobre o percurso académico e nas atividades lúdicas. Esta subcategoria foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplos: “Talvez lhes tenha dado um susto (...), disse que queria fazer uma mudança de visual do género colocar um brinco na orelha...” (Fo2)

“... quando tinha 15 anos queria sair com os meus amigos e sei que o meu irmão naquela idade já tinha saído e eu não podia sair porque não tinha idade.” (Fa3)

“... escolhas ao longo da vida sempre que foram focadas no trabalho ou sucesso financeiro sempre senti menos apoio, também em atividades lúdicas sempre senti menos apoio no sentido de celebrar ou no sentido de quererem saber comparativamente ao meu irmão.” (Fa4)

Tabela 44.

Categoria 4: Afeto

Categoria	UR	UC
Afeto	1	2

A categoria 4 “Afeto”, refere-se ao facto de as vantagens enquanto rapariga na família serem ao nível da quantidade de afeto que recebe e das expetativas para o seu comportamento. Esta categoria “Afeto” não apresenta subcategorias e regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “... sinto que tenho um mimo especial que contam mais comigo para dar suporte.” (Fa1)

Tabela 45.

Categoria 5: Sem benefícios

Categoria	UR	UC
Sem benefícios	4	4

A categoria 5 “Sem benefícios”, refere-se ao facto de os filhos/filhas não considerarem ter vantagens na família por serem rapazes ou raparigas. Tal categoria “Sem benefícios” não apresenta subcategorias e destaca a verbalização de 4 participantes.

Exemplo: “... não há assim um benefício que eu te possa dizer...” (Fa3)

Tabela 46.

Categoria 6: Expressividade

Categoria	UR	UC
Expressividade	1	1

A categoria 6 “Expressividade”, consiste no facto de que enquanto rapariga as vantagens na família estão relacionadas com a liberdade pela sua forma de se expressar. Tal categoria “Expressividade” não apresenta subcategorias, tendo sido verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “A minha perspetiva é que aceitam mais suportam o facto de eu fale mais por ser mulher.” (Fa4)

Tabela 47.

Categoria 7. Figura de apoio

Categoria	UR	UC
Figura de apoio	2	3

A categoria 7 “Figura de apoio”, consiste no facto de enquanto rapaz/rapariga as vantagens na família são ao nível de ter um comportamento de suporte para com os outros.

Esta categoria “Figura de apoio” não apresenta subcategorias e consta na verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “... tento ajudar a minha mãe e apoiar a minha irmã.” (Fo7)

Tema E: Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas

O Tema E: diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas, pretende identificar como o comportamento dos progenitores varia consoante o sexo dos filhos. Assim, inclui questões relacionadas com a postura face a comportamentos dos filhos/filhas do seu desagrado e os grandes desafios de educar rapazes e raparigas. No caso dos filhos/filhas, as questões são relativas à manifestação de interesse pelas suas opiniões, os aspetos que comparativamente com o irmão ou irmã exista maior rigor e os aspetos que comparativamente ao irmão ou irmã exista maior despreocupação.

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos/as Pais e Mães

Relativamente a este tema, na análise das verbalizações dos participantes surgiram 6 categorias. No que toca à questão da postura dos progenitores face aos comportamentos dos filhos/filhas do seu desagrado as categorias são as seguintes: aconselhamento; diálogo e castigo. No que toca à questão dos desafios na educação de rapazes e raparigas as categorias são as seguintes: educação e formação da pessoa, mudanças relacionadas com a puberdade e sexualidade e mudanças relacionadas com as interações.

Tabela 48.

Categoria 1: Aconselhamento

Categoria	UR	UC
Aconselhamento	7	8

A Categoria 1 “Aconselhamento”, refere-se aos progenitores lidaram com os comportamentos do filho/filha que não concordem, assumindo uma postura compreensiva tentando corrigir e ajudá-los a melhorar. Tal categoria não apresenta subcategoria e foi verbalizada por 7 participantes.

Exemplo: “Explico-lhe quais são os meus argumentos e tento que ele compreenda uma forma mais adequada de fazer as coisas”. (M7)

Tabela 49.*Categoria 2: Diálogo*

Categoria	UR	UC
Diálogo	8	9

A categoria 2 “Diálogo”, corresponde aos progenitores lidarem com os comportamentos do filho/filha que não concordem através de uma conversa, na qual ambas as partes se ouçam mutuamente e exponham os seus argumentos, chegando a uma compreensão do sucedido e consenso. Tal categoria não apresenta subcategorias e regista a verbalização de 8 participantes.

Exemplo: “Procuro que seja pelo diálogo.” (M2)

Tabela 50.*Categoria 3: Castigo*

Categoria	UR	UC
Castigo	1	1

A categoria 3 “Castigo”, implica que os progenitores lidam com comportamentos do filho/filha que não concordem pela aplicação de uma punição. Esta categoria não apresenta subcategorias e consta na verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Às vezes tem que ser com um castigo.” (P4)

Tabela 51.*Categoria 4: Educação e formação da pessoa*

Categoria	UR	UC
Educação e formação da pessoa	6	8

A categoria 4 “Educação e formação da pessoa”, consiste no facto de um dos grandes desafios dos progenitores quanto à educação dos filhos/filhas ser relativo ao

próprio processo de educar e preparação para a vida futura, no sentido de apresentarem uma conduta correta. Esta categoria não apresenta subcategorias e consta na verbalização de 6 participantes.

Exemplo: “... o mais difícil sem dúvida é conseguir educar para serem bons seres humanos.” (M4)

Tabela 52.

Categoria 5: Mudanças relacionadas com puberdade e sexualidade

Categoria	UR	UC
Mudanças relacionadas com puberdade e sexualidade	1	1

A categoria 5 “Mudanças relacionadas com a puberdade e sexualidade”, consiste no facto de um dos grandes desafios dos progenitores quanto à educação dos filhos/filhas ser abordar o tema da sexualidade e com as mudanças ao nível do corpo no período da puberdade. Tal categoria não apresenta subcategorias e regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “Os grandes desafios são abordar o tema da sexualidade e das mudanças do corpo...” (M2)

Tabela 53.

Categoria 6: Mudanças relacionadas com as interações

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Mudanças relacionadas com as interações	Interação com rapazes	2	2
	Interação com raparigas	3	3

A categoria 6 “Mudanças relacionadas com as interações”, consiste no facto de um dos grandes desafios dos progenitores quanto à educação dos filhos/filhas ser a distinção da melhor forma e tipo de interação mais adequado a estabelecer com cada um.

A subcategoria “Interação com rapazes”, refere-se ao facto de os pais/mães terem a capacidade de oferecer uma boa estrutura aos filhos que reflita num comportamento positivo. Tal subcategoria destaca a verbalização de 2 participantes. A subcategoria “Interação com raparigas”, refere-se ao facto de os pais/mães conseguirem ajustar o seu comportamento para lidar com as raparigas de uma melhor forma. Esta subcategoria foi verbalizada por 2 participantes.

Exemplos: “Eu penso que se os rapazes tiverem um bom suporte familiar sejam mais obedientes...” (M6)

“As raparigas são mais teimosas”. (P3)

Resultados da análise de conteúdo das entrevistas dos/as Filhos e Filhas

Relativamente a este tema, surgiram na análise das verbalizações dos participantes 5 categorias: interesse; maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes; maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas; maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes e maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas.

Tabela 54.

Categoria 1: Interesse

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC	
Interesse	Consideração		3	4	
	Questionamento		3	3	
	Escuta		3	3	
	Reflexão		1	1	
	Validação		1	1	
	Interesse em função da presença/ausência do irmão	Irmão presente		1	2
		menos escuta e consideração			
		Irmão ausente mais pedido e procura		1	2

A categoria 1 “Interesse”, implica as diferentes formas em que os reconhecem e se mostram interessados nas opiniões dos filhos/filhas. A subcategoria “Consideração” foi verbalizada por 3 participantes.

Exemplo: “Hoje em dia têm mais em conta o que eu digo...” (Fa1)

A subcategoria “Questionamento” destaca a verbalização de 3 participantes.

Exemplo: “Qualquer decisão que tivesse que ser tomada (...) perguntavam-me como eu podia ajudar.” (Fo6)

A subcategoria “Escuta” regista a verbalização de 3 participantes.

Exemplo: “(...) Quando é alguma sugestão que eles peçam ouvem...” (Fo5)

A subcategoria “Reflexão” foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “... refletem sobre os meus comentários.” (Fo2)

A subcategoria “Validação” consta na verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “... se acham importante eles próprios dizem boa ideia ou algo do género...”

A subcategoria “Interesse em função da presença e ausência do irmão”, apresenta as subcategorias “irmão presente menos escuta e consideração” e “irmão ausente mais pedido e procura, destacando a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “... escutam mais o meu irmão, na minha opinião as ideias dele eles levam em consideração. Se ele não estiver já me pedem coisas e também me procuram.” (Fa4)

Tabela 55.

Categoria 2: Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes	Tarefas domésticas	1	1
	Monitorização do estudo	2	2
	Controlo das saídas	2	2
		1	2

Escolhas para o
futuro

A categoria 2 “Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes, compreende os aspetos nos quais os progenitores são mais rigorosos com as filhas em comparação aos filhos. A subcategoria “Tarefas domésticas”, implica o facto de as filhas sentirem que relativamente ao irmão os progenitores são mais rigorosos consigo em termos da realização das tarefas domésticas. Esta subcategoria foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “Sem dúvida nas tarefas domésticas.” (Fa1)

A subcategoria “Monitorização do estudo”, refere-se ao facto de as filhas sentirem que relativamente ao irmão os progenitores são mais rigorosos consigo ao nível do desempenho escolar. Tal subcategoria consta na verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “... durante a escola eram um pouco mais rigorosos comigo.” (Fa3)

A subcategoria “Controlo das saídas”, refere-se ao facto de as filhas sentirem que relativamente ao irmão os progenitores são mais rigorosos consigo no que toca às saídas noturnas, existindo maiores restrições. Tal subcategoria regista verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “... tinha horários mais estipulados para chegar a casa.” (Fa4)

A subcategoria “Escolhas para o futuro”, implica o facto de as filhas sentirem que relativamente ao irmão os progenitores são mais rigorosos em termos das escolhas no seu percurso de vida importantes para o futuro. Esta subcategoria foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “Foram mais rigorosos comigo em termos do caminho de vida escolhas que eu tomei...” (Fa4)

Tabela 56.*Categoria 3: Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas	Não existem	3	3
	Fator idade	2	2

A categoria 3 “Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas”, compreende os aspetos em que os progenitores são mais rigorosos com os filhos comparativamente com as filhas. A subcategoria “Não existem”, implica que não existem aspetos em que os pais/mães sejam mais rigorosos com os filhos relativamente às filhas. Esta subcategoria regista a verbalização de 3 participantes. A subcategoria “Fator idade”, implica que os progenitores são mais rigorosos com os filhos relativamente às filhas por conta da idade. Tal subcategoria consta na verbalização de 2 participantes.

Exemplos: “... não consigo identificar nada...” (Fo2)

“Por ser mais velho sinto mais responsabilidade.” (Fo8)

Tabela 57.*Categoria 4: Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes*

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes	Comportamento	2	3
	Futuro	1	2

A categoria 4 “Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes”, refere-se aos aspetos em que os progenitores sentem menor preocupação com as filhas comparativamente aos filhos. A subcategoria “Comportamento”, é relativa às

filhas sentirem que em comparação ao irmão os pais/mães se preocupam menos com as suas atitudes e forma de estar. Tal subcategoria foi verbalizada por 2 participantes.

Exemplo: “O meu irmão mete-se mais em alhadas, (...) o que acaba por preocupar mais. Ele também é uma pessoa desinteressada... (Fa3)

A subcategoria “Futuro”, refere-se ao facto de as filhas sentirem que relativamente ao seu irmão os pais/mães demonstram ser mais despreocupados consigo em termos da construção dos seus planos de vida mais especificamente na questão amorosa. Tal subcategoria regista a verbalização de apenas 1 participante.

Exemplo: “O meu irmão apesar de ter uma relação é algo mais distante, (...) a esse nível preocupam-se mais com o futuro dele.” (Fa4)

Tabela 58.

Categoria 5: Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas	Comportamento	2	3
	Não identificado	2	2
	Monitorização do estudo	1	1

A categoria 5 “Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas”, implica aspetos nos quais os filhos sentem que relativamente à irmã os pais/mães demonstram ser mais despreocupados consigo. A subcategoria “Comportamento”, implica o facto de os filhos sentirem que relativamente à irmã os pais/mães deixam-nos mais a vontade em termos do tipo de comportamentos que podem adotar. Esta subcategoria destaca a verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “... liberdade que sempre tive para fazer as coisas (...) permitiram-me ser mais independente”. (Fo2)

A subcategoria “Não identificado”, implica o facto de os filhos não sentirem a presença de aspetos nos quais relativamente à irmã os pais/mães demonstrem ter menos

preocupação consigo, que apresentam uma postura idêntica. Esta subcategoria consta na verbalização de 2 participantes.

Exemplo: “... não posso apontar nada de diferente em relação à forma como tratam a minha irmã.” (Fo6)

A subcategoria “Monitorização do estudo”, implica o facto dos filhos sentirem que relativamente à irmã os pais/mães são mais despreocupados consigo ao nível do desempenho escolar. Esta subcategoria foi verbalizada apenas por 1 participante.

Exemplo: “A nível de escola.” (Fo8)

4. Discussão dos resultados

Tendo sido apresentados anteriormente os resultados obtidos da análise das entrevistas realizadas a 20 participantes, dos quais 12 adultos e 8 jovens. Agora importa comparar os dados com a literatura no sentido de entender a sua importância.

A discussão dos resultados segue a mesma ordem de organização adotada no ponto “Apresentação de Resultados”.

Tema C: Influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas

Este tema refere-se às características da interação dos progenitores com os seus filhos e filhas. Os participantes foram inquiridos sobre a divisão das tarefas domésticas, a organização dos momentos de lazer, sua especificidade e como são vivenciados. No caso das figuras parentais, ainda esteve presente a manifestação de afeto em relação ao filho e a filha. Para os filhos e filhas, o tema abordou também o tipo/conteúdo das conversas com o pai e a mãe, eventuais mudanças que pudessem existir se fossem do outro sexo e a reação dos pais tanto ao seu comportamento como em relação ao comportamento do irmão ou irmã.

De acordo com os pais e mães, as tarefas domésticas são maioritariamente realizadas por todos os membros da família, não sendo evidente grandes diferenças no tipo de trabalho imposto aos rapazes e raparigas, pois ambos contribuem de igual forma e são responsabilizados por tarefas mais básicas (e.g. colocar a mesa, lavar loiça, despejar o lixo), ainda que nas raparigas possa ser pedido uma intervenção maior para ajudar no caso de fazer limpezas ou tratar da roupa. Relativamente ao que acontece no domínio do

casal, a responsabilidade por este trabalho é maior, ocupando-se das tarefas mais complexas, existindo entreajuda e um equilíbrio no que é feito. Tal situação acaba por sobressair nos casos em que os filhos/as são muito novos, estão deslocados ou já não habitam na mesma casa que os seus pais, tornando a realização das tarefas domésticas do domínio exclusivo do pai e da mãe.

Segundo Leaper e Friedman (2008), a família é um dos principais agentes de socialização e nesse sentido, são os progenitores que devem servir de modelo para os seus filhos/filhas enquanto homem e mulher, transmitindo crenças, estereótipos, padrões culturais que orientam o seu comportamento face ao desempenho do papel de género. Numa perspetiva tradicional associa-se o género feminino a questões como a realização do trabalho doméstico (Txabarri, 2015). Assim e contrastando com o autor, nas verbalizações dos participantes não foi notório essa separação entre os dois sexos, porque todos participam nas tarefas da casa.

Do mesmo modo, diferenças que possam advir do processo de socialização para rapazes e raparigas ocorrem quanto ao acompanhamento que os progenitores oferecem em determinadas atividades e pelo seu próprio incentivo ao tipo de atividades que os filhos e filhas devem realizar (Lytton & Romney, 1991; Leaper, 2002). Considerando os momentos de lazer partilhados entre pais/mães e filhos/filhas é possível referir que ambos realizam atividades específicas tanto com os rapazes como com as raparigas. Contudo, surgiram casos em que esses momentos são vivenciados de forma conjunta e curiosamente nas famílias com os filhos próximos de idade. As atividades mencionadas incluem a prática de atividade física, atividades ao ar livre/passear e assistir desporto e são casos observados tanto com os rapazes como com as raparigas. Logo, a ideia anterior não se verifica e os pais e mães inquiridos não condicionam/limitam as realizações dos filhos e filhas, privilegiando os seus interesses. Para que a ocorrência dos momentos de lazer seja possível, os adultos organizam-se segundo o fator da disponibilidade da família, pressupondo que todos chegam a acordo sobre os planos, que podem vir mais espontaneamente ou ser influenciados pela decisão dos filhos/filhas, quando os mesmos são mais novos.

Relativamente a manifestação do afeto, os pais e mães afirmaram no geral que demonstram a ambos os filhos através de palavras de apoio/conforto e gestos de carinho, não se observando diferenças conforme o sexo. Neste sentido, há uma tendência de entre

o casal adotar a mesma postura. É de notar que são as mães que utilizam com maior frequência a demonstração de carinho por gestos, implicando contato físico como beijos e/ou abraços. Para Maccoby (2003) cit. por Soares (2012) são normalmente as mães que apresentam maior proximidade com os filhos e filhas, além de serem mais afetuosas. Isto pode encontrar explicação, no facto de segundo estereótipos tradicionais considerar-se a progenitora como a principal responsável pelo cuidado e educação dos filhos, enquanto que o progenitor é visto a figura de autoridade e disciplina (Monteiro et al., 2006). De acordo com Nascimento e Trindade (2010), o tipo de afeto também é uma característica que sofre influência do sexo dos filhos, mas aqui tal não se evidenciou, porque apenas um pai mencionou uma forma distinta de manifestar o seu afeto com o rapaz e a rapariga, o que pode estar mais relacionado com o facto de a filha ser uma criança e o filho já ser um jovem adulto.

No que diz respeito à relação que os progenitores estabelecem com os filhos/filhas, destacou-se por perspectiva das mães a categoria do relacionamento igual. Autores como Roskam e Meurier (2009) e Yoo (2017), afirmam que o tipo de relação estabelecida entre pais/mães e filhos/filhas é afetado pelo sexo da criança e assim sendo, os progenitores têm o hábito de interagir diferenciadamente com os rapazes e raparigas. Indo ao encontro desta constatação, temos presente o caso de uma mãe em que o relacionamento com o filho e filha é diferente por influência do género, no qual o rapaz está beneficiado comparativamente à rapariga, ainda que seja realçado o aspeto da idade. Contudo, na maioria os pais e mães que identificam a relação como diferente, associam a fatores derivados das características de personalidade e da idade. Este panorama é concordante com o facto de que o sexo dos filhos pode não ser tão determinante para o comportamento dos progenitores, sobre qual identifica-se a ordem de nascimento como o aspeto de maior influência (Keller & Zach, 2002).

Tal como se registou para o caso dos pais e mães, também nos jovens foi identificada como categoria predominante a divisão das tarefas domésticas por toda a família, o que significa que não houve respostas diferenciadas entre os rapazes e as raparigas quanto ao tipo do seu contributo. Indo ao encontro do que foi dito anteriormente, os filhos/filhas concordam que os progenitores são responsáveis pelo trabalho mais complexo e eles/elas ajudam no trabalho mais simples e cuidam das suas coisas (e.g. arrumar o quarto). Nesta questão, observaram duas situações referenciadas por um rapaz e uma rapariga em que apenas o trabalho doméstico competia ao sexo feminino. Ainda

que não seja tão expressivo, de alguma forma perpetua a ideia do estereótipo do papel da mulher como responsável pelas tarefas da casa (Txabarri, 2015).

Face à organização dos momentos de lazer com a família, os filhos e filhas mencionaram que o principal fator a ser considerado para a ocorrência desses momentos é haver disponibilidade. Especificamente, para a questão da partilha de momentos de lazer com cada um dos progenitores, verificou-se que tanto os rapazes como as raparigas têm atividades distintas que realizam só com a mãe e só com o pai. Contudo, tem um filho e uma filha que apenas partilham momentos de lazer com uma das figuras parentais, neste caso com o pai e a mãe respetivamente. Isto pode se relacionar com a literatura, na medida em que os filhos/filhas costumam desenvolver uma ligação mais profunda com o progenitor do mesmo sexo e para reforçar, são as mães que conhecem melhor os gostos das raparigas acontecendo o mesmo dos pais relativamente aos gostos dos rapazes (Collins & Russel, 1991, cit. por Russel & Saebel, 1997; Maccoby, 2003, cit. por Soares, 2012). Um resultado curioso, foi o facto de a principal atividade realizada entre o filho/filha com a mãe ser o fazer compras.

Voltando à consideração de Collins e Russel (1991) cit. por Russel e Saebel, (1997), esta ganha força com as respostas das filhas a apontarem para a sua maior facilidade e sentirem-se confortáveis ao falarem com as mães sobre qualquer assunto, com especial ênfase nos seus problemas pessoais. Além disto, vai ao encontro de que a relação entre as mães e as raparigas está marcada por uma grande intimidade e proximidade quanto à troca de experiências, sendo que a progenitora serve de modelo para as filhas (Belenky et al., 1986, cit. por Russel & Saebel, 1997). No caso dos rapazes, não houve diferenças no tipo de assuntos que existe maior conforto para conversar com o pai e a mãe, pois com ambos abordaram a facilidade em falar sobre tudo. Por essa mesma razão, para os rapazes o género não seria tão relevante, tendo dito que não sentiriam qualquer mudança se fossem do outro sexo. Contrariamente, as raparigas revelaram que existiram diferenças ao nível da relação estabelecida com o pai e/ou expectativas sobre o seu comportamento.

Quanto à forma como o pai e a mãe demonstram estar aborrecidos ou satisfeitos com o comportamento dos filhos/filhas, os jovens não apresentam diferenças entre a atitude dos progenitores. As categorias que mais se destacaram como demonstração do contentamento dos pais/mães foram a “alegria” e “elogio”, e por outro lado, no modo

como os pais/mães demonstram o seu desagrado destacam-se as categorias “aconselhamento e compreensão”. Portanto, mesmo insatisfeitos os progenitores procuravam ajudar e orientar em vez de punir. Apesar disso, uma das jovens distingue a atitude do pai e da mãe, sendo o pai que apresenta a postura mais severa quando está aborrecido (“aborrecimento e conflito” em oposição ao “aconselhamento e compreensão” da mãe) e um rapaz mencionou que os dois progenitores se estiverem aborrecidos castigam-no. Neste caso, os pais/mães demonstram diferenças no seu comportamento relativamente a ambos os filhos. Assim, nalguns casos aparecem os progenitores a serem mais benevolentes com o rapaz, por oposição a uma maior rigidez com a rapariga e verifica-se também uma postura mais rígida com o rapaz quando são mais benevolentes com a rapariga.

Neste sentido, segundo McKee e colaboradores, 2007, o pai tende a assumir uma postura mais severa com o rapaz e apresentar uma certa agressividade, o que não corresponde em absoluto aos dados obtidos, pois o mesmo tipo de atitude encontra-se na mãe e, há casos em que essa postura dos pais/mães está acentuada na rapariga. Considera-se ainda, que a relação dos progenitores com as filhas, é baseada no carinho, confiança e flexibilidade, comunicando de forma valorativa e com os filhos a comunicação pode envolver criticismo (McNaughton & Niedzwiecki, 2000). Tendo em conta as variações que existiram, mais uma vez esta assunção não se verifica, pois não está claramente demarcada uma diferença para os rapazes e raparigas.

Em termos da relação que estes jovens e os seus irmãos/irmãs estabelecem com o pai e mãe voltam a encontrar-se diferenças sobretudo associadas à idade, que foram referidas pelos rapazes e raparigas. Mesmo assim, estão presentes outros aspetos como a personalidade, controlo parental, exigência e conteúdo das conversas. Pelas respostas dadas, foi possível compreender que os progenitores tendem ser mais restritivos com as raparigas e limitar o seu comportamento. Isto vai ao encontro de resultados que mostram que os progenitores preferem utilizar estratégias de apoio à autonomia com os rapazes e com as raparigas estratégias de controlo (Domenech Rodríguez et al., 2009). Também para reforçar essa premissa, Fagan e colaboradores, 2011, apontam o facto de os progenitores demonstrarem maiores preocupações com as filhas, acabando por exercer sobre elas um grande controlo e impondo mais limites.

Na perspetiva das raparigas, o fator género tem mais impacto, porque apesar de não ser diretamente apontado como a raiz da diferença exerce influência sobre a forma como essa diferença se manifesta, quando as raparigas em relação aos rapazes são mais prejudicadas. Através deste quadro, podemos falar na teoria dos esquemas de género de Bem (1983). A teoria, refere que se os progenitores tiverem atitudes tradicionais quanto aos papéis de género, estes terão grandes probabilidades de apresentar perante os filhos/filhas comportamentos que reforcem esses estereótipos (e.g. ser mais severo com os rapazes e delicado com as raparigas) (Kollmayer, 2016). Do mesmo modo, os progenitores que tiverem ideias menos estereotipadas sobre os papéis de género terão maior probabilidade de apresentar perante os filhos/filhas um comportamento incongruente ao que seja adequado para cada género (e.g. mais delicados com os rapazes e mais severos com as raparigas) (Kollmayer, 2016).

Em síntese, relativamente a este tema percebeu-se que ambos os progenitores partilham de momentos de lazer com os filhos e filhas, para os quais não existem grandes diferenças no tipo de atividades que envolvem os rapazes e raparigas. Assim, nota-se que a convivência e trocas entre os pais/mães e os jovens acontecem de igual forma. Também existe uma relação de maior proximidade das raparigas com as mães, sentindo-se mais confortáveis para comunicar de qualquer assunto comparativamente aos rapazes, que não registam/fazem esse tipo de diferença nos progenitores. As mães consideram-se mais afetuosas que os pais, e no geral os progenitores não apresentam diferenças na forma como demonstram carinho aos rapazes e raparigas. Na relação com os filhos e filhas, o aspeto que mais influencia o comportamento dos pais e mães é a idade, ainda que a tendência dos progenitores seja a de interagir de igual forma com os rapazes e raparigas. Contudo, as filhas têm presente o impacto do género, pois discriminam mais fatores diferenciadores de tal interação relativamente aos irmãos. De acordo com isso, é possível observar que os progenitores exercem um controlo elevado sobre as raparigas e são mais exigentes com elas face aos rapazes.

Tema D: Expetativas dos progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas

No tema que corresponde à perspetiva dos progenitores sobre a forma de ser e estar ideal dos filhos e filhas, os progenitores foram inquiridos sobre as características que mais apreciam nos filhos/filhas, a escolha de brinquedos diferenciados para rapazes

e raparigas e por sua vez o tipo de brinquedos dados aos mesmos, a reação perante comportamentos dos filhos/filhas socialmente desadequados com o género e quais as responsabilidades/exigências para os rapazes e raparigas. No caso dos filhos e filhas, incluiu questões relacionadas com a experiência de apoio e falta de apoio dos progenitores nas suas escolhas devido ao género e as suas vantagens de serem rapaz/rapariga dentro da família.

Os pais/mães destacaram como características mais apreciadas tanto nos filhos como nas filhas a presença de valores e princípios morais na sua conduta, remetendo para o modo como se relacionam com os outros e com a sua forma de ser/estar. Tanto nos rapazes como nas raparigas apareceu esta categoria, tendo sido enfatizados os aspetos da bondade, integridade e responsabilidade. Além destas, outras características, surgiram (independência, inteligência e criatividade). Curiosamente, uma mãe realçou o facto do seu filho ser carinhoso, aspeto que pode ser mais expectável como característica para o sexo feminino, tendo em conta que se associa às mulheres as seguintes características: amabilidade, compassividade, preocupação com os outros e elevada expressividade emocional (Wood & Eagly, 2010). Pelo contrário, os mesmos autores referem que ao homem costuma associar-se características como a coragem, a assertividade, a competitividade, a ousadia e a dominância. Também, corresponde ao género masculino o facto de ser líder e independente (Rudman et al., 2012). Foi possível observar com estes dados, que não teve evidente tal assimetria entre os rapazes e raparigas, pois algumas das características acima incidiram nos dois géneros.

No que diz respeito à escolha de brinquedos diferenciados para rapazes e raparigas, a maioria dos pais e mães demonstrou com as suas repostas ser completamente indiferente ao aspeto género sobre o tipo de brinquedos que os filhos/filhas devem ter, assumindo que é mais uma questão de gosto. A situação contrária também está presente, com os progenitores a concordar que os brinquedos para os rapazes e raparigas tenham relação ao género, tendo esta posição maior expressão no sexo feminino. Em termos do tipo de brinquedos dados ao filho e filha, os progenitores foram congruentes com a opinião acima, mencionado que os brinquedos para rapazes e raparigas não apresentam diferenças (categoria “comuns/indiferenciados”). Apesar disso, notam-se casos em que essa escolha dos pais/mães para os filhos/filhas está associada com o género quando na presença de diferenças as raparigas têm bonecas e as opções para os rapazes referem-se à exploração do ambiente e competências manuais. Como tal, pode-se dizer que houve uma

significativa visão estereotipada, correspondendo à premissa de que outro aspeto no qual os progenitores manifestam socializar os rapazes e raparigas segundo os papéis de género é na escolha de brinquedos (Pomerleau et al., 1990).

No caso do filho ou filha apresentar um comportamento que socialmente é desadequado com o género, os progenitores revelaram maioritariamente aceitar ou respeitar essa situação. Ainda assim, observou-se sobretudo nas mães algumas reações negativas como repreender, ficar surpresa e questionar. Todos estes casos, registaram-se para quando o comportamento fosse do rapaz, portanto talvez haja uma penalização maior dos pais e mães para os filhos e dificuldade de compreensão quanto uma situação assim acontece. Geralmente, a postura do casal com o filho/filha foi a mesma, só existiu um caso de uma rapariga em que apesar da reação dos dois progenitores ser positiva, o pai demonstra um ligeiro desconforto.

Falando, sobre responsabilidades e exigências para rapazes e raparigas, tanto os pais como as mães consideraram que ambos são iguais, relativamente, aos seus direitos e deveres, portanto, por estes participantes no estudo não se verifica uma distinção.

Observando a análise das verbalizações dos filhos/as, a respeito deste tema, estes referem de uma forma geral não existir experiências, nas quais sentissem que o apoio dos pais/mães nas suas escolhas tivesse influência do género. Contudo, dois rapazes mencionaram situações em que o género possa estar relacionado com o apoio dos progenitores. Especificamente, as categorias foram “prática desportiva” e “percurso académico”.

O tipo de expectativas que os progenitores criam face aos filhos e filhas é influenciado pelo sexo dos mesmos/as (Nascimento & Trindade, 2010). Neste sentido, geralmente os pais e mães realçam os aspetos positivos de certas atividades ou comportamentos para os rapazes e raparigas (Endendijk et al., 2014). Ainda relativamente ao apoio, neste caso a falta deste por parte dos pais e mães nas suas escolhas, os jovens revelaram situações em que sentiram a influência do género, sendo as raparigas a discriminar mais esse facto, considerando que o seu comportamento em relação ao dos rapazes é limitado. Indo ao encontro destes resultados, temos a literatura a dizer que os progenitores são mais restritivos com as filhas do que com os filhos face ao tipo de oportunidades encorajadas (Leaper, 2002). Tamis-Lemonda e colaboradores, 2009, afirmam que os pais/mães têm melhores expectativas face ao percurso académico

das raparigas, o que pode se associar ao facto de uma filha salientar menos apoio sentido em escolhas sobre o percurso académico. Curiosamente o aspeto do percurso académico foi realçado anteriormente como uma escolha em que o feedback do pai/mãe foi positivo relativamente a um rapaz.

No que se refere aos benefícios ou vantagens quanto ao seu papel na família, os filhos e filhas mencionaram maioritariamente não encontrar benefícios devido ao seu género, que incluem uma rapariga e quatro rapazes. Os restantes participantes, mencionam aspetos nos quais está presente a tendência para assumir determinada postura ou receber determinado feedback pelo género, com as categorias “afeto” (rapariga), “figura de apoio” (rapariga e rapaz) e “expressividade” (rapariga). Segundo Rudman e colaboradores, 2012, é pressuposto ao género feminino e até estimulado a manifestação de características como ser bom ouvinte, sensível, afetuoso e cuidador, o que pode ser comprovado através dos resultados obtidos.

Em síntese, relativamente a este tema percebeu-se que os pais e mães não salientam características específicas para raparigas e rapazes, não se verificando a valorização de certos traços sobre um género em detrimento do outro. Ao nível do tipo de brinquedos dos filhos/filhas os progenitores revelaram não estar preocupados com a questão do género face a essa escolha, ainda que no caso de algumas mães se tivesse observado uma diferença relativamente aos brinquedos dados aos rapazes e às raparigas, associados a uma visão estereotipada. Houve um destaque maior numa reação negativa dos pais/mães para comportamentos do filho que fossem socialmente desadequados com o género. Este dado permite-nos concluir, que a expectativa dos progenitores quanto à conduta dos rapazes está fortemente associada aos padrões definidos socialmente, ou seja, apresentam maior pressão sobre os rapazes para seguir determinados modelos socialmente aprovados. Considerando as suas decisões, as raparigas sentiram maior falta de apoio por parte dos pais e mães, identificando que os progenitores são mais restritivos quanto ao seu comportamento.

Tema E: Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas

No presente tema, os progenitores foram inquiridos quanto à sua postura face a comportamentos do filho/filha e os grandes desafios de educar rapazes e raparigas. Por sua vez, questionou-se os jovens relativamente à manifestação de interesse dos pais e

mães nas suas opiniões e os aspetos que comparativamente ao irmão/irmã os progenitores sejam mais rigorosos ou mais despreocupados.

No que se refere ao modo como lidavam com os comportamentos do filho ou filha com que não concordassem, os pais e mães declararam quase na totalidade que a sua postura é de aconselhar e dialogar, quer seja com os rapazes como com as raparigas. Foi salientado por um pai a atitude mais drástica de castigar o filho. Um estudo de Fitzpatrick e Vangelisti, 1995, conclui que os pais quando confrontados com os problemas dos filhos não se predispõem tanto a ouvir as suas explicações e a querer perceber, ao invés das mães que procuram conversar com os filhos/filhas e chegar a um acordo sobre a resolução. Esta perspetiva face ao sexo feminino foi a que mais se evidenciou nos dados apresentados acima em ambos os progenitores, logo houve concordância com a literatura relativamente à reação da mãe. Relativamente aos pais, como apenas se registou uma situação em que a postura do homem foi mais severa que a da mulher com o filho, não temos dados suficientes para fazer uma análise generalizada de que os pais normalmente são mais autoritários e estipulam mais regras (Conrade & Ho, 2001; Winsler et al., 2005). Aliás, no presente estudo, a atuação dos progenitores corresponde a uma prática enquadrada no estilo parental democrático, voltando-se a realçar o progenitor do sexo feminino como sendo aquele que normalmente assume uma postura democrática (Mckiney & Renk, 2008).

Quanto aos desafios para a educação de rapazes e raparigas, os progenitores mencionam o próprio processo de educar os filhos e filhas com vista a apresentar uma conduta com bons princípios e a prepará-los para a vida futura. De uma forma geral, não se pronunciaram sobre aspetos específicos referentes aos rapazes e às raparigas. Raley e Bianchi, 2006, defendem que um dos principais desafios que a parentalidade enfrenta respetivamente a educação das raparigas seja ao nível de lidar com as questões da autoestima, enquanto nos rapazes seja ao nível de impor/dar disciplina e segurança física. Isto foi algo então não evidenciado nos dados obtidos. Apesar disso, tanto um pai como uma mãe destacam para uma rapariga um aspeto diferenciador, que se trata de adaptar o seu modo de interação com a filha para corresponder da melhor forma as suas necessidades ou características. Neste caso, o desafio dos progenitores seria lidar com a teimosia da rapariga.

Todos os pais e mães demonstraram interesse pelas opiniões dos filhos/filhas, que principalmente apresentou-se na forma de questionar, ouvir as suas ideias e ponderar e refletir sobre a pertinência das mesmas. Apoiando estes resultados, temos a consideração de que as mães revelam capacidade para reconhecer e aceitar as opiniões dos filhos e filhas (Stewart et al. 1996). Entre os rapazes e raparigas não se verificam diferenças, sendo que apenas uma filha referiu que a predisposição dos progenitores para pedir/receber as suas opiniões depende da presença do irmão, então sente o impacto do género quando os contributos do irmão são mais valorizados que os seus.

Relativamente a aspetos que os jovens consideraram que em comparação com o irmão/irmã o pai e a mãe são mais rigorosos foi possível constatar que os rapazes referem não existir diferença, apresentando essencialmente o fator idade (são o filho mais velho) para explicar uma maior exigência dos progenitores com o seu comportamento ou na forma como reagem face às raparigas. Em contrapartida, as raparigas que participaram no estudo sentem diferenças perante o género neste domínio, manifestando que os pais/mães são mais rigorosos consigo nos aspetos do estudo, tarefas domésticas, saídas á noite e decisões para o futuro. Indo ao encontro de tal resultado, temos a afirmação de que os rapazes avaliam os progenitores como sendo mais permissivos consigo face às raparigas (Mckiney & Renk, 2008). Posto isto, nos aspetos que os jovens sentem menor preocupação dos pais/mães por oposição ao irmão ou irmã, tantos os rapazes como as raparigas falaram na questão do comportamento, mas por diferentes motivos. Relativamente aos filhos a preocupação com o comportamento está associada à rebeldia, enquanto nas filhas está associada a uma maior proteção. Segundo Lytton e Romney (1991), muitas das diferenças acentuadas nos estilos parentais acontecem devido aos rapazes terem uma maior predisposição para mostrar um comportamento desafiante e desobediente. Também, os progenitores são de opinião que os filhos comparativamente às filhas são mais capazes de ludibriar as regras (Beal, cit. por Vyas & Bano, 2016). Nestes resultados podemos observar a influência do género, mas em interação com as características de personalidade. O fator idade voltou a ser mencionado, na medida em que alguns rapazes não puderam fazer essa comparação relativamente às irmãs, pois às mesmas ainda são crianças e eles ou estão na fase da adolescência ou são jovens adultos.

Em síntese, relativamente a este tema percebeu-se que para as questões da educação dos rapazes e raparigas não existem por parte dos pais/mães aspetos difíceis específicos para cada um dos géneros, sendo que os progenitores têm com os rapazes e

as raparigas preocupações idênticas. Relativamente ao interesse demonstrado pelos pais e mães nas opiniões dos filhos/filhas, este acontece de igual forma e inclui o reconhecimento bem como a valorização das suas ideias, mostrando que os progenitores estão disponíveis para escutar os jovens. Como tal, na postura dos pais e mães está presente uma prática que se enquadra no estilo democrático, preferindo dialogar com o filho/filha apresentando-se compreensivos e procurando aconselhar face a atitudes por eles consideradas menos corretas, em vez de castigar. Ficou perceptível que os progenitores são mais rígidos com as raparigas, tendo sido o género feminino a sentir mais o impacto da diferença de género quanto à exigência do pai/mãe e a forma como avaliam ou reagem ao seu comportamento. Para os rapazes, os progenitores demonstram-se mais permissos e o fator idade é o mais realçado pelos jovens (que são o filho mais velho) como motivo que explica a maior exigência dos pais e mães consigo face a irmã e exercerem mais controlo sobre o seu comportamento.

Conclusão

Com o presente estudo, pode-se concluir que de um modo geral não existem grandes nuances ao nível da dinâmica estabelecida entre os pais/mães com os filhos e filhas, sendo que o casal adota uma semelhante postura perante os comportamentos do rapaz e da rapariga. Contudo, as filhas sentem relativamente aos filhos o impacto maior do género quanto ao tipo de relação com os progenitores e pela forma como avaliam ou reagem às suas atitudes. Entende-se que em comparação com os pais e mães são os jovens que reconhecem maiores diferenças no comportamento dos progenitores, ou seja, estes podem conscientemente não perceber que a variável género exerce alguma influência, enquanto os jovens vivenciam isso.

Voltando ao principal objetivo, de identificar a que níveis os estereótipos de género se perpetuam no contexto familiar, através deste estudo ficou saliente que no aspeto da comunicação existe uma maior proximidade entre mães e filhas e também são as mesmas que tendem a ser mais afetuosas com ambos os filhos. Os progenitores refletem na sua postura perante o comportamento dos filhos/filhas algumas expectativas baseadas em estereótipos sobre como deve ser a forma de estar de rapazes e raparigas, que são determinadas pelo grau de exigência e o apoio nas suas escolhas. Neste sentido, recai sobre as filhas um maior controlo e imposição de limites ao seu comportamento, estando sobretudo em desvantagem comparativamente aos filhos em questões como o

estudo e percurso académico, as tarefas domésticas e as saídas à noite. Ainda assim, acontece os pais/mães assumirem uma postura mais severa com os comportamentos do rapaz do que com os da rapariga, o que se explica pela interação de fatores como a idade e as características de personalidade.

A idade foi um fator que no estudo se destacou como principal diferenciador da relação dos progenitores com os filhos e filhas, podendo acentuar ou minimizar o efeito género no exercício da parentalidade. A teoria biossocial refere que a pressão para se conformar com os papéis de género aumenta com a idade, sendo especialmente elevada durante a adolescência (Wood & Eagly, 2012).

Os resultados verificados no estudo, poderão servir de base para ajudar os pais e mães a entender quais as maiores diferenças que existem no seu relacionamento com os rapazes e raparigas e sobre a forma como os educam, refletindo-se nas suas justificativas e possíveis consequências para o desenvolvimento dos jovens. Partindo daqui, tem-se conhecimento de como os estereótipos de género atuam dentro da família e que estratégias podem ser utilizadas para reduzir esse impacto e tentar construir uma parentalidade sem diferenças, melhorando também a postura que os jovens adotam perante os progenitores. A este respeito, é útil trabalhar com os pais e mães no sentido de desconstruir algumas crenças e reavaliar a sua própria experiência enquanto filho ou filha.

Todavia, o estudo apresenta algumas limitações. Assim, pretendemos destacar as limitações inerentes à metodologia de investigação qualitativa, na medida que estas envolvem a subjetividade do investigador e, a recolha dos dados por autorrelato, podem implicar o fenómeno de desejabilidade social. Outra limitação consiste no facto de não haver equivalência relativamente ao tamanho dos subgrupos dos participantes, em que nos adultos predomina o sexo feminino (mães) e nos jovens é mais elevado o número de rapazes, os quais são maioritariamente o filho mais velho, podendo enviesar os dados. Determinados participantes forneceram os dados através do questionário online, e nesses por vezes faltou profundidade nas respostas e acabou-se por não conseguir clarificar/explorar melhor certos aspetos com os participantes.

Para futuras investigações seria interessante comparar diferentes grupos etários, incluindo crianças e adolescentes dos dois sexos e poder-se-ia alargar este estudo com a participação do filho do outro sexo, tendo assim uma avaliação mais detalhada de como sucede a perpetuação dos estereótipos de género dentro de cada família. De forma a

colmatar uma das limitações encontradas, seria benéfico realizar um estudo com rapazes que fossem o filho mais novo, para observar se os padrões se manteriam.

Referências Bibliográficas

Abrantes, Pedro (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 21, 121-139. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2229>

Amodio, D. (2014). The neuroscience of prejudice and stereotyping. *Nature Reviews Neuroscience*, 15, 670–82. <https://doi.org/10.1038/nrn3800>

Amurrio, M., Larrinaga, A., Usategui, E., & Del Valle, A. I. (2012). Los estereotipos de género en los/las jóvenes y adolescentes. *XVII Congreso de Estudios Vascos: Innovación para el progreso social sostenible*, 227-248.

Bandura, A. (1971). *Psychological Modeling: conflicting theories*. Aldine-Atherton Publishing Co.

Bandura, A. (1977). *Social Learning Theory*. Prentice Hall.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action*. Prentice Hall.

Bandura, A. (1989). Social Cognitive Theory. In R. Vasta (Ed.). *Annals of Child Development: Six Theories of Child Development* (pp. 1-60). Jai Press.

Bandura, A., & Barab, P. G. (1971). Conditions governing nonreinforced imitation. *Developmental Psychology*, 5(2), 244-255. <https://doi.org/10.1037/h0031499>

Bardin, I. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907. <https://doi.org/10.2307/1126611>

Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. In P.A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family Transitions* (pp. 111-163). Publishers Hillsdale.

Bem, S. L. (1981). Gender Schema Theory: a cognitive account of sex typing. *Psychological review*, 88, 354–364. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.88.4.354>

Bennett, M., Sani, F., Hopkins, N., Agostini, L., & Malucchi, L. (2000). Children's gender categorization: an investigation of automatic processing. *British Journal of Developmental*, 18(1), 97–102. <https://doi.org/10.1348/026151000165599>

- Blakemore, J. E. O., Berenbaum, S. A., & Liben, L. S. (2009). *Gender Development*. Psychology Press.
- Blaine, B. E. (2007). *Understanding Gender Stereotypes and Sexism*. Sage publications.
- Botero, M. O., & Pavas, E. M. (2015). Cambios en los estereotipos de género en la familia. *Textos y Sentidos*, 11, 141-154.
- Botton, A., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os papéis parentais nas famílias: analisando aspetos transgeracionais e de gênero. *Pensando famílias*, 19(2), 43-56. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200005
- Buss-Simão, M. (2013). Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. *Cadernos de Pesquisa*, 43(148), 176-197. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000100009>
- Bussey, K., & Bandura, A. (1984). Influence of gender constancy and social power on sex-linked modeling. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47(6), 1292-1302. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.47.6.1292>
- Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review*, 106(4), 676-713. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.106.4.676>
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in the 21st century. *Child Development*, 71(1), 127-136. <https://doi.org/10.5172/jfs.2012.18.2-3.98>
- Campbell, J., & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59(3), 140-150. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.683360>
- Campos, L. A. M. (2015). Estereótipos e Socialização. *Conhecendo Online*, 2(1). Recuperado de <https://conhecendoonline.emnuvens.com.br/revista/article/view/21>
- Cardoso, M. R. G., de Oliveira, G. S., & Ghelli, K. G. M. (2021). Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, 20(43), 98-111.
- Carroll, W., & Bandura, A. (1990). Representational guidance of action production in observational learning: A causal analysis. *Journal of Motor Behavior*, 22(1), 85-97. <https://doi.org/10.1080/00222895.1990.10735503>

- Castañeda, M. (2006). *O machismo invisível*. Girafa Editora.
- Chen, X., Wu, H., Chen, H., Wang, L., & Chen, G. (2001). Parenting practices and aggressive behavior in Chinese children. *Parenting: Science and practice*, 1, 159–184. https://doi.org/10.1207/s15327922par0103_01
- Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1), 29 – 35. <https://doi.org/10.1080/00049530108255119>
- Costa, F. O., & Antoniazzi, A. S. (1999). A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais. *Paidéia*, 9(16), 67-75. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1999000100007>
- Costa, F., Teixeira, M., & Gomes, W. (2000). Responsividade e Exigência: Duas escalas para avaliar Estilos Parentais. *Psicologia e Reflexão Crítica*, 13(3), pp, 465-473. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as context: an integrative model. *American Psychological Association*, 113 (3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dicicco-Bloom, B., & Crabtree, B. F. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40(4), 314-321. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>
- Domenech Rodríguez, M. M., Donovanick, M. R., & Crowley, S. L. (2009). Parenting styles in a cultural context: Observations of 'protective parenting' in first-generation Latinos. *Family process*, 48, 195–210. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01277.x>
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>
- Eddy, J. M., Leve, L. D., & Fagot, B. I. (2001). Coercive family processes: A replication and extension of Patterson's coercion model. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 27, 14–25. [https://doi.org/10.1002/1098-2337\(20010101/31\)27:13.0.co;2-2](https://doi.org/10.1002/1098-2337(20010101/31)27:13.0.co;2-2)
- Ellemers, N. (2017). Gender stereotypes. *Annual review of psychology*, 69, 275-298. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011719>

- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., Van der Pol, L. D., Van Berkel, S. R., Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2014). Boys don't play with dolls: Mothers' and fathers' gender talk during picture book reading. *Parenting*, 14(3), 141-161. <https://doi.org/10.1080/15295192.2014.972753>
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Mesman, J. (2016). Gender-differentiated parenting revisited: Meta-analysis reveals very few differences in parental control of boys and girls. *PloS one*, 11(7), 159-193. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0159193>
- Espinar, E. (2009). Infancia y socialización: Estereotipos de género. *Revistas Padres y Maestros*, 326, 17-21. <https://revistas.comillas.edu/index.php/padresymaestros/article/view/1319/1126>
- Fagan, A. A., Lee Van Horn, M., Antaramian, S., & Hawkins, J. D. (2011). How do families matter? Age and gender differences in family influences on delinquency and drug use. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 9(2), 150–170. <https://doi.org/10.1177/1541204010377748>
- Fitzpatrick, M. A., & Vangelisti, A. L. (1995). *Explaining Family Interactions*. SAGE.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Monitor.
- França, D. X. (2006). *Socialização do preconceito em crianças negras, mulatas e brancas do Brasil* [Tese de doutoramento não publicada]. ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6. Ed). Atlas.
- Gomes, P. B. M. B. (2000). *Princesas: Produção de subjetividade feminina no imaginário de consumo* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- González, B. G. (1999). Los estereotipos como factor de socialización en el género. *Revista científica iberoamericana de comunicación y educación*, 12, 79-88. https://www.scipedia.com/public/Gonzalez_1998a
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Príncipia.

- Hastie, P., & Glotova, O. (2012). Analysing qualitative data. In K. Armour & D. Macdonald (Eds.), *Research methods in physical education and youth sport* (pp. 309-320). Routledge.
- Hastie, P., & Hay, P. (2012). Qualitative approaches. In K. Armour & D. Macdonald (Eds.), *Research methods in physical education and youth sport* (pp. 79-84). Routledge.
- Heimer, K. (1996). Gender, interaction, and delinquency: Testing a theory of differential social control. *Social Psychology Quarterly*, 59(1), 39–61. <https://doi.org/10.2307/2787118>
- Hill, C. E., Knox, S., Thompson, B. J., Williams, E. N., Hess, S. A., & Ladany, N. (2005). Consensual qualitative research: An update. *Journal of Counseling Psychology*, 52(2), 196–205. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.52.2.196>
- Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parent power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11(2), 228-239. <https://doi.org/10.1037/h0076463>
- Howard, K., Burke Lefever, J., Borkowski, J., & Whitman, T. (2006). Father's influence in the lives of children with adolescent mothers. *Journal of Family Psychology*, 20(3), 468–476. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.3.468>
- Keller, H., & Zach, U. (2002). Gender and birth order as determinants of parental behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 26(2), 177-184. <https://doi.org/10.1080/01650250042000663>
- Keller, H., & Kartner, J. (2013). Development: The cultural solution of universal developmental tasks. *Advances in culture and psychology*, 3, 63-16. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199930449.003.0002>
- Kochanska, G., Barry, R. A., Stellern, S. A., & O'bleness, J. J. (2009). Early attachment organization moderates the parent-child mutually coercive pathway to children's antisocial conduct. *Child development*, 80, 1288-1300. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2009.01332.x>
- Kohlberg, L. A. (1966). Cognitive-Developmental Analysis of Children's Sex-role Concepts and Attitudes. In E. Maccoby (Ed.), *The Development of Sex Differences* (pp. 67-78). Stanford University Press.

- Kollmayer, M., Schober, B., & Spiel, C. (2018). Gender stereotypes in education: Development, consequences, and interventions. *European Journal of Developmental Psychology, 15*(4), 361-377. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1193483>
- Leaper, C. (2002). Parenting Girls and Boys. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (pp.189-225). Lawrence Erlbaum Associates.
- Leaper, C. & Friedman, C. K. (2008). The socialization of gender. In J. E. Grusec & P. H. Hastings (Eds.), *Handbook of socialization: theory and research* (pp. 561- 587). Guilford Press.
- Lima, J. Á. (2013). Por uma análise de conteúdo mais fiável. *Revista portuguesa de pedagogia, 47*(1), 7-29. https://doi.org/10.14195/1647-8614_47-1_1
- Linver, M. R., Brooks-Gunn, J., & Kohen, D. E. (2002). Family processes as pathways from income to young children's development. *Developmental psychology, 38*(5), 719-734. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.5.719>
- Lippmann, W. (1961). *Public Opinion*. Free Press.
- Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls. A meta-analysis. *Psychological bulletin, 109*(2), 267–296. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.109.2.267>
- Louro, G. L. (2008). Gênero e Sexualidade: Pedagogias Contemporâneas. *Revista ProPosições, 19* (2), 17-23. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parentchild interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). John Wiley.
- Mandara, J., Varner, F., & Richman, S. (2010). Do African American mothers really “love” their sons and “raise” their daughters? *Journal of Family Psychology, 24*, 41-50. <https://doi.org/10.1037/a0018072>
- Mandara, J., Murray, C. B., Telesford, J. M., Varner, F. A., & Richman, S. B. (2012). Observed gender differences in African American mother-child relationships and child behavior. *Family Relations, 61*, 129-141. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2011.00688.x>

- McKee, L., Roland, R., Coffelt, N., Olson, A. L., Forehand, R., Massari, C., Jones, D., Gaffney, C. A., & Zens, M. S. (2007). Harsh discipline and child behavior problems: The roles of positive parenting and gender. *Journal of Family Violence*, 22, 187–196. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9070-6>
- McKinney, C. & Renk, K. (2008). Differential Parenting Between Mothers and Fathers: Implications for Late Adolescents. *Journal of Family Issues*, 29(6), 806-827. <https://doi.org/10.1177/0192513X07311222>
- McNaughton, J., & Niedzwiecki, C. K. (2000). Gender differences in parent child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research*, 3, 25-32. https://www.uwlax.edu/globalassets/offices-services/urc/jur-online/pdf/2000/j_ncnaughton.pdf
- Melo, M. (2018). *Psicologia e Questões de Género: Conceitos*. Évora.
- Minayo, M. C. S. (2010). Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (pp 261-297).
- Miranda, P. (2008, Junho, 25-28). *A construção social das identidades de género nas crianças: um estudo intensivo em Viseu* [Comunicação oral]. VI Congresso Português de Sociologia *Mundos Sociais: saberes e práticas*, Lisboa.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Castro, R. & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229. <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/partilha-da-responsabilidade-parental-realidade-ou-expectativa/17187>
- Nelson, T. D. (1966). *Sexism*. Allyn and Bacon.
- Pettit, G. S., Laird, R. D., Dodge, K. A., Bates, J. E., & Criss, M. M. (2001). Antecedents and behavior problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. *Child Development*, 72, 583–598. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00298>
- Prentice, D. A., & Carranza, E. (2002). What women and men should be, shouldn't be, are allowed to be, and don't have to be: the contents of prescriptive gender stereotypes. *Psychology of women quarterly*, 26(4), 269–81. <https://doi.org/10.1111/1471-6402.t01-1-00066>

- Pomerleau, A., Bolduc, D., Malcuit, G., & Cossette, L. (1990). Pink or blue: Environmental gender stereotypes in the first two years of life. *Sex roles*, 22(5), 359–367. <https://doi.org/10.1007/BF00288339>
- Raley, S., & Bianchi, S. (2006). Sons, daughters and family processes: Does Gender of children matter?. *Annual Review of Sociology*, 32, 401-421. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.32.061604.123106>
- Rebellon, C. J., Manasse, M. E., Agnew, R., Van Gundy, K. T., & Cohn, E. S. (2016). The relationship between gender and delinquency: Assessing the mediating role of anticipated guilt. *Justice of Criminal Justice*, 44, 77–88. <https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2015.11.006>
- Reis, B. (2017). Os conteúdos em análise – teorias e práticas da análise de conteúdo. In J. Feijó (Ed.), *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 205-235). Escolar Editora.
- Robinson, W. P. (1996). *Social groups and identities: developing the legacy of Henri Tajfel*. Butterworth-Heinemann.
- Roskam, I., & Meunier, J. C. (2009). How do parenting concepts vary within and between families?. *European Journal of Psychology of Education*, 24(1), 33-47. <https://doi.org/10.1007/BF03173473>
- Rudman, L. A., Moss-Racusin, C. A., Phelan, J. E., & Nauts, S. (2012). Status incongruity and backlash effects: Defending the gender hierarchy motivates prejudice toward female leaders. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48, 165–179. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2011.10.008>
- Russel, A., & Saebel, J. (1997). Mother–Son, Mother–Daughter, Father–Son, and Father–Daughter: Are They Distinct Relationships?. *Developmental Review*, 17(2), 111–147. <https://doi.org/10.1006/drev.1996.0431>
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample of preschool children. *Australian Journal of Psychology*, 50(2), 89 – 99. <https://doi.org/10.1080/00049539808257539>
- Sampaio, I. T. A. (2007). Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 2(17), 144-152. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19841>

- Soares, S. (2012). *Estilos Parentais: Percepções entre Pais e Filhos* [Dissertação de mestrado, ISPA]. Repositório Aberto do ISPA. <http://hdl.handle.net/10400.12/2586>
- Spade, J. Z., & Valentine, C. G. (2007). *The kaleidoscope of gender: Prisms, patterns, and possibilities*. Pine Forge Press.
- Sparkes, A. C., & Smith, B. (2014). *Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product*. Routledge
- Staricek, N. C. (2011). *Today's Modern Family: A textual analysis of gender in the domestic sitcom* [Dissertação de Mestrado, Auburn University]. Repositório Auburn University. <http://etd.auburn.edu/handle/10415/2757>
- Stewart, L. P., Cooper, P. J., & Friedley, S. A. (1996). *Communication and gender* (3ªed.). Gorsuch Scarisbrick.
- Suarez, M. P. A. (2018). *La herencia de papá-Género, fútbol y familia: estereotipos de género y tipificación en la relación padre e hija* [Dissertação de mestrado, Facultad de Comunicación y Lenguaje]. Repositório Institucional Pontificia Universidad Javeriana. <https://repository.javeriana.edu.co/handle/10554/44271>
- Tamis-Lemonda, C. S., Briggs, R. D., McClowry, S. G., & Snow, D. L. (2009). Maternal control and sensitivity, child gender, and maternal education in relation to children's behavioral outcomes in African American families. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 321-331. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2008.12.018>
- Torres, L. E., Garrido, A., Reyes, A. G. y Ortega, S. (2008). Responsabilidades en la crianza de los hijos. *Enseñanza e investigación en Psicología*, 13(1), 77-89. <https://link.gale.com/apps/doc/A213602044/IFME?u=anon~c32353b0&sid=googleScholar&xid=48c2ea07>
- Txabarri, I. O. (2015). *La transmisión de los roles de género en los cuentos infantiles* [Dissertação de mestrado, Universidad del País Vasco]. Repositório Aberto da Universidad del País Vasco. <http://hdl.handle.net/10810/15419>
- Vieira, C. (2007). *Educação Familiar*. V (2ªed.). Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Vyas, K., & Bano, S. (2016). Child's gender and parenting styles. *Delhi Psychiatry Journal*, 19(2), 289-293. <https://www.researchgate.net/profile/Samina-Bano->

[3/publication/311970977_Child's_Gender_and_Parenting_Styles/links/5be1d86092851c6b27ab2700/Childs-Gender-and-Parenting-Styles.pdf](https://doi.org/10.1197/0977_Child's_Gender_and_Parenting_Styles/links/5be1d86092851c6b27ab2700/Childs-Gender-and-Parenting-Styles.pdf)

Walker, A. J. (1999). Gender and Family Relationships. In M. B. Sussman, S. K. Steinmetz & G. W. Peterson (Eds.). *Handbook of marriage and the family* (pp.439-474). Springer.

Weber, L., Prado, P., & Viezzer, A. B. (2004). Identificação de Estilos Parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 323-331. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>

Winsler, A., Madigan, A. & Aquilino, S. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1), 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2005.01.007>

Wood, W., & Eagly, A. H. (2010). *Gender Handbook of Social Psychology*. Willey.

Wood, W., & Eagly, A. H. (2012). Biosocial construction of sex differences and similarities in behavior. In J. M. Olson & M. P. Zanna (Eds.). *Advances in Experimental Social Psychology* (pp. 55–123). Academic Press.

Yoo, J. A. (2017). Effect of child gender on the bidirectional relationships between parental monitoring and delinquent behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 26(12), 3452-3463. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0851-0>

Anexos

Anexo A – Guião de Entrevista aos Pais e Mães

Temas	Objetivos específicos	Questões
Tema A: Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">• Legitimar a entrevista.• Justificar o tema e a entrevista.• Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a.	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação da entrevistadora.• Informar o/a entrevistado/a sobre:<ul style="list-style-type: none">○ Tema;○ Objetivos do estudo;○ Responsáveis,○ Metodologia○ Apresentação/divulgação dos dados.• Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar.• Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista.• Assegurar a confidencialidade e o anonimato.• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.• Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.

<p>Tema B: Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o/a entrevistado/a 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados do Questionário Sociodemográfico - Caracterização do entrevistado/a: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sexo ○ Idade ○ Distrito ○ Residência (meio rural ou urbano) ○ (...)
<p>Tema C: Influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as características da interação dos progenitores com os rapazes e raparigas 	<p>Questões: 1- Fale-me um pouco do vosso dia-a-dia em casa e como são divididas as tarefas? 2- Em momentos de lazer e convívio como se organiza? 3- Tem momentos de convívio/lazer com cada um dos seus filhos? 4- Como transmite afeto ao seu filho e filha? 5- Que diferenças identifica na relação que tem com o seu filho e com a sua filha?</p>
<p>Tema D: Expetativas dos progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a perspetiva dos progenitores sobre a forma de ser e estar ideal dos filhos e filhas 	<p>Questões: 6- Quais as características que aprecia mais no seu filho ou filha? 7- O que pensa sobre a escolha de brinquedos específicos para rapazes e raparigas? 8- Que brinquedos escolheu para o seu filho ou filha? 9- Como reagiria perante uma situação em que o comportamento do seu filho/a não fosse típico de rapaz ou rapariga? 10- Para si que tipo de responsabilidades</p>

		e exigências devem recair sobre os rapazes e raparigas?
Tema E: Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar como o comportamento dos progenitores varia consoante o sexo dos filhos 	Questões: 11- De que forma lida com os comportamentos do seu filho/a que esteja em desacordo? 12- Na sua opinião quais os maiores desafios ao nível da educação de rapazes e raparigas?
Tema F: Agradecimento aos/às participantes pela participação na investigação	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a participação e disponibilidade em colaborar no Projeto de Investigação 	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a participação e pedir permissão para caso surja a necessidade de esclarecer algo poder voltar a contactar com o/a entrevistado/a • Caso o/a entrevistado/a tenha interesse em tomar conhecimento dos resultados do estudo, referir que poderei enviar os resultados por email (solicitar o email do/a entrevistado/a)

Anexo B – Guião de Entrevista aos Filhos e Filhas

Temas	Objetivos específicos	Questões
<p>Tema A: Legitimação da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Justificar o tema e a entrevista. • Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da entrevistadora. • Informar o/a entrevistado/a sobre: <ul style="list-style-type: none"> ○ Tema; ○ Objetivos do estudo; ○ Responsáveis, ○ Metodologia ○ Apresentação/divulgação dos dados. • Solicitar a colaboração do/a entrevistado/a, para a consecução do estudo a realizar. • Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.

<p>Tema B: Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o/a entrevistado/a 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados do Questionário Sociodemográfico - Caracterização do entrevistado/a: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sexo ○ Idade ○ Distrito ○ Residência (meio rural ou urbano) ○ (...)
<p>Tema C: Influência dos estereótipos de género na relação entre pais/mães e filhos/filhas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as características da interação dos progenitores com os rapazes e raparigas 	<p>Questões: 1- Fala-me do teu dia-a-dia em casa e como dividem as tarefas? 2- Para momentos de lazer/convívio como a tua família se organiza? 3- Tens atividades que faças em conjunto com cada um dos teus pais? 4-Quais os assuntos que estás mais confortável para falar com o pai e a mãe? Se fosses rapariga/rapaz o que achas que mudaria? 5- Como os teus pais demonstram que estão contentes e/ou chateados com o teu comportamento? 6 - E como demonstram que estão chateados e/ou contentes com o comportamento da tua irmã/irmão? 7- Relativamente ao teu irmão ou irmã, que diferenças encontras no modo como os teus pais interagem contigo?</p>
<p>Tema D: Expetativas dos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a perspetiva dos progenitores sobre a 	<p>Questões: 8- Como os teus pais reagem quando tens sucesso em algo que para ti foi uma conquista pessoal?</p>

<p>progenitores face ao comportamento de rapazes e raparigas</p>	<p>forma de ser e estar ideal dos filhos e filhas</p>	<p>9- E qual a reação com o teu irmão ou irmã? 10- Fala-me de alguma experiência em que sentiste o apoio dos teus pais numa escolha tua apenas pelo teu género? 11- Agora fala-me de alguma experiência em que sentiste a falta de apoio dos teus pais numa escolha tua apenas pelo teu género?</p> <p>12- Quais consideras serem os teus benefícios/vantagens enquanto rapaz/rapariga relativamente ao papel na família?</p>
<p>Tema E: Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar como o comportamento dos progenitores varia consoante o sexo dos filhos 	<p>Questões: 13- Em que medida dirias que os teus pais se interessam pelas tuas opiniões? 14- Fala-me um pouco de aspetos que comparativamente ao teu irmão/irmã pensas que os teus pais são mais rigorosos contigo? 15- E quais os aspetos em que são mais despreocupados?</p>
<p>Tema F: Agradecimento aos/às participantes pela participação na investigação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a participação e disponibilidade em colaborar no Projeto de Investigação 	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a participação e pedir permissão para caso surja a necessidade de esclarecer algo poder voltar a contactar com o/a entrevistado/a • Caso o/a entrevistado/a tenha interesse em tomar conhecimento dos resultados do estudo, referir que poderei enviar os resultados por email (solicitar o email do/a entrevistado/a)

Anexo C – Consentimento Informado

Consentimento Informado

No âmbito do Mestrado em Psicologia da Educação na Universidade de Évora, que implica a realização de uma dissertação orientada pela professora Doutora Heldemerina Pires, venho solicitar a sua participação voluntária numa entrevista. Este estudo intitulado de “Estereótipos de género na relação entre pais e filhos”, tem como principal objetivo investigar a que níveis os estereótipos de género se perpetuam no contexto familiar. Assim sendo, a população necessária para obter a informação são 8 jovens de ambos os sexos com idades entre os 15-23 anos com um irmão/irmã do outro sexo e também o seu respetivo pai e/ou mãe, pretendendo-se comparar a perspetiva destes dois grupos face à temática.

Tanto a sua participação como o registo dos dados obtidos serão mantidos em confidencialidade. A informação vai juntar-se à do grupo de participantes, realçando que o estudo pretende analisar os resultados como um todo e não em termos individuais. Ainda, a realização da entrevista seria através de videoconferência ou qualquer outra opção via online ao seu agrado. Neste sentido, peço a sua autorização para gravar a entrevista de forma a facilitar o trabalho de transcrição e depois se for do seu interesse poderei disponibilizar essa informação. Importa mencionar que ao concluir a dissertação todos os dados serão destruídos, ficando assegurado o anonimato.

Durante este processo é livre de desistir a qualquer momento da participação no estudo, não tendo nenhuma despesa nem sendo remunerado/a. Se lhe surgir alguma dúvida, poderá contactar-me para o endereço de email disponibilizado mais abaixo.

Tendo consciência do mencionado anteriormente, declaro que aceito participar no estudo.

Eu, _____,

DECLARO QUE LI E COMPREENDI todas as informações presentes neste documento, logo autorizo a utilização dos dados recolhidos para fins académicos.

Email: vanessa_rosa98@hotmail.com

O responsável:

Vanessa Rosa

Anexo D – Perspetiva Global das Entrevistas

Análise Respostas Pais e Mães

Tema C- Influência dos estereótipos de género na relação entre pais e filhos			
Questão 1- Fale-me um pouco do vosso dia-a-dia em casa e como são divididas as tarefas?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Faço quase tudo.	Responsabilidade da mãe	
eM2	A mãe e o pai dividem à noite parte das tarefas domésticas e os filhos ajudam a essencialmente a colocar/tirar a loiça da máquina, retirar e pôr a mesa.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
cM3	Então é assim eles ajudam a pôr e a levantar a mesa, colocam a loiça na máquina de lavar mais esse tipo de coisas. De resto acabo por ser eu que fico mais responsável em termos de limpeza e o meu marido quando está equilibra por tratar de cozinhar e ver da roupa.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos

cP1	O que se faz em termos de tarefas é os miúdos ajudam a levantar e a pôr a mesa, colocam a loiça na máquina de lavar e esse género de coisas e fazem alternadamente. A limpeza da casa é mais a mãe que tem essa responsabilidade e eu quando estou, para ajudar costumo cozinhar e tratar da roupa.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
dP2	As coisas da casa incluem-me mais a mim e a minha mulher (...) tudo o que haja para fazer e a organização tentamos dividir pelos dois.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais
dM4	Acaba por ser mais da minha responsabilidade e do pai e ao nível de tarefas é mais ou menos equilibrado.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais
iM5	A limpeza da casa fica quase sempre por minha conta, depois orientar pequenos almoços e afins faz-se a meio depende de quem chegar	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais

	primeiro, o pôr a mesa funciona igual e estender ou apanhar a roupa todos fazem e quanto a cozinhar sou mais eu e o pai que fazemos.		
fM6	As tarefas da casa são divididas entre mim e o meu companheiro.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais
fP3	Ajudo a minha companheira nas tarefas domésticas.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais
gP4	Tenta-se que toda a gente ajude a fazer qualquer coisa.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
gM7	Em termos de tarefas da casa ajudam a levantar e pôr a mesa, o meu filho também é mais de ir despejar o lixo e quando eu lhe peço aspira e limpa o chão e a minha filha de vez em quando ajuda-me a tratar da roupa seja a colocar a lavar ou a estender e de resto de limpeza eu tento o máximo	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos

	que for possível dividir entre mim e o meu marido.		
hM8	Os miúdos ajudam em coisas como pôr/levantar a mesa e despejar o lixo e arrumam o quarto deles e nas outras coisas sou mais eu que faço com o pai.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos

Questão 2- Em momentos de lazer e convívio como se organiza?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Falamos entre todos ver quando estão mais disponíveis e depois eu acabo por tratar de planear as coisas.	Disponibilidade	Acordo entre todos
eM2	Não tenho nada bem organizado, aqueles que acontecem são de forma espontânea e é algo que tentamos que todos gostem e por isso tentamos que em cada	Disponibilidade	Espontaneidade Preferência dos filhos

	semana se faça alguma atividade à escolha de cada um deles.		
cM3	Desde que consigamos estar todos disponíveis na mesma altura marcamos alguma coisa e garantimos que tenhamos todas as condições possíveis para o fazer com a melhor qualidade possível.	Disponibilidade	Acordo entre todos
cP1	No geral o que fazemos é tentar que haja concordância entre todas as partes quando queremos momentos para toda a família.	Disponibilidade	Acordo entre todos
dP2	Esses momentos surgem na hora é algo que acontece quando surge vontade e disponibilidade.	Disponibilidade	Espontaneidade
dM4	Não existe propriamente nada organizado o que nós tentamos fazer é quando nos encontramos todos juntos e com tempo livre é decidir o que queiramos fazer.	Disponibilidade	Acordo entre todos

iM5	O tempo que existe é pouco então os poucos momentos que temos são em casa, é mais de apapricar ou agradar uns aos outros.	Disponibilidade	Espontaneidade
fM6	O que nós fazemos é nos dias de folga ou quando estamos de férias vamos passear e visitar outros familiares.	Disponibilidade	
fP3	Aproveitamos as folgas e os fins de semana quando a disponibilidade é maior e ou vamos passear ou fazemos visitas a alguns familiares.	Disponibilidade	
gP4	Gosto de disponibilizar tempo no fim de semana para andar de bicicleta com eles e normalmente aos domingos combina-se ver um filme em família e ainda se houver tempo damos um passeio.	Disponibilidade	Preferência dos filhos Acordo entre todos

gM7	Quando fazemos coisas juntos depende muito da disponibilidade deles e do que queiram fazer, mas o que eu digo sempre que sempre é o que o lazer vem depois do trabalho estar feito.	Disponibilidade	Preferência dos filhos
hM8	Primeiro gosto de deixar as coisas feitas em casa e depois com tempo dedicar-me em pleno às atividades que escolhem.	Disponibilidade	Preferência dos filhos

Questão 3- Tem momentos de lazer/convívio com cada um dos seus filhos?			
Participante	Unidade de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Sim.	Atividades separadas	Atividades só com a filha Atividades só com o filho
eM2	Maioritariamente as coisas que faço são em conjunto.	Atividades conjuntas	

cM3	Nunca aconteceu assim fazer nada só com ela ou com ele, quando vamos sair vamos sempre os quatro para qualquer coisa.	Atividades conjuntas	
cP1	Tinha as atividades dos escuteiros em que estava com os meus dois filhos e mais no presente com a minha filha tenho o hábito de ir ver os jogos de hóquei e acompanho-a também a ver os desportos dos meus sobrinhos. De resto para sair para algo aí vamos sempre juntos.	Atividades separadas	Atividades só com a filha
dP2	Do que é possível fazer com a minha filha tenho as idas à pesca e eu e o meu filho vemos futebol.	Atividades separadas	Atividades só com a filha Atividades só com o filho
dM4	Sim tenho algumas atividades que faço em conjunto com os dois como fazer caminhadas, ir à praia ou ver televisão e acabo por ter	Atividades conjuntas Atividades separadas	Atividades só com a filha

	uma coisa extra com a minha filha que é o ir às compras.		
iM5	Sempre que estou sozinha com um deles têm a opção de escolher o que quer, seja irmos lanchar os dois fora seja estarmos em casa a ver televisão seja estar ao meu colo a conversar um desabafo do dia-a-dia.	Atividades separadas	Atividades só com a filha Atividades só com o filho
fM6	Sim os meus filhos estão em primeiro lugar.	Atividades separadas	Atividades só com a filha Atividades só com o filho
fP3	Sim.	Atividades separadas	Atividades só com a filha Atividades só com o filho
gP4	Com os dois é ir andar de bicicleta.	Atividades conjuntas	
gM7	Bem com o meu filho eu acompanho-o aos treinos dele, temos também programas que gostamos de ver os dois juntos e	Atividades separadas Atividades conjuntas	Atividades só com o filho

	algo que faça com os dois é ir até ao parque para eles brincarem e passearmos.		
hM8	Sim.	Atividades separadas	Atividades só com a filha Atividades só com o filho

Questão 4- Como transmite afeto ao seu filho e filha?			
Participante	Unidade de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Ser carinhosa com ambos e ouvindo-os, é muito demonstrar que estou presente nos piores e melhores momentos.	Presença e incentivo	Verbal Não verbal
eM2	Através de palavras reconfortantes procurar animá-los e com gestos como aquele beijinho ou abraço.	Presença e incentivo	Verbal Não verbal
cM3	O que mais existe para demonstrar amor é o saber estar para eles dar-	Presença e incentivo	Verbal

	lhes força quando precisam e celebrar as vitórias deles.		Não verbal
cP1	É muito com palavras de conforto, o estar presente quando precisam e o elogiar.	Presença e incentivo	Verbal Não verbal
dP2	Fazer coisas juntos partilhar pequenas coisas, é estar disponível para ir fazer o que eles queiram.	Presença e incentivo	Não verbal
dM4	Para os dois sempre foi à base de contato físico, ou seja, abraços e beijinhos e também com o oferecer alguma prenda quando fazem algo bem.	Presença e incentivo	Não verbal Material
iM5	Principalmente pelo colo um beijinho abracinho.	Presença e incentivo	Não verbal
fM6	Através de beijos e abraços e ainda com ajudá-los em tudo o que conseguir.	Presença e incentivo	Não verbal
fP3	Passo muito tempo a brincar com a menina, com o meu filho é mais	Presença e incentivo	Verbal

	com palavras de apoio estar presente nos momentos importantes.		Brincadeira
gP4	Muitos mimos.		
gM7	Sou muito de dar muitos beijinhos e digo que os amo, dar um colinho e estar ali mais disponível para os ouvir e confortar.	Presença e incentivo	Verbal Não verbal
hM8	Através de palavras e gestos de carinhos.	Presença e incentivo	Verbal Não verbal

Questão 5- Que diferenças identifica na relação que tem com o seu filho e a sua filha?				
Participante	Unidade de Significado	Categorias	Subcategorias	Subcategorias secundárias
bM1	A principal seja mais o facto de ela se interessar mais pelas coisas é muito recetiva e ele já é mais desligado das	Diferente	Personalidade	

	coisas custa mais a chegar.			
eM2	Penso que fui muito mais condescendente com o meu filho do que sou com as minhas filhas, com elas sou mais protetora e com ele havia maior liberdade para fazer as coisas. Agora o facto de ele ser mais velho torna diferente o acompanhamento e as preocupações que tenho.	Diferente	Tratamento diferenciado em função do género Idade	Género Masculino maior condescendência e maior liberdade Género Feminino maior proteção
cM3	Ela é mais expansiva e tem mais paciência, ele já é mais calado e gosta de estar na dele não é tão atento com os outros e carinhoso como ela e	Diferente	Personalidade	

	<p>isso faz com que a proximidade e a minha forma de reagir seja outra.</p>			
cP1	<p>Com a minha filha tenho uma relação mais próxima. Com ela sempre consegui levar as coisas a melhor bom porto que ela deixa a poeira assentar, enquanto ele era mais de confronto e agora também acho que como ela está num momento da vida com maior estabilidade e com o irmão tanto eu como a mãe temos que insistir mais.</p>	Diferente	Personalidade	

dP2	A diferença que talvez sobressai mais seja o facto de o meu filho trabalhar comigo cria outro tipo de interação, são responsabilidades que partilhamos e por ele ser mais velho existe conversas mais sérias e outras preocupações, já com ela a relação tendeu sempre um pouco a ser conflituosa chocávamos muito e eu era muito exigente com ela.	Diferente	Idade	
dM4	Na minha opinião a grande diferença que eu vejo talvez seja nos assuntos que conversamos.	Diferente	Conversas	

iM5	O que eu sempre fiz com a minha filha fiz o mesmo aos rapazes, o que eu tentei ensinar mais à menina de arrumar a casa e fazer o almoço eu já não consegui inculcar tanto isso aos meninos porque a disposição deles era outra, mas a nível de resto foi tudo igual não tenho essa diferença.	Relacionamento Igual		
fM6	A educação que eu dei ao meu filho é igual a que a filha está a passar agora e em termos de relação sempre foi igual, mas é normal que por ela ser mais nova tenhamos	Relacionamento Igual		

	outra atenção e forma de lidar com ela e ele é um exemplo a seguir.			
fP3	As idades são diferentes, portanto a atitude com cada um também.	Diferente	Idade	
gP4	Não tem diferenças.	Relacionamento Igual		
gM7	Eu tento que seja o mais igual que possa ser, tendo em conta a idade de cada um e o que exige e as próprias características deles e como reagem às situações.	Relacionamento Igual		
hM8	Com ambos a relação é idêntica.	Relacionamento Igual		

Tema D- Expetativas dos pais face ao comportamento de rapazes e raparigas			
Questão 6- Quais as características que mais aprecia no seu filho ou filha?			
Participante	Unidade de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Na minha filha destaco a forma como ela é organizada e no meu filho gosto da sua espontaneidade.	Organização Espontaneidade	
eM2	Ser bem-educado e ser uma pessoa de princípios	Valores e princípios	Cortesia
cM3	Gosto que ela seja independente, generosa e sensata.	Independência Valores e princípios	Bondade e integridade
cP1	Eu realmente gosto da forma como ela é responsável, da sua coragem e que seja sensata naquilo que faz.	Valores e princípios	Responsabilidade, coragem e integridade
dP2	Ser uma rapariga inteligente e com bom coração.	Inteligência e criatividade Valores e princípios	Bondade

diM4	Sobretudo a responsabilidade que ela tem em todos os desafios a que se propõe, a forma como ela é uma pessoa íntegra e o seu carácter forte.	Valores e princípios	Responsabilidade e integridade
iM5	Da minha filha gosto da independência dela é uma pessoa que vai à luta é aquela pessoa persistente. O meu filho do meio tem uma personalidade de muito fechado no mundo dele não é muito expansivo, mas também se eu precisar eu sei que ele está lá e o meu mais novo é mais meigo.	Independência Valores e princípios Carinhoso	Persistência e bondade
fM6	O meu filho é muito autónomo e responsável. A minha filha é uma menina respeitadora das regras e de bom coração.	Independência Valores e princípios	Responsabilidade, bondade e obediência

fp3	Nele gosto da responsabilidade e ela o facto de ser criativa.	Valores e princípios Inteligência e criatividade	Responsabilidade
gP4	É responsável honesto e muito bondoso.	Valores e princípios	Responsabilidade, integridade e bondade
gM7	Rapaz humilde tenha coragem e é muito verdadeiro em tudo o que diz e faz além de ter um coração enorme bondoso para toda a gente.	Valores e princípios	Humildade, coragem, integridade e bondade
hM8	São muito sinceros, gostam de conversar participar e ajudar em tudo. Amigos dos seus amigos e não fazem distinção de género e raças.	Valores e princípios	Integridade, bondade e respeito pelo próximo e tolerância

Questão7- O que pensa sobre a escolha de brinquedos específicos para rapazes e raparigas?			
Participante	Unidade de Significado	Categorias	Subcategorias

bM1	Isso não existe, acho que devem brincar com aquilo que quiserem e mais gostarem.	Indiferente	
eM2	Penso que se devem comprar e oferecer os indicados para o género foi algo que tive durante a minha altura.	Diferenciado	
cM3	Se queres saber se eu comprava brinquedos diferenciados para os meus filhos na altura deles comprava sim, era natural as meninas ganharem bonecas e os meninos tinham os carros, mas não vejo problema se não for assim.	Diferenciado Indiferente	
cP1	Na minha altura era normal haver essa distinção e os rapazes só brincavam com aquilo e as raparigas com aqueloutro, mas agora isso já não faz sentido as crianças brincam com qualquer coisa e não tem mal nenhum.	Indiferente	

dP2	Acho que não há problema de rapazes e raparigas brincarem seja com o que for é aquilo que quiserem.	Indiferente	
dM4	Já sou mais apologista de que devemos dar às crianças aquilo que elas gostaram mais de brincar independentemente do sexo porque têm muitas mais oportunidades de explorar.	Indiferente	
iM5	Eu já fui criada nesse ambiente de as meninas terem as bonecas e os miúdos terem os carrinhos, na minha casa sempre houve de tudo e eles brincaram com tudo.	Indiferente	
fM6	Não concordo foi algo que nunca fiz.	Indiferente	
fP3	É adequado.	Diferenciado	
gP4	Não devia haver.	Indiferente	
gM7	Eu penso que é algo que não faz sentido.	Indiferente	
hM8	Para os rapazes são mais simples e para as raparigas existe mais diversidade.	Diferenciado	

Questão 8- Que brinquedos escolheu para o seu filho ou filha?			
Participante	Unidade de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Eles sempre brincaram com os mesmos	Comuns/Indiferenciados	
cM2	Para ele eram mais carros e tinha alguns jogos, no caso delas brincavam mais com bonecas.	Tipificados pelo género	Brinquedos de rapaz Brinquedos de rapariga
cM3	Eram as bonecas e depois tinha também que ela gostava de jogos tipo puzzles. Já o irmão era muito de Playmobil coisas para construir gameboy e tinha alguns livros, não era tanto histórias para ler era mais coisas de enciclopédias.	Tipificados pelo género Comuns/Indiferenciados	Brinquedos de rapaz Brinquedos de rapariga
cP1	Os mais antigos que ela tinha era algo dos sims e claro que depois havia as bonecas e brincava muito com puzzles.	Tipificados pelo género Comuns/Indiferenciados	Brinquedos de rapariga
dP2	A ela dava-lhe peluches.	Comuns/Indiferenciados	

dM4	Até onde eu tive maior controlo sobre isso a minha filha tinha bonecas, mas depois com o passar do tempo interessou-se por ter outras coisas que eu e o pai acabamos por comprar aquilo que ela gostasse mais.	Tipificados pelo género	Brinquedos de rapariga
iM5	Até ao momento em que eu pude escolher optei por dar a ambos jogos didáticos.	Comuns/Indiferenciado	
fM6	Jogos didáticos.	Comuns/Indiferenciado	
fP3	Brinquedos didáticos.	Comuns/Indiferenciado	
gP4	Sempre de dei-lhe coisas conforme a idade.		
gM7	Tanto e ele como a ela optei por dar brinquedos didáticos.	Comuns/Indiferenciado	
hM8	Brinquedos didáticos.	Comuns/Indiferenciado	

Questão 9- Como reagiria perante uma situação em que o comportamento do seu filho/a não fosse típico de rapaz ou rapariga?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Com repreensão.	Reação negativa	Repreensão
cM2	Eu penso que a única coisa a fazer seria aceitar claro, não é por ser diferente que deixa de ser meu filho!	Reação positiva	Aceitação
cM3	Falando em trabalho isso era ao gosto dela se fosse uma área que ela mais gostasse e soubesse fazer, algo que a fizesse sentir bem não é por ser rapariga ou rapaz que não tinha a liberdade de o fazer ela contava sempre com o meu apoio.	Reação positiva	Apoio incondicional
cP1	Se a minha filha quisesse seguir um caminho mais masculino como uma tropa não vejo razão para isso ser um problema, para mim desde que fosse algo que a deixasse	Reação positiva	Apoio incondicional

	realizada eu estaria para acompanhá-la.		
dP2	Mesmo que não apoiasse tinha que respeitar era o gosto deles e se tivessem felizes tinha que seguir para a frente.	Reação positiva	Respeito
dM4	A única coisa a fazer seria aceitar, para mim o amor pelos meus filhos está acima de tudo qualquer que sejam as escolhas deles	Reação positiva	Aceitação
iM5	Teria de haver um choque, portanto e depois terá de haver uma aceitação.	Reação negativa Reação positiva	Surpresa Aceitação
fM6	Só tinha de aceitar.	Reação positiva	Aceitação
fP3	Aceitaria.	Reação positiva	Aceitação
gP4	Tentava perceber o porquê.	Reação negativa	Procurar justificação
gM7	Eu tentaria conversar com ele para perceber as razões desse comportamento e teria que saber	Reação negativa	Procurar justificação

	lidar da melhor forma possível, apoiando-o.		
hM8	Deixava que ele fizesse o que o deixasse mais feliz.	Reação positiva	Aceitação

Questão 10- Para si que tipo de responsabilidades e exigências devem recair sobre os rapazes e as raparigas?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Deve ser tudo igual.	Mesmas Responsabilidades	
eM2	Acho que atualmente essa distinção do que é para rapaz e para rapariga não faz sentido, todos como pessoas são iguais e o sucesso que se quer para um lado existe do outro.	Mesmas Responsabilidades	
cM3	Acho que as exigências devem ser iguais para os dois, fazem todos parte da sociedade e todos têm responsabilidades e deveres.	Mesmas responsabilidades	

cP1	Essa ideia que de existem coisas que têm de ser para rapaz coisas para rapariga já deixou de ter relevância e o mais importante são as pessoas em si e como eles podem contribuir. Pronto como cidadãos são iguais nas responsabilidades.	Mesmas responsabilidades	
dP2	Não acho que tenha aspetos que são necessariamente exclusivos de rapazes e raparigas, os dois têm os mesmos deveres.	Mesmas Responsabilidades	
dM4	Deve ser tudo igual não faço essas distinções, tanto rapazes e raparigas têm que fazer o seu trabalho.	Mesmas Responsabilidades	
iM5	Sou contra o ser para rapaz ou ser para rapariga, eu acho que desde que eles sejam felizes ou tenham a liberdade de escolha acho que não há essa divisão qualquer coisa é para todos.	Mesmas Responsabilidades	

fM6	Os dois devem e tem de ser inculido o ajudar nas tarefas domésticas.	Mesmas Responsabilidades	
fP3	Acho que têm de ser iguais, para rapazes e raparigas eu queria que respeitem sempre os outros em qualquer situação.	Mesmas Responsabilidades	
gP4	Devem ser idênticas	Mesmas Responsabilidades	
gM7	Acho que devem ser as mesmas, acho que tanto rapazes e raparigas podem fazer as mesmas coisas e sendo cidadãos são iguais em deveres.	Mesmas Responsabilidades	
hM8	Serem responsáveis pelos seus atos, respeitarem o outro e cumprirem com as suas obrigações do dia-a-dia.	Mesmas Responsabilidades	

Tema E- Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas			
Questão 11- De que forma lida com os comportamentos do seu filho/a que esteja em desacordo?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	Tento inculcar-lhe mais responsabilidade.	Aconselhamento	
eM2	Procuro que seja pelo diálogo.	Diálogo	
cM3	O máximo que faço é aconselhá-la e compreender as razões dela posso querer as coisas de outra forma, mas tenho que aceitar.	Diálogo	
cP1	O que tentei sempre fazer ao longo dos anos foi aconselhá-la tentar que ela compreendesse o porquê de eu achar errado e como ela poderia agir numa próxima vez, ouvindo a parte dela.	Aconselhamento	
dP2	Fico triste, mas acabo por ir conversar com ela e explicar as minhas razões e compreender as	Diálogo Aconselhamento	

	dela e depois aconselhar da melhor maneira e confiar nela.		
dM4	Não fico satisfeita e depois vou tentar falar com ela para saber o que se passa insistindo e questionando até encontrarmos um ponto de equilíbrio entre as duas.	Diálogo	
iM5	Simplesmente é chamar à razão e é expor os meus porquês e tentar entender.	Aconselhamento Diálogo	
fM6	Convencer da minha opinião e fazê-los perceber como podem melhorar.	Aconselhamento Diálogo	
fP3	Falo com eles e tento levá-los à razão.	Aconselhamento	
gP4	Às vezes tem que ser com um castigo.	Castigo	
gM7	Chamo-o para a gente conversar e explico-lhe quais são os meus argumentos e tento que ele	Aconselhamento	

	compreenda uma forma mais adequada de fazer as coisas.		
hM8	Com diálogo.	Diálogo	

Questão 12 - Na sua opinião, quais os maiores desafios ao nível da educação de rapazes e raparigas?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
bM1	As amigas da adolescência são algo que marcam bastante a ponto de definir o futuro deles. É um período em que ocorrem muitas mudanças e temos que lidar com novas coisas que requerem uma atenção especial.	Educação e formação da pessoa	
eM2	Os grandes desafios são abordar o tema da sexualidade e das mudanças do corpo, penso que onde possa haver mais complicações seja na puberdade.	Mudanças relacionadas com a puberdade e sexualidade	

cM3	No fundo é prepará-los para construir um bom caminho na vida e que sejam jovens com valores.	Educação e formação da pessoa	
cP1	A intenção ao educar é que os meus filhos consigam ser bem-sucedidos e estejam preparados para o mundo real e saibam o que está certo. O maior desafio se posso dizer assim é saber como podemos levar melhor um e outro, é fazer um ajuste entre as nossas características para que as necessidades de cada um fiquem satisfeitas.	Educação e formação da pessoa Mudanças relacionadas com as interações	Interação com rapazes Interação com raparigas
dP2	Acho que ao longo do percurso deles são exigências e posturas diferentes e com isso há sempre coisas mais difíceis que outras, mas tudo normal.		

dM4	Período da adolescência que é sempre aquele que acarreta certas complicações. Mas o maior desafio sem dúvida é conseguir educar para serem bons seres humanos.	Educação e formação da pessoa	
iM5	É a abertura das mentes, acho que o ser humano ainda está muito fechado para esta evolução está a ser um mundo de choque e por muito que se fale em igualdade a mente da pessoa não muda só porque nós queremos.	Educação e formação da pessoa	
fM6	Eu penso que se os rapazes tiverem um bom suporte familiar sejam mais obedientes enquanto as raparigas são muito teimosas e desafiam mais os pais.	Mudanças relacionadas com as interações	Interação com rapazes Interação com raparigas
fP3	As raparigas são mais teimosas.	Mudanças relacionadas com as interações	Interação com raparigas
gP4	Os desafios são os mesmos.		

gM7	Eu acredito que os desafios são iguais porque tanto é difícil educar rapazes como raparigas e cada vez mais na realidade em que estamos a viver essa exigência impõem-se porque são muitas coisas novas para os quais temos de os preparar.	Educação e formação da pessoa	
hM8	Saber lidar com as dificuldades e tentar superá-las.		

Análise Respostas Filhos e Filhas

Tema C- Influência dos estereótipos de género na relação entre pais e filhos			
Questão 1- Fala-me do teu dia em casa e como dividem as tarefas?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	A grande maioria das tarefas divide-se principalmente entre mim e a minha mãe.	Divisão de tarefas entre mãe e filha	
bFo2	Acaba por ser a minha mãe que faz praticamente tudo, tirando	Responsabilidade da mãe	

	algumas exceções em que o meu pai pode dar alguma ajuda a arrumar a cozinha e a aspirar a casa.		
cFa3	As tarefas por norma são divididas entre mim a minha mãe e o meu irmão, o meu pai depende dos dias que ele está em casa ou não.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
dFa4	Atualmente pronto é tudo mais ou menos dividido a minha mãe e o meu pai fazem as coisas de casa mais ou menos igualmente e eu e o meu irmão quando estávamos presentes ajudávamos em coisas como fazer a comida e pôr a mesa.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
eFo5	Quanto a tarefas tanto eu como as minhas irmãs ocupamo-nos do nosso quarto e no resto ajudamos os nossos pais sempre que eles	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos

	pedem tipo para pôr a mesa ou colocar a loiça na máquina.		
fFo6	Quando estava com os meus pais tratava de arrumar o meu quarto e ajudava nas outras coisas.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
gFo7	As tarefas são divididas por todos.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos
hFo8	Eu e a minha irmã ajudamos nas tarefas de casa.	Divisão de tarefas entre todos	Responsabilidade dos pais Ajuda dos filhos

Questão 2- Para momentos de lazer/convívio como a tua família se organiza?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Tenta-se sempre que possível apesar de as vezes ser difícil conciliar com os horários de toda a gente, organizarmos uma pequena viagem de carro.	Disponibilidade	

bFo2	É assim organizamo-nos bem, costuma ser a minha mãe a tratar dessas coisas e a ver a disponibilidade de cada um e escolher o melhor programa.	Disponibilidade	Acordo entre todos
cFa3	Junta-se a família toda.	Disponibilidade	Acordo entre todos
dFa4	Eu diria que nos organizamos mal porque é tudo assim muito na hora e não há propriamente ninguém que seja tipo constante com ideias.	Disponibilidade	Espontaneidade
eFo5	Algo que nós temos hábito de fazer é durante o fim de semana que são passeios, mas não é nada que seja muito pensado os meus pais decidem no momento.	Disponibilidade	Espontaneidade
fFo6	O que nós fazemos é ou vamos passear ou vamos visitar outros familiares quando temos o tempo livre.	Disponibilidade	

gFo7	Normalmente vamos ao parque, mas também assistimos televisão e andamos de bicicleta.		
hFo8	Organizamos as coisas em casa para ficarmos livres.	Disponibilidade	

Questão 3- Tens atividades que faças em conjunto com cada um dos teus pais?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Não propriamente. Tenho certas coisas que faço mais com a minha mãe para nos distrairmos, já que normalmente é a pessoa com que saio para tomar um café ou fazer umas caminhadas. Em relação ao meu pai nem por isso, diria que somos mais distantes.	Atividades com um dos progenitores	Atividades só com a mãe
bFo2	Faço mais com o meu pai, nós temos este hábito de ver juntos jogos de futebol.	Atividades com um dos progenitores	Atividades só com o pai

cFa3	Com a minha mãe nós principalmente costumamos ir às compras as duas. Com o meu pai, nós vamos andar a pé com a cadela à noite ou então vamos ver jogos de desporto.	Atividades com ambos os progenitores	Atividades com a mãe Atividades com o pai
dFa4	Posso dizer que sim. Em termos de atividades com o meu pai nós vamos juntos à pesca ou à maré, e com a minha mãe em termos de atividades já é diferente secalhar conversar um pouco sobre tudo e desabafar sobre os problemas e de outras coisas o que acontece é ir com ela às compras.	Atividades com ambos os progenitores	Atividades com a mãe Atividades com o pai
eFo5	Talvez mais com o meu pai possa ser o facto de ir andar de bicicleta e com a minha mãe vou às compras.	Atividades com ambos os progenitores	Atividades com a mãe Atividades com o pai
fFo6	Tenho compras que faço com a minha mãe.	Atividades com um dos progenitores	Atividades só com a mãe

gFo7	Com a minha mãe vou ao parque, vejo televisão e acompanha-me nos treinos. Com o meu pai andamos de bicicleta.	Atividades com ambos os progenitores	Atividades com a mãe Atividades com o pai
hFo8	Sim.	Atividades com ambos os progenitores	Atividades com o pai Atividades com a mãe

<p>Questão 4- Quais os assuntos que estás mais confortável para falar com o pai e com a mãe? (a) Se fosses rapaz/rapariga o que achas que mudaria? (b)</p>			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Penso que com ambos falo de assuntos sobre a escola, depois com a minha mãe tenho maior confiança para expor os meus sentimentos e desabafar sobre os meus problemas. (a)	(a) Assuntos Gerais (e escola) Assuntos íntimos e pessoais (b) Maneira como são vistos/tratados	(a) Ambos os progenitores Exclusivamente com a mãe

	Se eu fosse rapaz acho que mudaria essencialmente a maneira de eles pensarem sobre mim. (b)		
bFo2	Praticamente nada. Quando preciso dirijo-me a eles para pedir algum conselho. (a) Penso que se fosse rapariga teria muito mais para falar e desabafar com eles. (b)	(a) Nenhum	
cFa3	Com a minha mãe por falar de tudo um pouco, não só de problemas que eu tenha como de relações, sinto-me mais à vontade para falar disso com a minha mãe e a opinião dela do que propriamente com o meu pai. (a) Talvez um pouco mais a liberdade que não tenho ou neste caso que não tinha e facilidade com que eles permitiam fazer coisas. (b)	(a) Assuntos Gerais (e escola) (b) Maneira como são vistos/tratados	(a) Exclusivamente com a mãe

dFa4	<p>Mais confortável com o meu pai não há propriamente nenhum. A minha mãe é uma pessoa que tanto eu como o meu irmão conseguimos mais facilmente falar sobre qualquer coisa. (a)</p> <p>Talvez mudasse mais em relação aos gostos. Eu não sei do que é que ele e o meu irmão falam entre eles, mas do que vejo sinto se fosse rapaz e se houvesse um interesse em comum falaríamos muito mais!</p> <p>(b)</p>	<p>(a) Nenhum exclusivamente com o pai</p> <p>Assuntos Gerais (e escola)</p> <p>(b) Grau e tipo de conversa</p>	(a) Exclusivamente com a mãe
eFo5	<p>Eu penso que não seria nada de diferente porque eu tanto com um como com o outro sinto-me bem a falar de qualquer coisa eles sempre me deixaram à vontade para tudo e não havia assuntos proibidos digamos assim.</p>	<p>(a) Assuntos Gerais (e escola)</p> <p>(b) Inalterável</p>	(a) Ambos os progenitores

fFo6	Estou confortável a falar de qualquer assunto que seja com os meus pais. (a) Penso que seria tudo igual. (b)	(a) Assuntos Gerais (e escola) (b) Inalterável	(a) Ambos os progenitores
gFo7	Sinto-me bem a falar com os dois. Acho que não mudaria nada.	(a) Assuntos Gerais (e escola) (b) Inalterável	(a) Ambos os progenitores
hFo8	Falamos de tudo, acho que não mudaria nada.	(a) Assuntos Gerais (e escola) (b) Inalterável	(a) Ambos os progenitores

Questão 5- Como os teus pais demonstram que estão chateados e/ou contentes com o teu comportamento?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Quando estão contentes eles sorriem e abraçam-me e se estiverem	Demonstração de agrado Demonstração de desagrado	Alegria Aborrecimento e conflito

	chateados começam a querer discutir.		
bFo2	Se estiverem felizes com o que eu tiver feito dão-me palmadinhas nas costas e se não concordarem tentam compreender as minhas razões e explicam-me como poderia ter feito as coisas de maneira diferente.	Demonstração de agrado Demonstração de desagrado	Alegria Compreensão e aconselhamento
cFa3	Os meus pais sempre me disseram que quando eu fazia algo mal eles eram os primeiros a dizer, hum não de forma a ralhar comigo, mas de forma a me abrir os olhos.	Demonstração de desagrado	Aconselhamento

dFa4	<p>O meu pai tentava ao máximo afastar-se quando havia problemas e rapidamente entre nós surgia conflito. Ao nível da minha mãe sempre que havia algo de errado chegava-se a mim para tentar perceber o que se passava e falávamos das coisas calmamente, ela dizia o ponto de vista dela e aconselhava-me.</p> <p>Quando faço algo de bom ou completo um objetivo na minha vida eles esforçam-se para me felicitar valorizar e incentivar a continuar,</p>	<p>Demonstração de desagrado</p> <p>Demonstração de agrado</p>	<p>Aborrecimento e conflito</p> <p>Compreensão e aconselhamento</p> <p>Incentivo</p>
------	---	---	--

	já podem dizer até vamos fazer algo para celebrar.		
eFo5	Se o meu comportamento for do agrado deles elogiam-me e quando eu faço algo que os chateia eles normalmente tentam corrigir e avisam-me.	Demonstração de agrado Demonstração de desagrado	Elogio Aconselhamento
fFo6	Quando eles estão contentes mostram orgulho em mim e se estiverem chateados dão-me na cabeça.	Demonstração de agrado Demonstração de desagrado	Alegria Aconselhamento
gFo7	Se estão contentes elogiam-me. Se estão tristes dão-me um ralhete e fico de castigo.	Demonstração de agrado Demonstração de desagrado	Elogio Repreensão e castigo

hFo8	Conversamos muito e gostamos de estar juntos quer estejam chateados ou não.		
------	---	--	--

Questão 6- E como demonstram que estão chateados e/ou contentes com o comportamento da tua irmã/irmão?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Quando estão contentes com o comportamento dele costumam felicitá-lo e expressam o orgulho que têm e quando estão chateados dizem o porquê de não concordarem e que podia ter feito de outra forma.	Igual Existem diferenças	Aconselhamento
bFo2	Agem de forma igual.	Igual	

cFa3	<p>Eu penso que eles sempre foram um pouco mais exigentes com ele hum em relação as decisões que ele toma do que eu (...) o meu irmão a nível da personalidade dele ele é muito impulsivo então acaba por tomar as decisões e arrepende-se.</p>	Existem diferenças	Exigência
dFa4	<p>Penso que a única diferença é como ele não expressa tanto a pedir que comuniquem quando as coisas estão mal vamos sentar e resolver ou quando há algo de positivo o dizer</p>		

	para irmos celebrar que é importante, como eu sou tão insistente com essas coisas eles quase que têm isso mais presente na cabeça comigo e fazem-no.		
eFo5	Acho que se tiverem chateados têm outro cuidado especial por serem mais novas e meninas e tem coisas que ainda não os preocupa tanto como é comigo.	Existem diferenças	Maior cuidado
fFo6	Fazem o mesmo que comigo, mas sendo ela mais nova vão com outra intenção.	Igual	
gFo7	Igual.	Igual	

hFo8	Ralham, conversam muito e aplicam castigos.	Existem diferenças	Repreensão e castigo

Questão 7- Relativamente ao teu irmão ou irmã, que diferenças encontras no modo como os teus pais interagem contigo?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Acho que a relação da minha mãe com o meu irmão é mais madura que eles conversam de assuntos mais sérios e já não tem uma postura tanto de controladora. O meu pai como tem mais gostos em comum com o meu irmão eles são bastantes próximos e	Diferenças na Interação	Controlo Parental Exigência Conteúdo das conversas

	<p>ele até é mais compreensível e por vezes condescendente com ele por ser rapaz, sinto que comigo o meu pai é mais crítico.</p>		
bFo2	<p>A liberdade que eles me deram sempre mais a mim do que a ela, e logo o facto de eu não precisar de dar tantas justificações.</p>	Diferenças na Interação	Controlo Parental
cFa3	<p>Nós somos completamente diferentes a nível de personalidade claro que é diferenças na forma como tratam cada um e também da fase em que nós estamos nas nossas</p>	Diferenças na Interação	<p>Personalidade</p> <p>Idade</p>

	<p>vidas. Eles são mais exigentes na atualidade com o meu irmão porque sentem que ele estagnou. Na adolescência há sempre diferenças aí está por ser rapaz ou rapariga e daquilo que nós queríamos seguir.</p>		
dFa4	<p>Primeiro o meu irmão trabalha com eles logo aí estabelecem outra relação é outra dinâmica que têm só os três. A grande diferença será na forma como comuniquem connosco a ele tratam-no como mais adulto e</p>	Diferenças na Interação	Idade

	<p>procuram-no mais para as questões sérias e eu ainda sou a menina que está a fazer o seu caminho e muito pela idade de cada um eles fazem comparações sobre o que é que eu e o meu irmão já conseguimos na vida.</p>		
eFo5	<p>Penso que a diferença seja por eu ser mais velho as coisas entre nós ganharam outra seriedade, eles já esperam outra postura de mim e estão a construir um caminho para eu ficar mais autónomo</p>	Diferenças na Interação	Idade

fFo6	A forma de eles lidaram com cada um é diferente porque estamos em momentos que precisamos de diferentes posturas deles.		Idade
gFo7	Acho que é igual.	Sem diferenças na interação	
hFo8	Da mesma forma.	Sem diferenças na interação	

Tema D- Expetativas dos pais face ao comportamento de rapazes e raparigas			
Questão 8- Como os teus pais reagem quando tens sucesso em algo que para ti foi uma conquista pessoal?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Eu acho que reagem bem, quero dizer desde	Alegria	

	que eu esteja feliz é o que importa, mas como sabem que me esforço e sou dedicada dão-me os parabéns e recebo miminhos		
bFo2	Eles ficam felizes por mim apreciam o meu esforço e gostam que eu batalhe pelo que quero. Tem vezes que podem comprar-me alguma coisa especial ou fazem um prato que eu goste.	Alegria Comemoração	
cFa3	Eles sempre demonstraram que ficaram orgulhosos de mim nessas situações.	Alegria	

dFa4	Fazer alguma coisa para celebrar e dizem mais que estão orgulhosos.	Comemoração Alegria	
eFo5	Eles costumam dar-me os parabéns e ficam contentes por mim.	Alegria	
fFo6	Costumam dar-me os parabéns.	Alegria	
gFo7	Dizem que têm orgulho em mim e ficam felizes.	Alegria	
hFo8	Dizem que estão orgulhosos abraçam-me e dão-me beijinhos.	Alegria Afeto	Afeto por gestos

Questão 9			
E qual a reação com o teu irmão ou irmã?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias

aFa1	Aqui diria que é basicamente igual.	Igual	
bFo2	Também é dentro do mesmo estilo, eles nesse tipo de coisas apoiam-nos bastante aos dois.	Igual	
cFa3	A forma deles lidaram com os sucessos e com a forma de vida que nós tomamos eles tentaram sempre que fossem da mesma forma.	Igual	
dFa4	Eu diria que vai dar ao mesmo acho que estamos os dois equilibrados.	Igual	

eFo5	A atitude deles é a mesma, eles desde que somos pequeninos são sempre os primeiros a celebrar as nossas vitórias.	Igual	
fFo6	São mais expressivos em dar carinho e dizem para ela continuar a fazer melhor.	Diferente	Afeto por gestos Incentivo
gFo7	Igual.	Igual	
hFo8	Fazem o mesmo que comigo.	Igual	

Questão 10- Fala-me de alguma experiência em que sentiste o apoio dos teus pais numa escolha tua apenas pelo teu género			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias

aFa1	Acho que concretamente pelo facto de ser rapariga não consigo identificar nada.	Não Identificada/Nenhuma	
bFo2	Não sei se está relacionado com o facto de ser rapaz, mas talvez diria quando decidi mudar de curso acho que eles aceitaram bastante bem.	Apoio	Percurso Académico
cFa3	Não tenho nada assim que possa dizer que tenha sido diferente por causa do género.	Não Identificada/Nenhuma	
dFa4	É difícil pensar em algo que tenha experienciado nesse sentido, mas secalhar o		

	<p>facto de não ter engravidado até aos 18 anos é algo que eles devem ter ficado felizes, mas nunca me disseram propriamente eu é que acredito que devido à importância que deram a isso, ter sido uma preocupação a menos que tiveram nessa fase.</p>		
eFo5	<p>Acho que nunca houve uma situação em que sentisse isso.</p>	<p>Não Identificada/Nenhuma</p>	
fFo6	<p>Nunca aconteceu eles sempre me apoiaram em tudo.</p>	<p>Não Identificada/Nenhuma</p>	

gFo7	O desporto que pratico btt, é mais um desporto de rapazes.	Apoio	Prática desportiva
hFo8	Apoiam-me em tudo.	Não Identificada/Nenhuma	

Questão 11- Agora fala-me de alguma experiência em que sentiste a falta de apoio dos teus pais numa escolha tua apenas pelo teu género			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Sem querendo especificar já houve situações que o facto de ser rapariga é um pouco condicionador de opções.		
bFo2	Talvez lhes tenha dado um susto vá, quando lá para os meus 16 anos	Falta de apoio	Aparência

	disse que queria fazer uma mudança de visual do género colocar um brinco na orelha, mas passou logo e tive também uma fase de punk.		
cFa3	Não era tanto por ser rapariga, acho que era mais por ser nova, quando tinha 15 anos talvez eu queria sair com os amigos e sei que com o meu irmão naquela idade já tinha saído e eu não podia sair porque não tinha idade.	Falta de apoio	Saídas
dFa4	Tanto as minhas escolhas no secundário	Falta de apoio	Escolhas académicas e de lazer

	<p>como na universidade escolhas ao longo da vida, sempre que foram focadas no trabalho ou sucesso financeiro ou na direção disso sempre senti menos apoio e até em atividades lúdicas sempre senti menos apoio no sentido de celebrar ou no sentido de quererem saber comparativamente ao meu irmão.</p>		
eFo5	<p>Diria o mesmo, mas também pelo facto que todas as decisões que já tomei e os caminhos que segui o meu comportamento sempre</p>	<p>Não Identificada/Nenhuma</p>	

	foi mais associado ao pressuposto de ser rapaz. (não houve)		
fFo6	Não identifico nenhuma situação em que o feedback deles fosse negativo por eu ser rapaz.	Não Identificada/Nenhuma	
gFo7	Não sei.		
hFo8	Não tenho.	Não Identificada/Nenhuma	

Questão 12- Quais consideras serem os teus benefícios/vantagens enquanto rapaz/rapariga relativamente ao papel na família?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Em termos de vantagens talvez o facto de como na minha familia pelo	Afeto Figura de apoio	

	<p>menos da parte materna sou a única rapariga sinto que tenho um mimo especial que contam mais comigo para dar suporte.</p>		
bFo2	<p>Eu não diria que seja uma vantagem exclusiva de rapaz, mas onde eu vejo que possa contribuir mais ou destacar-me seja a dar alegria e bons momentos à família.</p>	Sem benefícios	
cFa3	<p>Na minha família digamos não só os meus pais como os meus tios e avós nós somos muitas raparigas a maioria é raparigas, então não há assim um benefício que</p>	Sem benefícios	

	eu te possa dizer que tenha de ser rapariga em relação ao ser rapaz, porque somos mais nunca houve essa distinção.		
dFa4	A minha perspetiva é que aceitam mais suportam o facto de que fale mais por ser mulher.	Expressividade	
eFo5	Da minha experiência e o que me foi ensinado não digo que tenha vantagens ou desvantagens porque somos tratados de forma igual independentemente do género.	Sem benefícios	
fFo6	Não sinto que possa ter alguma vantagem a mais	Sem benefícios	

	ou menos que uma rapariga na família porque ambos à sua maneira e com as características de cada um têm o seu papel.		
gFo7	Como o meu pai está muito tempo fora eu tento ajudar a minha mãe e apoiar a minha irmã.	Figura de Apoio	
hFo8	Não sinto vantagens.	Sem benefícios	

Tema E- Diferenças nos estilos educativos parentais para rapazes e raparigas			
Questão 13- Em que medida dirias que os teus pais se interessam pelas tuas opiniões?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Hoje em dia têm mais em conta o que eu digo já me perguntam o que	Interesse	Consideração Questionamento

	eu acho dos assuntos, mas acabam por ir de acordo com o pensamento deles.		
bFo2	Eles são bastantes recetivos às coisas que digo, porque sinto que me ouvem realmente e refletem sobre os meus comentários.	Interesse	Escuta Reflexão
cFa3	(...) eles ouvem a minha opinião e <u>se</u> acham importante eles próprios dizem boa ideia ou algo do género, mas também se já estão com a decisão tomada então aí eu dou a minha opinião, mas eles deixam por aí o assunto.	Interesse	Escuta Validação Questionamento

	Levam sempre aquilo que eu digo e penso quando me perguntam principalmente.		
dFa4	Eu acho que eles podem me ouvir mais mas de verdade escutam mais o meu irmão, na minha opinião as ideias dele eles levam em consideração. Nos momentos em que ele não está, eles pedem-me coisas e também me procuram	Interesse	Interesse em função da presença e ausência do irmão: - Irmão presente menos escuta e consideração - Irmão ausente mais pedido e procura
eFo5	Eu não sou de dar a minha opinião. Quando é alguma sugestão que eles peçam ouvem e gostam de debater	Interesse	Escuta Consideração

	ideias,mas a última palavra é sempre deles, a não ser que seja algo que tenha consequências diretas sobre mim,pronto aí as minhas opiniões pesam mais na balança.		
fFo6	Qualquer decisão que tivesse que ser tomada eles sempre tiveram em consideração as minhas ideias e perguntavam-me como eu podia ajudar.	Interesse	Consideração Questionamento
gFo7	Querem saber sempre o que penso.	Interesse	
hFo8	Interessam-se sempre e gostam de ouvir a minha opinião.	Interesse	Escuta

Questão 14- Fala-me um pouco de aspetos que comparativamente ao teu irmão/irmã pensas que os teus pais são mais rigorosos contigo?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	Sem dúvida nas tarefas domésticas e com a questão da escola e também saídas à noite.	Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes	Tarefas domésticas Monitorização do estudo Controlo das saídas
bFo2	Neste ponto não consigo identificar nada, até acho que houve situações que aconteceu serem mais rígidos e exigentes com a minha irmã do que propriamente comigo.	Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas	Não existem

cFa3	Acho que durante a escola eles eram um pouco mais rigorosos comigo.	Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes	Monitorização do estudo
dFa4	Eles foram mais rigorosos comigo em termos do caminho de vida das escolhas que eu tomei. A questão do ir sair, e tinha horários mais estipulados para chegar a casa	Maior rigor com as raparigas relativamente aos rapazes	Escolhas para o futuro Controlo das saídas
eFo5	Do que eu pude passar com a idade delas e vejo eles agora a fazer não teve diferenças.	Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas	Não existem
fFo6	Diria que não existe.	Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas	Não existem

gFo7	Acho que é só porque sou mais velho.	Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas	Fator Idade
hFo8	Por ser mais velho sinto mais responsabilidade.	Maior rigor com os rapazes relativamente às raparigas	Fator Idade

Questão 15- E quais os aspetos em que são mais despreocupados?			
Participante	Unidades de Significado	Categorias	Subcategorias
aFa1	São mais despreocupados quanto ao comportamento, ou seja, o meu irmão quando tinha a minha idade ou na adolescência dele sempre teve tendência por não fazer as coisas mais acertadas e nunca foi muito responsável.	Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes	Comportamento

bFo2	É a questão da maior liberdade que sempre tive para fazer as coisas acho que os meus pais permitiram-me ser mais independente.	Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas	Comportamento
cFa3	O meu irmão mete-se mais em alhadadas vamos dizer assim mais do que eu o que acaba por preocupar mais. Ele também é uma pessoa desinteressada, eu sou uma pessoa mais carinhosa e mais gosto de saber como as outras pessoas estão.	Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes	Comportamento
dFa4	O meu irmão apesar de também ter uma relação é algo mais distante, é preciso haver outra	Maior despreocupação com as raparigas relativamente aos rapazes	Futuro

	<p>adaptação e os meus pais já partilharam que a esse nível preocupam-se mais com o futuro dele.</p>		
eFo5	<p>Não consigo encontrar um termo de comparação com elas.</p>	<p>Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas</p>	<p>Não identificado</p>
fFo6	<p>Se for ver pela minha experiência com a idade dela não posso apontar nada de diferente em relação à forma como tratam a minha irmã porque as preocupações eram as mesmas.</p>	<p>Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas</p>	<p>Não identificado</p>
gFo7	<p>Quando saio com os meus amigos posso ir sozinho. Quando a minha irmã quer sair com as amigas, a mãe também vai.</p>	<p>Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas</p>	<p>Comportamento</p>

hFo8	A nível de escola.	Maior despreocupação com os rapazes relativamente às raparigas	Monitorização do estudo
------	--------------------	--	-------------------------